



Do sonho à realidade: o caminho árduo para Ser Professor

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional
apresentado com vista à obtenção do
2º ciclo de Estudos conducente ao
grau de Mestre em Ensino de
Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário ao abrigo do Decreto-lei nº
74/2006 de 24 de março e do Decreto-
lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro.

Orientador: Dr. Tiago Manuel Tavares de Sousa

Pedro Emanuel Silva Costa

Porto, setembro de 2015

Ficha de Catalogação

Costa, P. (2015). *Do sonho à realidade: o caminho árduo para Ser Professor. Relatório de Estágio Profissional*. Porto: P. Costa. Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, SER PROFESSOR, REFLEXÃO, MODELO DE EDUCAÇÃO DESPORTIVA

Agradecimentos

Aos meus pais e irmã, por todo o apoio e estabilidade proporcionada ao longo desta caminhada, onde nada me faltou.

Aos meus alunos, por serem os meus primeiros alunos, e por todos os momentos positivos ou não que contribuíram para o meu desenvolvimento.

Aos funcionários da escola, por toda a atenção prestada no sentido de me integrarem totalmente no meio escolar.

Aos meus colegas de estágio, pela amizade, pela união, pelo trabalho em equipa e pela diversão, em que mais uma vez ficou provado que “juntos seremos sempre mais fortes”.

À professora Inês Campos, pelo carinho, pela partilha e pela compreensão ao longo do meu processo de integração na turma.

Ao professor cooperante Carlos Miragaia, por todos os conselhos, por toda a confiança e autonomia depositada em mim e por me fazer sentir o verdadeiro significado de ser professor.

Ao professor orientador Tiago Sousa, pela diferença na orientação, pela criatividade nos conselhos e ensinamentos e na maneira como fez mudar a minha visão de alguns aspetos da Educação Física e do Desporto.

Muito Obrigado!

Índice Geral

Agradecimentos	III
Índice Geral	V
Índice de Quadros	IX
Índice de Anexos	XI
Resumo	XIII
Abstract	XV
Lista de Abreviaturas	XVII
1. Introdução	3
2. Dimensão Pessoal	9
2.1 Quem Sou Eu?	9
2.2 Expetativas em relação ao Estágio Profissional	14
2.3 Entendimento do Estágio Profissional	17
3. Enquadramento da Prática Profissional	21
3.1 Estágio Profissional	21
3.2 Enquadramento Legal e Institucional do Estágio Profissional	21
3.3 A Escola	23
3.4 Conselho Geral	25
3.5 Projeto Educativo	25
3.6 O Grupo de EF	26
3.7 A Turma	27
3.8 O Núcleo de Estágio	29
3.8.1 Os colegas estagiários que se tornaram amigos	29

3.8.2 O professor Orientador	30
3.8.3 O professor cooperante	30
4. Realização da Prática Profissional	33
4.1 Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	33
4.1.1 Ser Professor	33
4.1.2 Conceção do Ensino	34
4.1.2.1 A primeira etapa	34
4.1.2.2 Análises Iniciais	35
4.1.3 Planeamento do Ensino	36
4.1.3.1 O Planeamento Anual	37
4.1.3.2 A Unidade Didática	38
4.1.3.3 O Plano de Aula	39
4.1.3.4 Imprevistos ao Planeamento	41
4.1.4 Realização do Ensino	42
4.1.4.1 O Papel do professor antes, durante e depois da aula	42
4.1.4.2 A Comunicação e <i>Feedback</i> : que facilidades e dificuldades?	44
4.1.4.3 A Gestão da Aula: quais as principais preocupações? Que problemas?	47
4.1.4.4 Gestão dos Materiais	47
4.1.4.5 Os exercícios	48
4.1.4.6 O controlo da aula: a importância do posicionamento e do deslocamento	49
4.1.4.7 Disciplina e Gestão de Conflitos	50
4.1.4.8 Ensino do Voleibol aplicando o Modelo de Educação Desportiva	51

4.1.5 Avaliação do Ensino	53
4.1.5.1 Avaliar é muito mais do que classificar	53
4.1.5.2 Avaliação Formativa	54
4.1.5.3 Avaliação Sumativa	55
4.1.5.4 Autoavaliação	58
4.2 Área 2 – Participação na Escola e Relações com a Comunidade	59
4.2.1 Reuniões na Escola	59
4.2.2 Direção de Turma	61
4.2.3 O Desporto Escolar	62
4.2.4 Atividades Não Letivas	64
4.2.4.1 Torneio de Futsal 9/10º	64
4.2.4.2 Corta-Mato Escolar	65
4.2.4.3 Torneio de Basquetebol	67
4.2.4.4 Light Dance	68
4.2.4.5 Night OJ	69
4.2.4.6 Torneio de Tag Rugby	70
4.2.4.7 Dia Aberto ao 1º Ciclo	70
4.2.4.8 Sarau Gimnodesportivo	71
4.2.4.9 Mantém-te Ativo	73
4.3 Área 3 – Desenvolvimento Profissional	75
4.3.1 Observação como meio de aprendizagem	75
4.3.2 Reflexão como meio de desenvolvimento	76
4.3.3 Portefólio Digital	77

4.3.4	Formações	78
4.3.5	Investigação	79
4.3.6	A Comunicação dos Estudantes Treinadores durante o Modelo de Educação Desportiva	81
	- Introdução	81
	- Metodologia	89
	- Resultados	90
	- Discussão	96
	- Conclusões	98
	- Bibliografia	99
5.	Conclusão	105
6.	Referências	110
7.	Anexos	XIX

Índice de Quadros

Quadro 1 – Idade dos alunos da turma.	25
Quadro 2 – Número de alunos que praticam desporto federado.	26
Quadro 3 – Modalidades praticadas pelos alunos da turma.	26
Quadro 4 – Data das aulas destinadas à gravação áudio.	86

Índice de Anexos

ANEXO I – Ficha de Caraterização da Equipa	XXI
ANEXO II – Manual de Equipa	XXII
ANEXO III – Ficha de Tarefa de Aula	XXVII
ANEXO IV – Manual do Treinador	XXIX
ANEXO V – Ficha de Árbitro	XXXIV
ANEXO VI – Ficha de Competição 2x2	XXXV
ANEXO VII – Ficha de Competição 3x3	XXXVII
ANEXO VIII – Ficha de Jogo	XXXVIII
ANEXO IX – Ficha de Bonificações	XXXIX

Resumo

O Estágio Profissional permite ao Estudante Estagiário uma entrada progressiva e orientada na realidade escola. Trata-se de um momento para aplicar e reconfigurar os conhecimentos aprendidos ao longo da formação inicial e de todas as experiências obtidas no âmbito pessoal. O estágio no ensino da Educação Física decorreu numa escola básica e secundária, onde integrei o núcleo de estágio juntamente com mais quatro estudantes estagiários, sob a orientação permanente de um professor orientador e professor cooperante. O Relatório de Estágio caracteriza-se pelo seu carácter reflexivo, e resulta na narração de acontecimentos oriundos da prática juntamente com literatura referente à área da pedagogia, da didática e das ciências da educação. O seguinte relatório está dividido em cinco capítulos: (1) Introdução; (2) Dimensão pessoal – caracterização do percurso de vida do estudante-estagiário relativamente à área do Desporto e à formação inicial assim como o registo das expetativas relativamente ao estágio; (3) Enquadramento da Prática – apresentação do contexto real onde a minha prática se inseriu e de todos os intervenientes; (4) Realização da Prática Profissional – revisão da prática de ensino dividida pelas áreas de desempenho: organização e gestão do ensino e aprendizagem, participação na escola e relações com a comunidade e desenvolvimento profissional. Neste último está inserido o trabalho de investigação cujo título é “A comunicação dos estudantes treinadores no Modelo de Educação Desportiva”; (5) Conclusão – reflexão do ano de estágio.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO FÍSICA, ESTÁGIO PROFISSIONAL, SER PROFESSOR, REFLEXÃO, MODELO DE EDUCAÇÃO DESPORTIVA.

Abstract

The Practicum Training allows a progressive and oriented incoming in the school reality, coming as a starting point to implement and reconfigure the knowledge learned during the initial education program and all the skills obtained by personal experiences. The Practicum Training was developed in Basic and Secondary School where I have been integrated in a group with more three preservice teachers, under the cooperative and supervisor teacher permanent supervision. The Practicum Report is a reflexive document and it was the result of the events narration from the practice along with literature on the area of pedagogy, didactics and education sciences. The document is organized in five chapters: (1) Introduction; (2) Personal Dimension - characterization of the sport and educational life experiences as well as the expectations about Practicum Training; (3) Professional Practice Framework - presentation of the real context where my practice was developed with reference to all the educational agents; (4) Realization of Professional Practice - review of teaching practice divided by performance areas: organization and management of teaching and learning, participation in school and community relations and professional development. In the latter it is presented the research work entitled "The communication students-coaches in Sports Education Model "; (5) Conclusion – synthesizing the Practicum Training.

KEYWORDS: PHYSICAL EDUCATION, PRACTICUM TRAINING, TO BE A TEACHER, REFLECTION, SPORT EDUCATION MODEL.

Lista de Abreviaturas

AEJ – Associação Estamos Juntos

DE – Desporto Escolar

EE – Estudante Estagiário

EF – Educação Física

EP – Estágio Profissional

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

MED – Modelo de Educação Desportiva

NE – Núcleo de Estágio

PD – Portefólio Digital

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PO – Professor Orientador

PSP- Polícia de Segurança Pública

RE – Relatório de Estágio

UTAD – Universidade de Alto Douro e Trás-Os-Montes

1. INTRODUÇÃO

1. Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Estágio Profissional (EP) referente ao terceiro e quarto semestre do Segundo Ciclo de Estudos conducentes ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

A operacionalização do Estágio Profissional teve lugar numa escola Básica e Secundária, situada em São João da Madeira, distrito de Aveiro, caracterizada pelas modernas condições que apresenta aos alunos e professores para exercerem as suas funções. Os colegas de estágio que me acompanharam ao longo do ano revelaram-se excelentes cúmplices, devido ao ambiente de partilha e companheirismo que foi criado ao longo do ano, facilitando a atuação de cada um na atividade docente.

Foi numa turma do 7º ano de escolaridade que realizei a minha prática pedagógica, com a orientação do professor orientador e supervisão do professor cooperante, onde construí de forma progressiva a minha identidade profissional.

O Estágio Profissional tem como objetivo a integração do Estudante Estagiário (EE) no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, nas sinuosidades de um contexto real, desenvolvendo competências profissionais que promovam um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.¹

A fase de entrada na carreira de um docente é marcada por um período de aprendizagens que possibilitam ao professor a sobrevivência na profissão, sendo rico em termos de novas experiências pedagógicas, durante o qual se confrontam as expectativas e realidades (Flores, 1999). Concordando com o autor anterior, o EP possibilita ao EE uma entrada na atividade docente de forma orientada, nomeadamente devido à supervisão do professor cooperante e professor orientador. Assim, o EE não abandona a formação e entra

¹ Documento interno da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, designado "Normas Orientadoras do Estágio Profissional", elaborado pela Doutora Zélia Matos para a unidade curricular Estágio Profissional no ano letivo 2014/2015.

abruptamente na docência, passando antes por um período de adaptação, em que a supervisão e a partilha com os colegas de estágio tornam esta etapa muito rica em termos de aprendizagem, devido ao facto de haver um confronto de ideias com os professores mais experientes e rotinados.

Assim, a multiplicidade de funções do professor, a importância da aprendizagem social e a observação entre pares foram alguns dos aspetos que tornam-se pertinentes recordar. A multiplicidade de funções diz-nos que a função do professor é muito mais do que lecionar aulas, remete-nos para as funções que o mesmo acarreta, desde a presença em reuniões e no conselho de disciplina; a aprendizagem social, pois é importante refletir o papel do aluno no processo de Ensino-Aprendizagem, reposicionando-o no epicentro do mesmo, ao invés do professor; e por último a observação entre pares torna-se importante porque permite a absorção e observação de novos métodos, novas estratégias e ideias que são importantes para construir a nossa própria identidade profissional.

O presente Relatório de Estágio (RE) está dividido em cinco capítulos: (1) Introdução – realização de uma breve reflexão acerca do EP e do RE; (2) Dimensão Pessoal – caracterização do meu percurso de vida em relação ao Desporto, assim como da minha formação inicial, terminando nas expectativas que apresento em relação ao EP; (3) Enquadramento da Prática Profissional – apresentação do contexto real da minha prática bem como a caracterização dos agentes envolvidos; (4) Realização da Prática Profissional – construção de uma retrospectiva da prática pedagógica, dividida pelas áreas de desempenho, mais especificamente, a organização e gestão do ensino e da aprendizagem, a participação na escola e relações com a comunidade e o desenvolvimento profissional; (5) Conclusão – síntese final do ano de estágio.

Parafraseando Campos (2001, p.4) “a formação profissional de professores não se destina apenas a capacitar para analisar, compreender ou explicar a realidade educativa. Visa também preparar os docentes para nela intervir, transformando-a”. Deste modo, o Estágio Profissional constitui-se como

um meio facilitador para o Estudante Estagiário ficar preparado para intervir na realidade educativa.

2. DIMENSÃO PESSOAL

2. Dimensão Pessoal

2.1 Quem sou eu?

O meu nome é Pedro Emanuel Silva Costa e nasci no dia 2 de Outubro de 1992, na cidade de Oliveira de Azeméis. Resido, atualmente, na freguesia de Travanca do mesmo concelho, onde partilho residência com os meus pais e irmã. Foi, naturalmente, no concelho de Oliveira de Azeméis que completei toda a minha escolaridade, desde o ensino primário, na velhinha Escola do Outeiro, à escola básica no Pinheiro da Bemposta, finalizando o ensino secundário, no centro da cidade, na Escola Secundária Soares Basto.

Apaixonado, desde muito cedo, pelo Desporto e pela competição, aos 5 anos de idade iniciei a minha participação neste mundo tão apaixonante e desafiante que me acompanha até aos dias de hoje. Aconselhado por um amigo, ingressei no *karaté*, um desporto individual reconhecido pela transmissão dos valores fundamentais do respeito, da disciplina e da sinceridade. Paralelamente, comecei também a praticar hóquei em patins na União Desportiva Oliveirense, clube importante no panorama nacional da modalidade. Foi com empenho e, por vezes, algum sacrifício, que durante muitos anos conciliei estas duas modalidades desportivas, que muitos sucessos me deram enquanto praticante. Além da conquista do título de campeão distrital de hóquei em patins, na categoria de Infantis A, arrecadei durante alguns anos, vários títulos individuais e coletivos no *karaté*, desde campeonatos regionais a campeonato nacionais. Fui, por isso, além de um praticante assíduo, um adolescente que se empenhava em cada treino no sentido de melhorar a *performance*, o que me permitiu alcançar o topo do *karaté* nacional, na respetiva categoria.

Confesso que, para mim, estes títulos representaram um orgulho e uma satisfação enorme, pois via recompensado o meu esforço com as subidas constantes aos lugares do pódio. No entanto, com o Desporto aprendi que o importante é nunca desistir e deixar de lutar pelos nossos objetivos, mesmo quando os resultados que queremos não sejam os desejados. Mantendo sempre o foco e a dedicação, o futuro será mais positivo e trará mais alegrias.

No entanto, a minha paixão não se baseou apenas pelas modalidades praticadas, mas sim pelo Desporto em geral, o que resultava em presenças assíduas em jogos de futebol, futsal, basquetebol e outras modalidades, bem como na leitura assídua de jornais, revistas e artigos desportivos. Mas, sempre nutri um carinho especial pelo futebol, e sempre foi uma ambição minha fazer parte desta modalidade num futuro próximo, fazendo parte de uma equipa técnica.

A entrada no ensino secundário e a sobrecarga de horários trouxe consequências resultando na desistência do hóquei em patins e deixando o *karaté* um pouco para segundo plano, sendo que a presença nos treinos começou a ser menos assídua e o interesse foi decrescendo.

Aos 17 anos de idade, chegou a altura de tomar uma das decisões mais importantes na minha vida, com a escolha do curso universitário para a qual queria concorrer. Contudo, foi uma decisão fácil de tomar e uma certeza tinha: seria sempre algo ligado ao desporto. Desde a Educação Física, o treino desportivo ao jornalismo desportivo, estas seriam sempre opções a considerar, com maior incidência para a primeira. Ingressei então, no curso de Educação Física e Desporto no Instituto Piaget em Vila Nova de Gaia, onde concluí a licenciatura.

Durante o 2º ano de licenciatura, iniciei a minha atividade no ramo do treino desportivo ligado ao futebol, onde colaborei com a Associação Atlética de Avanca no escalão de petizes e seniores. Em simultâneo, colaborei ainda com o Jornal de Estarreja, com a escrita das crónicas dos jogos realizados em cada fim-de-semana. No derradeiro ano de licenciatura, o terceiro, realizei o meu estágio profissional ligado ao futebol, no Sporting Clube de Arcozelo, clube do concelho de Vila Nova de Gaia e que me abriu novos horizontes acerca do futebol de formação praticado fora do distrito de Aveiro.

Ainda em relação à prática desportiva, no último ano de licenciatura, ingressei no futsal, modalidade que já poderia ter tido a oportunidade de ingressar em anos anteriores, fazendo parte do plantel da Amisad, um clube amador da vila de Avanca. Esta entrada no clube fez com que desenvolvesse

conhecimentos a nível da modalidade de futsal, já que é uma modalidade completamente distinta do futebol. Considero que para qualquer treinador seja importante o conhecimento não só da sua modalidade, mas também das restantes modalidades, pois, por muito diferentes que possam parecer há sempre a retirar algo das outras modalidades para a modalidade em que estamos inseridos.

Finalizada a licenciatura, e como a procura do conhecimento e da formação nunca é demais, decidi continuar os estudos, concorrendo ao mestrado do Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, onde ingressei no ano de 2013. Depois de um primeiro ano de mestrado de grande trabalho e esforço, onde ampliei os meus conhecimentos no âmbito do Desporto e respetiva pedagogia de ensino, entrei numa escola básica e secundária, para a realização do estágio profissional no âmbito do segundo ano de mestrado.

Em paralelo com a atividade do estágio profissional na escola em São João da Madeira, exerci ainda funções de treinador de futebol, no escalão de Petizes, na União Desportiva Oliveirense e pratiquei futsal no Futsal Clube Azeméis B, clube para onde me transferi no último ano.

Creio que, com este curto percurso, adquiri um conjunto de conhecimentos e competências que serão importantes para exercer a minha atividade futura, na área da Educação Física. Esses atributos referem-se, não só à dimensão profissional, bem como à dimensão pessoal.

Em relação às características pessoais considero-me uma pessoa humilde, divertida, responsável e com capacidade para criar relacionamentos com grande facilidade, o que me leva a crer que consiga realizar com rigor e de forma autónoma o meu trabalho. O facto de já ter estado ligado a modalidades distintas, quer individuais quer coletivas, permitiu-me alcançar novos horizontes no âmbito da cultura desportiva, estando agora mais capaz e preparado para intervir nas minhas sessões de trabalho.

Com o *karaté* aprendi os valores do respeito, da disciplina, do rigor, da honestidade e da sinceridade, essenciais para quem pratica Desporto e se guia pelos princípios da lealdade e da justiça. Vencer no Desporto é positivo, mas o respeito pelos colegas, adversários e restantes profissionais desportivos é mais importante do que qualquer vitória e esta é uma das principais mensagens que pretendo passar enquanto produtor desportivo, quer na escola quer no treino. Também o empenho, a aplicação e o esforço revelam-se fundamentais na evolução desportiva de qualquer atleta, pois só com estes propósitos um atleta consegue manter o seu rendimento no nível desejado. Por isso, o empenho nas aulas e nos treinos, a repetição sistemática e a vontade em superar-se cada vez mais são outros princípios morais que desejo ver incutido nos meus alunos e atletas, tal como me foi transmitido enquanto praticante desportivo.

Recordo ainda várias sessões de *karaté* em que ficava responsável por dar o aquecimento ao restante grupo. Este tipo de comportamento faz com que desenvolvemos a nossa capacidade de autonomia e de responsabilidade, bem como o despertar do nosso conhecimento acerca dos métodos e estratégias de treino. Assim, considero extremamente importante, como futuro professor desenvolver nos alunos a sua capacidade autónoma em aderir à atividade desportiva e promover a sua prática.

Por último e não menos importante, recordo dentro de vários outros aspetos, na minha passagem pela hóquei em patins da União Desportiva Oliveirense, a importância da união, do trabalho de equipa e do bom ambiente do grupo numa equipa, pois só com esta conjugação é possível criar uma equipa coesa que lute toda para o mesmo objetivo. Por isso, e em relação a este último fator, o conhecimento adquirido relaciona-se com o facto de a criação de uma equipa coesa e forte, em termos afetivos, é bastante importante para o concretizar de um objetivo que se pretende que seja comum a todos.

Nesta minha caminhada do “quem sou eu”, tive sempre a meu lado pessoas que me marcaram e que ficarão para sempre gravadas na minha memória. Desde a família que sempre me apoiou e suportou, e, transmitindo-me os valores da honestidade, da lealdade e da sinceridade, aos amigos que sempre

estiveram ao meu lado e a treinadores e antigos treinadores, devido aos ensinamentos e experiências que me passaram.

Neste ramo, destaco o meu treinador de *karaté*, pela simplicidade na passagem da sua mensagem e pelo seu rigor no método de treino. Quando me refiro ao meu treinador de *karaté*, destaco nele a tranquilidade com que encarava todas as situações, desde o treino à competição. Esta tranquilidade fazia-se sentir depois nos atletas, o que tornava o espírito existente no grupo propício para a prática desportiva. Também a maneira com que comunicava com os atletas, de forma calma e cativante, e a relação de amizade que criava connosco, fazia com que os atletas aderissem à sua mensagem e acreditassem ainda mais nos seus princípios. Em relação à prática desportiva em concreto, era um treinador que além de criar treinos bastante desafiantes e diversos, com a inclusão de desportos adaptados ao futebol, basquetebol e andebol na fase de aquecimento, usava da palavra para explicar o objetivo de cada exercício e a sua correta execução. Todavia, era um treinador que ouvia os seus atletas e confiava neles, de maneira a confiar por diversas vezes nos seus atletas, eu incluído, a condução dos exercícios de aquecimento do treino e não só. Posso mesmo afirmar que as sessões de *karaté* eram muito mais do que uma simples sessão da modalidade, mas também uma aula de conteúdos sobre a atividade física, como por exemplo, sobre os músculos exercitados em cada exercício. Devido a estes aspetos, destaco este meu antigo treinador como um grande exemplo a seguir na minha carreira futura, enquanto profissional do Desporto e certamente, irei adotar alguns dos seus princípios, na qual eu concordo.

Por último, falta-me recordar as minhas vivências enquanto praticante de Educação Física na escola e dos professores que mais marcaram durante todo o meu percurso escolar. Desde muito cedo, do ensino primário ao ensino secundário, a Educação Física foi sempre a minha disciplina favorita, o que tornavam aqueles dias em que tinha Educação Física como os mais motivantes e desafiantes da semana de escola. Devido ao meu interesse na disciplina, pautei sempre o meu desempenho pelo nível muito bom em todo o meu percurso escolar, também fruto do meu maior empenho e dedicação em virtude doutras disciplinas. Também devido a este fator, foi com os professores de Educação

Física que fui tendo ao longo dos anos, que criei mais afetividade e interesse, visto que, invariavelmente, as conversas que tinha com eles eram todas sobre o Desporto. Neste capítulo, destaco o meu último professor de Educação Física, no ensino secundário. Talvez por ter sido numa fase em que estamos mais maduros física e intelectualmente, e também, por ser uma fase decisiva nas nossas vidas, com a possível entrada no ensino superior, criei com o professor uma excelente relação de afetividade, tendo sido frequente conversas entre nós sobre o fenómeno desportivo, bem como o esclarecimento de dúvidas sobre os cursos de Desporto no ensino superior. Era ainda um professor que estava ligado ao treino desportivo do futebol, o que tornava ainda mais interessante as conversas com ele.

2.2 Expetativas em Relação ao Estágio Profissional

Em relação ao Estágio Profissional é importante definir os intervenientes que estarão presentes na vida diária do professor estagiário: a escola, a turma, os alunos, o grupo de Educação Física, o Desporto Escolar, o projeto para a Educação Física e o núcleo de estágio bem como o professor cooperante e o professor orientador. É importante que haja colaboração e entreaajuda de todos, pois só assim se consegue alcançar um ensino eficaz e com um bom ambiente, que é sempre fundamental. Como refere Nóvoa (2009), os novos modos de profissionalidade docente implicam um fortalecimento das dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipa, da intervenção conjunta dos projetos educativos de escola. O exercício profissional começa-se a organizar, cada vez mais, á volta de “comunidades de prática”, no interior de cada escola, mas também no contexto de movimentos pedagógicos que nos ligam a dinâmicas que vão para além das fronteiras organizacionais. Portanto é com base nesta convicção que eu pretendo atuar, não funcionando não como “um objeto isolado” mas sim como uma parte da comunidade que trabalha e se organiza em busca do objetivo principal, a realização de uma prática docente que conduza o ensino ao sucesso e à eficácia.

Em relação à escola, as minhas expectativas eram boas e desafiantes. Esperava encontrar uma escola bem organizada estruturalmente e funcionalmente, condições que favorecem a minha integração e adaptação. O ambiente que se vive na escola, quer nos corredores, no bar, na biblioteca, nos espaços exteriores e na sala de aula esperava também que fossem positivos e acolhedores. Esta expectativa deve-se ao fato de a escola estar localizada numa cidade desenvolvida e calma, sem grandes casos de problemas sociais conhecidos, ao contrário do que se verifica nas grandes cidades.

Sobre a turma, este era sem dúvida um dos maiores receios enquanto professor e era um dos aspetos em que mais pensava. As expectativas eram sempre positivas, pois esperava encontrar uma turma empenhada e motivada para a prática desportiva. Todavia, e como em qualquer turma, esperava também sempre o lado menos positivo, isto é, os habituais comportamentos desviantes bem como os alunos mais problemáticos e que mais dores de cabeça oferecem aos professores. Esperava que fosse uma turma que goste de mim enquanto professor e ser humano.

Em relação aos alunos, esperava encontrar um grupo heterogéneo que reflète as várias vivências de onde os alunos provêm. Assim, esperava encontrar alunos empenhados, interessados na prática desportiva, com métodos de trabalho bem definidos e organizados, sempre com grande sentido de responsabilidade e de orientação, mas também alunos situados no lado oposto, isto é, menos predispostos para a aula, mostrando mais desinteresse e alguma falta de organização e responsabilidade, provocando por vezes alguns distúrbios na aula que nada interessam à Educação Física. Com os primeiros, pretendia que continuassem a revelar o mesmo comportamento, elogiando, sempre que possível, o seu comportamento e conduta, já com os segundos, faz parte das minhas funções, a criação de métodos e estratégias que os conduzam à alteração positiva do seu comportamento, mostrando-se mais empenhados e predispostos para a tarefa.

Para o grupo de Educação Física, esperava encontrar um grupo forte e ativo, criadores de uma grande dinâmica de trabalho e de relações profissionais,

e um grupo sempre disposto a ajudar e a colaborar comigo e com os meus colegas. Os seus conselhos e dicas sobre metodologias e estratégias a utilizar, serão sempre muito bem-vindos e um modo de enriquecimento pedagógico, vindo de colegas com muitos mais anos de experiência no ramo da prática docente. Sobre o núcleo de estágio, esperava encontrar colegas colaborativos e prestáveis, sempre com predisposição para ajudar e colaborar na realização das minhas tarefas e nas tarefas de grupo, mostrando-se sempre com grande espírito de responsabilidade e de organização. Paralelamente, desejava que fosse um grupo onde as relações afetivas ultrapassassem o ramo profissional, ou seja, um grupo bem-disposto, unido, alegre porque só assim se poderá criar um bom ambiente de trabalho e de conforto para todos.

Relativamente ao Desporto Escolar, e fruto também da minha experiência recente enquanto aluno de instituições escolares com localização próxima da escola, a minha expectativa era cautelosa. Esperava encontrar uma escola que promovesse a prática desportiva com a abertura de várias modalidades para os seus alunos. No entanto, sei que nem sempre a adesão dos alunos corresponde, bem como a sua assiduidade nos treinos.

Sobre o projeto para a Educação Física, as minhas expectativas eram elevadas. Esperava encontrar um grupo de Educação Física dinâmico e ativo na divulgação das atividades desportivas, bem como na criação de eventos que promovessem a participação da comunidade escolar no Desporto.

Em relação ao professor cooperante, esperava que seja um dos pilares nesta fase precoce da minha formação enquanto professor. Com ele, esperava ter uma relação bastante cordial, de constante interação e de ajuda mútua, sempre no sentido de melhorar a minha prestação na aula e no enquadramento profissional de um professor. É um professor com bastante experiência e certamente será sempre um professor marcante no modo como atuarei no futuro profissional. Por último e não menos importante, em relação ao professor orientador, desejava encontrar um professor, que apesar de não estar tão presente no nosso dia-a-dia na escola como está o professor cooperante, que

fosse exigente, responsável, disciplinado e com grande sentido de colaboração e entreaajuda.

2.3 Entendimento do Estágio Profissional

O estágio profissional é o momento final da nossa formação enquanto professores, no entanto considero-o o mais importante e pertinente, pois permite experienciar muito do que tenho vindo a aprender e a estudar ao longo do meu percurso académico. É no estágio profissional que aplicamos os conhecimentos, estratégias, métodos que aprendemos anteriormente, e só através da prática é que começamos a tomar consciência da sua contextualização e a criar a nossa autonomia enquanto professores.

Contudo, apesar de todos os conhecimentos, estratégias e métodos que fui aprendendo ao longo do meu percurso académico, é importante explorar a possibilidade de ir construindo a nossa identidade enquanto professor, escolhendo os métodos e estratégias que mais se adequam as situações encontradas e também à minha forma de estar e ser enquanto docente. É importante que se reconheçam dimensões e fatores facilitadores e constrangedores do desenvolvimento do professor durante o EP para que este possa constituir um terreno fértil no início do desenvolvimento profissional dos professores (Queirós, 2014).

Logicamente, dentro de todos estes temas, cabe a nós, professores estagiários, seleccionar aquele que melhor se adequa ao nosso contexto, desde o meio onde estamos inseridos, à nossa turma e aos alunos, bem como conjugá-los com as nossas convicções. Por isso, torna-se possível aplicar todos os conhecimentos, mas sim parte deles. É nossa função seleccionar aqueles que se adequam a nós e ao contexto onde estamos inseridos.

No entanto, o estágio profissional oferece ao professor estagiário a possibilidade de partilha de experiências e conhecimentos com alguém já mais experiente, neste caso, o professor cooperante e orientador, o que permite um maior aperfeiçoamento de capacidades inerentes ao processo de ensino. As reflexões foram também um espaço ideal para proporcionar este

aperfeiçoamento, visto que só através da prática da reflexiva, se percebe os pontos positivos e negativos, levando ao aperfeiçoamento da nossa prática docente.

Encarei o estágio profissional como uma nova etapa e desafio na minha vida, que serviu de aprendizagem e muita troca de experiências, começando assim a criar a minha própria metodologia enquanto professor. Para isso, terei de ser responsável, organizado, disciplinado e bastante claro na organização das ideias, sendo estes as características fundamentais para encarar este primeiro ano enquanto professor.

Segundo as normas orientadoras do Estágio Profissional² “O EP visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão”. Por isso, é importante que no estágio profissional haja a presença de professores orientadores e cooperantes para que esta integração do professor estagiário não seja logo um “choque de realidades” mas sim progressiva e orientada, e é com esse intuito de partilha de conhecimentos que encarei o Estágio Profissional. Além do mais e pegando novamente na afirmação anterior, só com a aplicação na prática dos nossos conhecimentos, e respetiva reflexão, é que conseguimos construir a nossa própria identidade enquanto professores, sendo a nossa capacidade de crítica e de reflexão bases importantes para conseguir responder aos desafios que a profissão irá colocar ao professor.

² Documento interno da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, designado “Normas Orientadoras do Estágio Profissional”, elaborado pela Doutora Zélia Matos para a unidade curricular Estágio Profissional no ano letivo 2014/2015.

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

3. Enquadramento da Prática Profissional

3.1 Estágio Profissional

No momento da passagem da formação à profissão, questões como “o que deve a formação inicial do professores fornecer” e “o que vai a formação exigir” levam a reflexões acerca do modo como ocorre esta passagem (Queirós, 2014).

Durante os primeiros anos da carreira profissional, por mais pertinente que seja a preparação do professor em termos de conhecimento científico e pedagógico, existe sempre o “choque com a realidade”, que resulta das diferenças encontradas entre a formação inicial e a realidade (Simões, 2008). Daí, ser importante que as dificuldades de articulação entre a ação prática e a ação teórica do processo educativo sejam ultrapassadas, sendo que para isso acontecer deverá ocorrer uma maior aproximação entre a linguagem dos formadores educacionais e investigadores e a linguagem daqueles que estão no contexto real, isto é, nas escolas (Queirós, 2014).

O começo da aprendizagem profissional da docência é tão importante como difícil na carreira de um professor (Queirós, 2014).

Em suma, o EP funciona como elo de ligação entre a formação inicial e a profissão, já que permite ao futuro professor uma adaptação progressiva e orientada à sua atividade docente, minimizando assim os efeitos do tal “choque com a realidade”.

3.2 Enquadramento Legal e Institucional do Estágio Profissional

A Iniciação à Prática Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP) integra o Estágio Profissional – Prática de Ensino Supervisionada (PES) e o correspondente Relatório (RE), guiando-se pelas normas da instituição universitária e pela legislação específica acerca da Habilitação Profissional para a Docência.

Sobre a estrutura e o funcionamento do Estágio Profissional (EP) consideram-se os princípios decorrentes das orientações legais, nomeadamente do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro e têm ainda em consideração, o Regulamento Geral dos segundos Ciclos da UP, o Regulamento Geral dos segundos ciclos da FADEUP e o Regulamento do Curso de Mestrado em Ensino de Educação Física.

Segundo o Decreto-lei nº74/2006, o grau de mestre é atribuído aos alunos que: a) possuam conhecimentos e capacidades de compreensão a um nível que através dos conhecimentos obtidos ao nível do 1º ciclo, os aprofundem e desenvolvem, assim como possuam conhecimentos que permitam desenvolver muitos casos em contexto de investigação; b) saibam aplicar os conhecimentos e capacidades para resolução de novos problemas em situações novas; c) possuam capacidade para integrar conhecimentos, lidar com situações complexas bem como capacidade para solucionar e refletir sobre implicações éticas e sociais que estas mesmas soluções apresentam; d) demonstrem capacidade de comunicação, apresentando conclusões e raciocínios a elas subjacentes, quer a especialistas ou não especialistas, de uma forma clara e desprovida de ambiguidade; e) possuam competências que lhes permitam uma aprendizagem realizada de forma autónoma e auto-orientada ao longo da vida.

Já o Decreto-lei nº43/2007 determina que a formação deve incluir unidades curriculares centradas na a) Formação Educacional geral; b) Didáticas específicas; c) Iniciação à prática profissional; d) Formação cultural, social e ética; e) Formação em metodologias de investigação educacional; e f) Formação na área da Docência.

O Estágio Profissional tem como objetivo a integração do estudante no exercício da vida profissional de forma progressiva, moderada e orientada, através de uma prática de ensino supervisionada em contexto real, que favoreça o acumular de competências profissionais, capazes de promover nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, estando assim mais próximos de responder aos desafios e exigências da profissão. Estas competências profissionais, associadas também a um ensino da Educação Física e Desporto

de qualidade, baseiam-se no Perfil Geral de Desempenho do Educador e do Professor (Decreto-lei nº 240/2001 de 17 de agosto) e organizam-se nas seguintes áreas de desempenho:

Área 1 - Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem;

Área 2 - Participação na Escola e Relação com a comunidade;

Área 3 - Desenvolvimento profissional.

Assim sendo, e segundo as “Normas Orientadoras do Estágio Profissional”, a Área 1 contempla a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação do Ensino. Assim, o objetivo desta área passa pela construção de estratégias pedagógicas, fruto do nosso conhecimento na área da Educação Física e do Desporto, e que tem como propósito levar os nossos alunos à aprendizagem.

Em relação à Área 2, abrange o conjunto de atividades não letivas realizadas pelo estudante estagiário que resulte na sua integração na comunidade escolar. Portanto, nesta área estão incluídas todas as atividades não letivas realizadas pelo estudante estagiário que resultem na promoção do seu papel de professor e da Educação Física. Nela estão incluídas a participação no Desporto Escolar e a criação de eventos desportivos que visem a promoção da prática desportiva na escola.

Finalmente, a Área 3 agrupa as atividades e vivências importantes para a construção da competência profissional. Aqui, incluem-se todas as formações, palestras e cursos em que o estudante estagiário tem como propósito a aquisição de novos conhecimentos e competências, no sentido de melhorar e desenvolver a sua identidade enquanto profissional do Desporto.

3.3 A Escola

O meu Estágio Profissional decorreu numa Escola Básica e Secundária em São João da Madeira. Juntamente com outros estabelecimentos de ensino, faz parte do Agrupamento de Escolas, sendo considerada a sede de agrupamento. A escola iniciou o seu funcionamento em 1983/1984, apenas com

a lecionação do terceiro ciclo e assim se manteve até 1990/1991, ano em que foi incluído o ensino secundário. O agrupamento insere-se num meio urbano, predominantemente industrial e comercial o que justifica a afluência de alunos de São João da Madeira e de várias freguesias dos concelhos vizinhos: Oliveira de Azeméis, Santa Maria da Feira, Vale de Cambra e Arouca.

A nível de contexto desportivo, a escola situa-se num concelho onde reina a heterogeneidade desportiva, existindo clubes com as mais variadas ofertas a nível de modalidades para a prática desportiva. Desde o futebol, futsal, andebol, basquetebol, hóquei em patins, ténis de mesa, ginástica, natação, atletismo, terminando no ténis e nas danças, São João da Madeira é um concelho desportivamente bastante dinâmico e que possibilita à sua população em geral um variado leque de opções.

É um estabelecimento de ensino recentemente renovado, caracterizado pelas excelentes condições para a prática docente de qualquer disciplina. Para a lecionação das aulas de Educação Física, a escola apresenta excelentes instalações e condições de trabalho. É constituída por um pavilhão polidesportivo, com a dimensão de 42mx22m, sendo possível dividir em três espaços iguais, uma sala de dança de 20mx10m no piso 1, e um espaço exterior com uma pista de atletismo, caixa de areia para o salto em comprimento e campos polidesportivos com uma área total de 42mx22m destinados a prática de modalidades como o futsal, andebol e basquetebol e ainda um campo destinado à prática de voleibol. Estas infraestruturas são complementadas com 4 balneários (dois masculinos e dois femininos), uma arrecadação de material, posto médico e sala de professores. O acesso a estes espaços têm em consideração as situações de incapacidade física, exceto para a sala de dança situada no 1º piso. No que diz respeito ao material existente disponível para a Educação Física pauta-se pela excelente relação qualidade/quantidade, o que permite a duas ou mais turmas usufruírem da mesma modalidade em horários iguais.

A ocupação dos espaços disponíveis é estabelecida pelo *roulement* da escola que determina a distribuição das modalidades pelos respetivos períodos

e espaços atribuídos. Sempre que as condições atmosféricas não forem favoráveis à prática desportiva, o espaço exterior é substituído pela lecionação de uma aula de condição física geral nos corredores do pavilhão, ou então, à divisão do espaço do pavilhão, caso haja consenso com os professores.

3.4 Conselho Geral

O Decreto-lei nº75/2008 define o Conselho Geral como “...o órgão de direção estratégica responsável pela definição das linhas orientadoras da atividade da escola, assegurando a participação e representação da comunidade educativa.”

Assim, a constituição do Conselho Geral da escola obedece à seguinte estrutura organizacional: sete representantes do pessoal docente, dois representantes do pessoal não docente, cinco representantes da Associação de Pais, três da Autarquia, três representantes oriundos de Associações Culturais e Recreativas e um representante dos alunos.

Entre as diversas competências atribuídas ao Conselho Geral destacam-se: “eleger o diretor, nos termos do artigo 21.º a 23.º do presente decreto-lei;”; “aprovar o projeto educativo e acompanhar e avaliar a sua execução;” bem como “definir os critérios para a participação da escola em atividades pedagógicas, científicas, culturais e desportivas”.

3.5 O Projeto Educativo

O Projeto Educativo é o documento que estrutura a ação educativa e do funcionamento do Agrupamento de escolas. É um projeto que marca a identidade da escola e está inserido numa lógica de continuidade com os projetos anteriores.

Foi construído a partir dos problemas identificados por inquérito (por amostragem, a pessoal docente, pessoal não docente, alunos, encarregados de educação dos vários níveis de ensino) com o intuito de promover participação e intervenção de todos os elementos da comunidade educativa. Foram ainda examinados os resultados fornecidos pela avaliação interna e externa.

O Projeto Educativo é um documento dinâmico, aberto e em constante atualização, que resulta da interação com o Regulamento Interno, o Plano Anual de Atividades e o Plano Anual de Melhoria e assume-se como um documento fundamental no processo de autonomia que o agrupamento de escolas pretender alcançar.

Tratando-se de um documento de planeamento da ação e um guião para a comunidade, o Projeto Educativo apresenta as linhas fundamentais da política educativa do agrupamento e as ações estratégicas a desenvolver.

Assim, a ação educativa do agrupamento orienta-se por princípios e valores que a constroem a sua missão³: “Uma escola de todos e para todos”. Tendo em vista o sucesso educativo, dividem-se em dimensões, características de uma escola inclusiva, formadora, aberta, de referência e excelência: o compromisso, o respeito, a exigência e a solidariedade.

Apresenta como metas: a) melhorar o sucesso educativo; b) incentivar a cooperação entre docentes; c) promover o ambiente relacional e d) melhorar a eficácia do serviço educativo.

Para cada uma das metas, o Projeto Educativo apresenta uma série de estratégias a desenvolver com vista o alcançar dessas mesmas metas. Com vista a alcançar estas metas, adequiei a minha atuação no exercício docente de maneira a que estas fossem de certa forma alcançadas. Desde a aplicação do Modelo de Educação Desportiva durante a unidade didática de Voleibol, para melhorar o sucesso educativo e promover um ambiente relacional entre alunos; participei ainda na realização e na colaboração de eventos desportivos, que vai de encontro, entre outras, à cooperação entre docentes e ao melhoramento do serviço educativo.

3.6 O grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física da escola era constituído por dez professores e cinco estudantes estagiários, divididos pelo núcleo de estágio da FADEUP e

³ Segundo a página 4 do Projeto Educativo da Escola 13/16.

da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Sobre os professores residentes da escola, constatei que existia uma grande relação de amizade entre eles, que sobrepõe a relação profissional, e uma abertura imensa para ajudar e cooperar com os estudantes estagiários, quer seja na discussão de estratégias e métodos de ensino, quer para responder a qualquer dúvida ou questão solicitada. Além disso, foram profissionais que integraram os estudantes estagiários como colegas e não como “meros estagiários”.

3.7 A Turma

A escolha da turma foi também um momento chave do percurso e que aguardava com alguma expectativa. Após a reunião inicial do núcleo de estágio, foi dada a conhecer aos estudantes estagiários quais as turmas a escolher para a lecionação de aulas. Não houve nenhum critério para a escolha das turmas, sendo que optei por dar a oportunidade aos meus colegas em escolher a sua turma, e por isso, sobrou-me uma das turmas do 7º ano da escola.

Portanto, a minha turma residente é uma turma do 7º ano do agrupamento. Após a consulta da ficha de constituição da turma, verifiquei que a mesma era constituída por 28 alunos, maioritariamente constituída por raparigas (Quadro 1). No entanto, dos 28 alunos, apenas 12 alunos estavam inscritos na disciplina de Educação Física, visto que é uma turma que pertence ao ensino articulado. O ensino articulado funciona de maneira a que o aluno frequente o ensino especializado da Música, em que o Conservatório e a escola se articulam entre si, para aliviar a carga horária do aluno e não duplicar em número de disciplinas.

Quadro 1 – Idade dos alunos da turma.

Idade dos Alunos			
Idade	Masculino	Feminino	Total
11-12	6	6	
Total	6	6	12

Dos doze alunos que têm Educação Física, seis eram do sexo masculino e seis do sexo feminino e todos nasceram no ano de 2002, o que significa que apresentam todos idade entre os 11 e 12 anos de idade, consoante o mês em

que nasceram. Analisando a figura 1, e relacionando-o com a Educação Física, é importante salientar o equilíbrio entre o número de rapazes e raparigas da turma. Uma vez que tenho como propósito estimular os alunos para a competitividade nas aulas, cabe-me a mim criar grupos de desempenho que estimulem o aluno e o seu desempenho, sendo que para isso é necessário a criação de grupos de homogéneos. O facto de a turma ter o mesmo número de rapazes e de raparigas, e de uma forma geral, os rapazes apresentarem mais aptidão para a prática desportiva, este pode ser considerado um ponto positivo da constituição da turma. No entanto, o reduzido número de alunos pode também ser uma limitação na criação de grupos e métodos de trabalho (Quadro 2).

Quadro 2 – Número de alunos que praticam Desporto federado.

Número de Alunos que praticam Desporto Federado	
Sim	11
Não	1
Total	12

Em relação à prática desportiva, e analisando a figura 2, é possível verificar que onze dos doze alunos da turma praticam desporto.

Quadro 3 – Modalidades praticadas pelos alunos da turma.

Modalidades Praticadas	
Basquetebol	2
Futebol	1
Andebol	1
Equitação	1
Ballet	1
Dança Contemporânea	1
Futsal	1
Karaté	1
Ténis de Mesa	1
Natação	2
Dança	1

Em relação às modalidades desportivas praticadas pelos alunos, é possível desde já retirar duas conclusões: existem alunos que praticam mais do que um desporto, e que a diversidade desportiva da turma é grande, com a presença de 11 modalidades distintas nas modalidades que são praticadas pela

turma. Isto levou-me a crer que é uma turma com uma elevada cultura desportiva e aptidão para a prática das aulas de Educação Física.

É uma turma bastante responsável e autónoma para a idade que apresenta, com sentido de responsabilidade e de empenho nas aulas. A nível de competências motoras, é uma turma de nível muito bom. Dentro do grupo dos rapazes verifica-se uma homogeneidade de nível, o que favorece a competitividade e facilita a tarefa do professor na escolha e organização de exercícios. Já no grupo das seis raparigas, é onde se verifica uma diferença mais acentuada de níveis, podendo-se distinguir dois tipos de alunas: três de nível bom/muito bom e as outras três com um nível mais satisfatório. Esta diferença faz com que a escolha e a organização dos exercícios por parte do professor sejam mais criteriosas e refletidas.

3.8 O Núcleo de Estágio

O núcleo de estágio da Escola do ano letivo de 2014/2015 foi constituído por cinco estudantes estagiários, quatro provenientes da FADEUP e um outro proveniente da UTAD. Sem esquecer o professor cooperante e o professor orientador da FADEUP.

3.8.1 Os Colegas estagiários que se tornaram Amigos

Se pudesse caraterizar este núcleo de estágio em poucas palavras, para além da amizade que se criou, destaco o trabalho em equipa e a cooperação que se verificou desde o primeiro contato inicial corroborando assim Nóvoa (2009) que afirmou que o exercício profissional organiza-se cada vez mais em torno de “comunidades de prática” no interior de cada escola.

Em relação aos meus colegas de estágio, posso afirmar que sem a sua presença este ano de novas experiências não teria sido igual. Se no início do ano, a minha expectativa e o meu receio era grande, relativamente aos colegas de estágio que iria encontrar, posso afirmar que rapidamente fiquei descansado e motivado acerca do grupo que encontrei. Antes de iniciar o EP, apenas conhecia um dos meus colegas, sendo que desde a primeira reunião, fui criando

com todos eles, além da relação profissional, uma relação de amizade e companheirismo à medida que o EP foi avançando.

Também ficou patente a partilha de conhecimentos e o sentido de responsabilidade que se verificou em todos os momentos do ano letivo, fatores importantes que conduzem ao sucesso desta etapa das nossas vidas.

3.8.2 O Professor Orientador

O professor orientador foi também um elemento preponderante neste estágio, pela sua organização, competência e profissionalismo que demonstrou ao longo de toda a caminhada. Sem dúvida, foi um professor que demonstrou perante o núcleo, uma excelente capacidade para organizar as tarefas que necessitavam de ser realizadas, sempre com o intuito de facilitar a sua realização, sem sobrecarregar o núcleo. Também, demonstrou uma excelente capacidade de comunicação, o que facilitou todo o processo de orientação e de cooperação.

3.8.3 O Professor Cooperante

Relativamente ao professor cooperante, assumiu-se como um grande pilar e mentor desta nossa nova etapa profissional. Com os seus conselhos e orientações, bem como na responsabilidade que nos atribuiu, foi sem dúvida importante na construção da nossa autonomia profissional. Desde cedo teve a preocupação em integrar-nos totalmente no exercício profissional de um professor, demonstrando confiança no nosso trabalho. No fundo, fomos tratados como colegas normais de grupo e não vistos como os “professores estagiários”. Além do mais, foi também uma pessoa bastante importante na construção de um bom ambiente no núcleo, pois a nível pessoal, o professor cooperante apresentou-se sempre com grande abertura e com um espírito positivo e motivador perante todas as situações.

4. REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

4. Realização da Prática Profissional

4.1 Área 1 – Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

Nesta área, estão englobadas a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino. Tem como objetivo construir uma estratégia de intervenção, orientada por objetivos pedagógicos, que respeite o conhecimento válido no ensino da Educação Física e que conduza com eficácia pedagógica o processo de educação e formação do aluno na aula de Educação Física.⁴

4.1.1 Ser Professor

A Educação passa, atualmente, por um período de grandes incertezas, sentindo-se a necessidade de mudança. Verifica-se um excesso de discursos, vazios e repetitivos, que se traduzem numa prática cada vez mais pobre. O campo da formação dos professores está também exposto a este efeito, o que torna fundamental a construção de novas propostas educativas, contribuindo para a definição do futuro da formação de professores.

Por isso, torna-se importante regressar à busca de respostas que nos conduzam à questão: “O que é um bom professor?”. Para Nóvoa (2009) não é possível definir o que é ser bom professor, no entanto, é exequível esboçar vários apontamentos simples com a caracterização do trabalho dos docentes na sociedade atual:

- O Conhecimento: É necessário conhecer bem aquilo que se ensina bem como aqueles a quem se ensina.

- A Cultura Profissional: Ser professor é conhecer os sentidos da instituição escolar, integrar-se na profissão e aprender com os colegas mais experientes. A construção de uma rotina, desde o registo das práticas, a reflexão e a avaliação são também fulcrais para o aperfeiçoamento e inovação da profissão.

⁴ Documento Interno da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, designado “Normas Orientadoras do Estágio Profissional”, elaborado pela Doutora Zélia Matos para a unidade curricular Estágio Profissional no ano letivo 2014-2015.

- O Tato Pedagógico: Dimensão Pessoal que inclui a capacidade de relação e de comunicação. É necessário saber conduzir alguém para a outra margem, a do conhecimento.

- O Trabalho em Equipa: É importante o reforço das dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipa, da intervenção conjunta nos projetos educativos da escola.

- O Compromisso Social: Atuar perante o sentido dos princípios, dos valores, da inclusão social e da diversidade cultural. Atualmente, a realidade obriga os docentes a ir além da escola. É necessário comunicar com o público, intervir no espaço público da educação.

De uma forma geral, estas cinco características ajudam a caracterizar um bom professor, e servem de inspiração para uma renovação dos programas e práticas da formação de professores. Só através da convergência de uma série de ideias e princípios, conseguimos alcançar aquilo a que denominamos de um bom professor. Não basta dominar uma área, é necessário dominar todas as áreas que estão associadas à prática docente, para assim conduzir o ensino com eficácia.

4.1.2 Conceção do ensino

4.1.2.1 A primeira etapa

Relativamente a este ponto, o início da minha intervenção teve lugar logo no começo do ano letivo onde me reuni com o professor cooperante e os colegas de estágio para tomar conhecimento do meio escolar onde ia estar inserido. Tive ainda como principais tarefas a análise de documentos importantes para o desenrolar do ano letivo tais como o Regulamento Interno da Escola, o Projeto Educativo, o Regimento do Grupo de Educação Física bem como dos planos curriculares e do Programa Nacional de Educação Física do ano da turma residente, neste caso do 7º ano.

Foi ainda nesta fase que tive conhecimento das matérias curriculares a abordar em cada ciclo de ensino. Atribuíram-se as funções a desempenhar nas atividades que foram desenvolvidas ao longo do ano letivo, quer pelo grupo de

Educação Física quer pelo grupo de estágio. Estas atividades estavam designadas no Plano Anual de Atividades da Escola.

Também aqui, foi importante a caracterização da turma, isto é, perceber quem eram os alunos a quem ia dar aulas, o seu nível social, escolar, as suas práticas desportivas, vivências passadas, o comportamento dentro do recinto escolar, entre outros aspetos. Todo este conhecimento foi importante para realizar as fases posteriores do planeamento e da realização, pois cada turma tem as suas especificidades e características.

Neste caso, e falando em concreto da turma residente, após a sua caracterização, concluí que é uma turma muito boa a nível desportivo, com a grande maioria dos seus alunos a praticarem exercício físico de forma regular, e o *feedback* de outros professores relativamente à turma foi sempre muito bom, com alunos empenhados e já com alguma capacidade de autonomia para a idade que apresentam.

4.1.2.2 Análises Iniciais

Depois de ter tomado o primeiro contato com a escola e o meio, e analisando todos os documentos essenciais para a tarefa do professor, foi essencial clarificar as primeiras análises de forma a organizar as ideias e partir para uma fase posterior do ensino.

Então, o modelo de planeamento das matérias curriculares adotado pelo grupo de Educação Física segue o formato por bloco, conhecido pelo *roulement* de instalações. Neste modelo, cada bloco corresponde a um número pré-determinado de aulas destinado à abordagem de uma modalidade, sendo a primeira aula de Avaliação Diagnóstica e a última aula de Avaliação Sumativa. No caso particular desta escola, o processo de rotação pelos espaços é realizado de 6 em 6 semanas, constituindo assim o início de uma nova modalidade.

Por último, em relação às matérias curriculares a abordar durante o ano letivo no 7º ano, chamou-me especial atenção duas situações que, no meu ponto de vista, poderiam ser diferentes: o número de conteúdos a abordar na modalidade de Atletismo e Ginástica serem pouco ambiciosos e desajustados

ao nível dos alunos, apesar do número reduzido de aulas, creio que se justificava a colocação de um ou outro conteúdo adicional; a falta de um momento de autonomia de escolha de uma modalidade por parte dos alunos. Por se tratar de uma modalidade especial e diferente de todas as outras, até pelo caráter lúdico que apresenta, creio que justificava por parte da turma, a escolha de uma das modalidades a abordar durante o ano letivo.

4.1.3 Planeamento do Ensino

O planeamento deve ser encarado como fundamental no processo de ensino por parte do docente. Segundo Bento (2003) o planeamento do professor de Educação Física caracteriza-se por uma antecipação mental do seu processo de ensino, assumindo-se como o elo de ligação entre as exigências dos programas e as situações concretas, isto é, a turma e o meio escolar onde estão inseridos.

Ainda segundo o mesmo autor, definem-se dois requisitos que se consideram indispensáveis para todos os níveis de planeamento: definição do essencial e a concentração em pontos fulcrais. Estes dois requisitos exigem da parte do professor um conhecimento didático-metodológico específico, assim como um grau elevado de consciência de responsabilidade.

Deste modo, é possível assumir que o ato de planear permite ao docente uma possível antecipação do que poderá acontecer durante a sua ação para assim estar melhor preparado para responder a eventuais imprevistos.

Ainda dentro desta área do planeamento, é importante conhecer os intervenientes, isto é, os nossos alunos. Para isso, e em conformidade com NE, embora cada um tenha criado as suas próprias fichas, foi criado um documento denominado de «Ficha Biográfica dos Alunos», preenchidas pelos mesmos no início do ano letivo com o objetivo de ficar a conhecê-los, desde os seus hábitos, estilos de vida, preferências, e ainda um conhecimento geral acerca das suas modalidades preferidas e praticadas. Esta estratégia torna-se adequada pois permite ao professor, desde já, um conhecimento acerca das modalidades em

que os alunos têm maior ou menor aptidão para a prática, o que torna-se importante para o posterior planeamento da respetiva modalidade.

Em jeito de conclusão, os trabalhos de planeamento do professor de Educação Física relacionam o essencial das exigências programáticas com a situação pedagógica concreta (Bento, 2003).

4.1.3.1 O Planeamento Anual

O planeamento anual corresponde à realização de um plano global, integral e realista da intervenção educativa para um período extenso, constituindo assim um ponto de partida para a definição e estipulação de pontos e momentos fundamentais e escolhas de conteúdos. (Bento, 2003).

Ainda segundo o mesmo autor, a elaboração do plano anual define-se como o primeiro passo do planeamento do ensino, e traduz-se numa compreensão e domínio mais profundo dos objetivos de desenvolvimento, assim como uma reflexão e visão sobre a organização do ensino correspondente ao ano letivo.

O planeamento anual foi elaborado logo no início do ano e contemplou uma série de itens importantes para o processo de ensino, desde a definição dos objetivos gerais, os espaços e o material disponível para a lecionação das aulas, bem como a distribuição das modalidades pelo calendário escolar, os critérios de avaliação e a definição das datas das atividades não letivas realizadas pela escola ao longo do ano. A caracterização das turmas a lecionar está também inserida neste documento.

As modalidades a lecionar foram definidas pelo grupo de Educação Física e o sistema de ensino por blocos foi o sistema usado no ensino da Educação Física. Na minha opinião, este sistema possibilita aos alunos uma prática contínua o que poderá significar maiores índices de aprendizagem em comparação com um sistema de ensino alternado.

4.1.3.2 A Unidade Didática

As unidades didáticas constituem-se como fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas do ensino e aprendizagem (Bento, 2003).

A Unidade Didática realizada baseou-se no Modelo proposto por Vickers (1990). Dividido por 8 módulos, em que cada um correspondia a determinada área, sendo que todos estavam interligados uns com os outros.

O módulo 1 corresponde à análise da modalidade desportiva, importante para aumentar o conhecimento declarativo do professor para a posterior definição de objetivos e estratégias de ensino. Estão já contempladas as quatro categorias transdisciplinares abordadas: cultura desportiva, habilidades motoras, condição física e os conceitos psicossociais.

O módulo 2 relaciona-se com a análise das condições de aprendizagem, desde os recursos humanos disponíveis aos recursos materiais e temporais do meio escolar. O módulo 3 refere-se à caracterização do nível de habilidade dos alunos, normalmente verificado após uma avaliação diagnóstica.

Já no módulo 4 é realizada a extensão e sequência dos conteúdos a abordar, onde é construído um quadro de conteúdos com base no conhecimento do módulo 1. O módulo 5 corresponde à definição de objetivos, que permite ao professor orientar e definir as metas de ensino, em concordância com os módulos anteriores.

O módulo 6 corresponde à configuração da avaliação, essencial para determinar os progressos dos alunos. O módulo 7 relaciona-se com a criação das progressões de ensino, fundamentais para o ensino da modalidade. O módulo 8 refere-se à fase de aplicação, onde são criados os planos de aula, sempre com ligação a todos os temas dos módulos realizados.

Também nesta fase de planeamento, houve uma evolução da minha intervenção. Se numa primeira fase, a elaboração deste nível de planeamento continha informação a mais e desnecessária para a minha ação, com os conselhos do professor orientador, bem como com a experiência prática, este

evoluiu para um documento mais sintético e funcional, onde apenas se inserem os aspetos essenciais para o ensino.

Por exemplo, para o módulo 1, foi apenas filtrada a informação necessária para o professor e que considera essencial para o processo de aprendizagem da situação concreta. Também no módulo 4, a grelha de extensão e sequência dos conteúdos tornou-se mais prática, apenas com a colocação dos conteúdos realmente fundamentais e que iriam ser abordados nas sessões.

Nesta fase do planeamento, considero muito importante o foco apenas nos conteúdos e informação necessária para o ensino, não perdendo tempo e espaço com áreas que pouco ou nada vão interferir no decurso das aulas. Este foi sem dúvida um dos aspetos fundamentais que retive para a elaboração deste documento.

4.1.3.3 O Plano de Aula

A aula corresponde ao verdadeiro ponto de convergência do pensamento e da ação do professor (Bento, 2003). No contexto da Educação Física constitui o elo decisivo do processo de educação e formação.

O plano de aula funciona como um guia para o professor que ajuda na leção da aula. Por ser um documento que atenta à subjetividade do professor, também este sofreu pequenas evoluções relativamente ao seu formato desde o início do ano letivo, até encontrar um modelo que considero para mim, o ideal para a minha forma de ensino.

Portanto, e antes de caracterizar o meu plano de aula, importa referir que desde cedo criei uma premissa fundamental para a realização do plano de aula: o mesmo não pode ultrapassar as duas páginas e sempre que possível elaborar o plano numa página. Com esta ideia, pretendo que o plano de aula seja prático, funcional e de rápida consulta durante a leção da aula, não perdendo tempo a folhear páginas à procura de determinada situação.

O plano de aula inicia-se com um cabeçalho em que estão inseridas todas as informações necessárias para a aula desde a unidade didática, a data e horário, o número de aula, o tempo útil, espaço e material utilizado, bem como

as funções didáticas e os objetivos gerais da aula. De salientar que os objetivos gerais da aula estavam divididos de acordo com as quatro categorias transdisciplinares referidas no planeamento da unidade didática. Isto é, para cada categoria era referido um objetivo geral, caso existisse.

De seguida, decidi utilizar uma estrutura vertical com 6 colunas, mais especificamente: parte da aula, objetivo específico, situação de aprendizagem, organização professor/aluno, componentes críticas e a duração. Devo salientar que iniciei o ano letivo com um esquema diferente, no entanto, após uma reflexão, surgiu a necessidade de mudança, resultando nesta estrutura, que na minha opinião é mais funcional e permite manter todas as colunas em concordância.

Assim, a parte da aula refere-se ao momento da aula em que o exercício está inserido, quer seja na parte inicial da aula, fundamental ou final. O objetivo específico corresponde obviamente ao objetivo do exercício, que deve estar interligado com o objetivo geral da aula, inserido no cabeçalho.

Já a situação de aprendizagem refere-se ao nome do exercício, quer seja o nome de algum jogo, quer seja a caracterização de uma situação exercitada, como por exemplo “situação de 2x1”, quando se trata de modalidades coletivas. A organização aluno/professor refere-se à caracterização e descrição do exercício, isto é, de que forma os alunos estão organizados e que dinâmica vão realizar. Muitas vezes, recorri a uma imagem para facilitar a apreensão do exercício.

Já as componentes críticas relacionam-se com a parte técnica ou tática do exercício. Ou seja, quais as ações técnicas ou comportamentos que o professor quer que os alunos realizem para satisfazerem os objetivos da aula. A duração corresponde ao tempo dedicado ao exercício.

A realização do plano de aula foi, sem dúvida, um dos momentos que mais transtornos me causaram durante o ano letivo pelo facto de ser um momento prolongado e que exige da nossa parte total atenção, com o intuito de preparar a sessão e prevenir eventuais imprevistos.

Também a nossa capacidade criativa é importante neste aspeto, e diversas vezes, senti da minha parte alguma falta de criatividade para criar exercícios que fossem de acordo às necessidades dos alunos e que, de certa forma, fossem cativantes. Isto é, na minha opinião, os exercícios além da vertente pedagógica que acarretam, devem ter sempre um lado estimulante e desafiador para os alunos, quer seja através de sistemas competitivos ou qualquer outra ação, pois só assim conseguimos manter os alunos totalmente empenhados e focados. Os alunos mantêm-se mais focados e motivados para a tarefa quanto maior for o seu grau de entusiasmo com o exercício. Foi um dos aspetos que senti maior dificuldade durante o EP. Uma das estratégias que utilizei passou pela pesquisa de exercícios globais e consequente adaptação dos mesmos para a modalidade em questão.

De uma maneira geral, creio que finalizando o ano letivo, encontrei a minha maneira de construir e elaborar o plano de aula. No entanto, foi fundamental experienciar na prática, errar e refletir para chegar a esta conclusão.

4.1.3.4 Imprevistos ao Planeamento

A imprevisibilidade é um conceito que estará sempre presente na sociedade. O professor de Educação Física não foge regra e tem de estar sempre preparado para situações em que o que é planeado não poderá ser executado. Aqui entra a capacidade de improviso e de confronto com a imprevisibilidade, que cada um apresenta de modo a contornar e a solucionar o problema.

Durante o EP, surgiram alguns imprevistos ao planeamento, sobretudo devido aos problemas que a caldeira do pavilhão apresentou. Devido a este facto, houve aulas que não foram lecionadas. Para solucionar este problema, recorri a duas soluções. Numa das aulas foi dada uma aula teórica com o tema da Atividade Física e os seus benefícios, com o intuito de alertar os alunos para a necessidade de praticar atividade física. Aqui, tinha já preparado uma apresentação digital composta essencialmente por imagens divertidas e associadas ao tema, com o intuito de criar uma aula interativa e de debate constante, o que na minha opinião foi conseguido.

Perante outra situação semelhante à anterior, a solução passou pela ida ao Parque de Lazer do Rio Ul dar uma caminhada ao ar livre, com o intuito de cativar os alunos para atividades desta natureza que possam ser realizadas extra aula, quer seja entre amigos ou entre família.

Para colmatar eventuais imprevistos relacionadas com a impossibilidade de realizar aula prática, construí também uma espécie de jogo “Quem quer ser Milionário” sobre diversos temas associados ao Desporto. No entanto, este nunca foi utilizado devido ao facto de todas as outras aulas práticas terem sido lecionadas conforme o previsto.

De uma forma clara, cabe ao professor de Educação Física apresentar uma série de planos alternativos para dar resposta a situações de imprevistos, agindo sempre em conformidade com as exigências da situação, sempre com vista a criação de condições de aprendizagem para o aluno.

4.1.4 Realização do Ensino

4.1.4.1 O papel do professor antes, durante e depois da aula...

Na minha opinião, cabe ao professor criar uma série de comportamentos de rotina que auxiliem o mesmo na construção da sua identidade e própria metodologia de ensino.

Assim a fase antes da aula corresponde à preparação da mesma. Normalmente, cerca de 15 minutos antes do início da sessão já me encontrava no espaço disponível para a aula, onde reunia todo o material necessário na arrecadação do material e o transportava para o local da aula. Neste aspeto, a escola colocava à disposição dos professores “carrinhos de compras do supermercado” e ainda vários sacos próprios, que nos facilitavam o transporte e a acomodação dos materiais necessários, desde as bolas, sinalizadores, coletes ou outro tipo de material.

Era também nesta fase e caso fosse necessário para o primeiro exercício, realizava a montagem do material, poupando assim tempo para tratar de outras questões pertinentes da aula.

A razão de me apresentar no local da aula com algum tempo de antecedência visava salvaguardar qualquer imprevisto, como é o caso da mudança do local da aula ou ainda para verificar as condições do local, no sentido de caso seja necessário, alterar os planos.

A fase que se segue é o durante a aula. Após os 5 minutos de tolerância, os alunos começam a chegar ao local da aula, e começam a chegar perto de mim para iniciar. Normalmente, a primeira abordagem que faço sempre com eles é sempre de caráter mais informal e tento saber se está tudo bem com eles, e se possível gosto de falar um pouco com eles sobre algum tema da atualidade, relacionado com o Desporto ou não.

Após esta breve conversa introdutória à aula, inicio o tema da aula, e informo os alunos sobre os objetivos da aula e a estrutura da mesma. De seguida, os alunos iniciam o aquecimento, que na grande maioria das aulas, teve a duração de cerca de 20 minutos e onde já estava incluído um conteúdo abordado na aula anterior, ou que possivelmente estivesse a ser introduzido na aula.

A fase do aquecimento é uma parte muito importante na aula, pois considero que é aqui que os alunos ganham predisposição para o restante da aula, isto é, se a aula proporcionar um aquecimento dinâmico, motivador e aliciante para os alunos, estes tornam-se mais ativos e predispostos para o resto da aula. Foi com base nesta linha de pensamento que planeei os meus exercícios de aquecimento, recorrendo quase sempre a jogos lúdicos, e adaptá-los à modalidade a abordar, e se possível incluindo um conteúdo da mesma.

Como exemplo prático, destaco na modalidade de *Tag Rugby*, um exercício de aquecimento bastante utilizado, que foram as caçadinhas, em que o objetivo passava pelo caçador apanhar os colegas, realizando o Tag, que era já um conteúdo a abordar na modalidade.

Para a parte fundamental da aula, posterior ao aquecimento, o meu sistema baseou-se sempre na escolha de um ou dois exercícios no máximo, com a introdução de várias variantes. Assim, considero que os alunos rentabilizam o

máximo a sua aprendizagem se o exercício for bem executado e planeado, e os objetivos estiverem a ser cumpridos. Na minha opinião, uma aula que tenha mais do que dois exercícios vai acabar por apresentar demasiadas quebras, já que os momentos de transição vão ser maiores, o que pode acabar por desmotivar os alunos da aula e desvirtuá-los um pouco do objetivo da mesma.

Já para a parte final da aula, decorria uma conversa com os alunos sobre o funcionamento da mesma e sobre aspetos que possam influenciar as próximas aulas, bem como outros assuntos que achasse pertinente comunicar. Também aqui e ao contrário do que muitos professores fazem, optei sempre por ser o responsável do transporte do material para a arrecadação. À medida que a aula ia avançando para o seu término ia recolhendo o material, ou pedindo aos alunos para o fazerem, e no momento em que os alunos abandonavam a aula, dirigia-me para a arrecadação e distribuía o material pelos sítios apropriados.

Já depois da aula, foi a fase em que refleti sobre a realização da aula, em que analisei o que correu bem ou mal, desde os exercícios aplicados, estratégias utilizadas, no sentido de preparar as aulas futuras, sempre com vista a melhoria da eficácia do processo de ensino. No fundo, é o momento de reflexão que me permitiu redefinir estratégias, abandonar ideias e recriar métodos. A viagem da escola para casa foi, sem dúvida, um espaço ótimo para pensar nestes temas.

4.1.4.2 A Comunicação e *Feedback*: que facilidades e dificuldades?

A capacidade para comunicar constituiu um dos fatores decisivos da eficácia pedagógica no contexto do ensino das atividades físicas e desportivas, sendo por isso inquestionável o seu papel na orientação do processo de ensino-aprendizagem (Rosado & Mesquita, 2011).

Durante a minha atuação enquanto professor, preocupei-me em apresentar uma comunicação específica da disciplina, isto é, adequada à realidade desportiva. Como tal, a comunicação do professor deverá ser técnica, e com recursos científicos, de forma diferenciar a nossa intervenção dos demais agentes. Por isso, é preciso conhecimento e dominar as modalidades e os termos técnicos associados, o que exigiu da minha parte um estudo prévio das

modalidades, nomeadamente das suas regras, regulamentos e componente técnica e tática. A leitura de livros especializados e a observação de alguns vídeos foram alguns dos recursos encontrados.

Também a preparação do discurso foi um aspeto desenvolvido por mim, devido ao fato de sentir algumas dificuldades neste aspeto. A preparação do discurso em casa, com a simulação do mesmo sozinho e em frente a um espelho foram algumas das estratégias utilizadas por mim, no sentido de maximizar o desempenho desta componente. No entanto, é diferente comunicar e discursar perante uma sala com alunos, do que num compartimento vazio.

Neste tema, e como é normal, devido à minha natureza enquanto praticante desportivo, senti mais facilidade em modalidades coletivas, e em que o vocabulário base utilizado é bastante similar a outras modalidades como o futebol. Como por exemplo, as expressões “passe e desmarca”, “transporta a bola”, “marcação individual”, podem ser utilizadas para várias modalidades semelhantes. Isto remete também para a transferibilidade de conteúdos nos jogos desportivos coletivos.

Como principal problema de atuação em relação à comunicação destaco a utilização de uma linguagem não específica da disciplina, isto é, recurso a expressões ou verbos inadequados, como por exemplo, durante a unidade didática de Ginástica de Aparelhos utilizar a expressão “pernas esticadas” em vez de “membros inferiores estendidos”. Na minha opinião são pormenores que podem e devem ser melhorados da minha parte, com o intuito de especificar a minha linguagem e adequá-la a um profissional do Desporto, principalmente quanto mais elevador for o nível de ensino.

O *feedback* corresponde ao conjunto de informação transmitida pelo professor após a realização de uma tarefa motora por parte de um aluno, no sentido de melhorar o seu desempenho (Rosado & Mesquita, 2011). É sem dúvida uma mais-valia para o professor no processo de intervenção pedagógica

Para Hoffman (1983) o *feedback* divide-se em duas fases: a fase de diagnóstico e a fase de prescrição. A fase de diagnóstico corresponde à

identificação do erro, à reflexão sobre a sua natureza e à identificação das suas causas. Neste campo, a minha estratégia passou sempre por observar duas a três vezes o comportamento do aluno, no sentido de perceber se o erro era casual ou surgia de forma repetitiva. Já a fase de prescrição corresponde não só ao *feedback* bem como a novas instruções ou a alterações do meio, quer seja através de tarefas motoras alternativas, ajustamentos do grau de dificuldade, entre outros. Esta fase pode ser traduzida para a minha realidade quando, por exemplo, durante as aulas de Atletismo, aumentei a altura da fasquia no salto em altura, a alunos que já demonstrassem facilidade na tarefa.

Em relação ao tipo de *feedback*, recorri grande parte das vezes a *feedbacks* individuais porque, na minha opinião, os alunos quando corrigidos individualmente sentem-se mais valorizados, do que se fosse uma simples correção coletiva. Por vezes esta também é necessária, mas só quando verifico que quase toda a turma realizar o mesmo erro e se os níveis de prática são muito idênticos, os *feedbacks* podem ser dirigidos a um grupo ou a toda a turma (Rosado & Mesquita, 2011).

Encontrei como principal dificuldade nesta temática do *feedback*, a aplicação do *feedback* correto em determinadas modalidades. Isto é, identificava qual o problema que o aluno demonstrava na execução, mas depois não era capaz de transmitir o feedback adequado para o resolver. Senti este problema em modalidades como a Ginástica e o Atletismo. Assim, e segundo Hoffman (1977), os professores que não conseguem identificar os erros críticos nas respostas dos alunos, ou mesmo conseguindo, não interpretam corretamente o seu significado, estão destinados a cometer enganos quando entram na fase de prescrição. Por isso, e terminando agora o EP e analisando todas estas dificuldades, creio que exige da minha parte, para certas modalidades, um estudo mais intenso no sentido de disfarçar e corrigir estas lacunas.

Já em relação à especificidade de *feedbacks* utilizados, considero-me um professor bastante motivador e incentivador, transmitindo aos alunos, bastantes vezes, indicações positivas e de cariz motivacional, quer seja através de palavras ou de gestos. Creio que esta estratégia motiva os alunos e cria um clima de

turma mais favorável, o que é corroborado por Potrac et al. (2002) que sublinhou que minimizar as intervenções negativas em detrimento de feedbacks positivos sobre os aspetos que estão a ser bem realizados, fortalece não só a execução das ações como cria um clima positivo de aprendizagem.

4.1.4.3 A Gestão da Aula: quais as principais preocupações? Que problemas?

A gestão da aula é um aspeto na qual os professores de Educação Física têm vindo a refletir durante os últimos tempos, em que cada vez mais os exercícios analíticos são substituídos por exercícios globais, otimizando assim o espaço e o tempo de aula.

Em relação a este ponto, e devido ao facto de a minha turma do 7º ano ser constituída apenas por doze alunos, não senti tantas dificuldades em gerir. Aliás, por vezes, e após várias conversas com o professor cooperante, a minha preocupação até devia ser a contrária, pois os alunos por serem em menor número, praticavam mais vezes, e logicamente, ficavam mais cansados. Por isso, decidi calibrar o tempo de descanso com o tempo de atividade motora, recorrendo por vezes a dois intervalos para hidratação por aula.

Como já referi anteriormente este foi um aspeto que nem sempre cumpri devido ao facto de a turma ser pequena, logo o cansaço ser maior em alguns momentos por praticarem demasiadas vezes. No entanto, as estratégias utilizadas para minimizar este tempo de espera relacionam-se com a: introdução da regra dos 5 segundos para chamar os alunos até perto de mim; pedir aos alunos para recolherem material em determinadas transições de exercícios; retirar o material ao longo da aula para evitar os tempos de espera na montagem dos exercícios, bem como constituir equipas de trabalho que não se alteram do início ao fim da aula, evitando assim aqueles tempos de espera na formação de grupos.

4.1.4.4 A Gestão dos Materiais

Em relação à gestão do material, tive como preocupação um propósito fundamental: construir uma aula em que os exercícios estivessem de tal forma

planeados e organizados que permitissem retirar os materiais ao longo da aula, ao invés de os colocar. Quando falo em material, refiro-me por exemplo ao número de bolas, ao número de sinalizadores utilizados e organizados pelo espaço ou a qualquer outro tipo de material utilizado. Logicamente esta questão teria que ser refletida e pensada na fase do planeamento da aula. Isto faz com que a minha atenção seja quase sempre focada nos alunos e na sua gestão, do que propriamente na montagem e desmontagem do material.

No entanto, apesar de ter sido um propósito bastante utilizado, houve aulas em que tal dinâmica não foi possível, quer pela natureza da modalidade e dos exercícios, quer pela falta de criatividade da minha parte. Uma das estratégias para que consiga maximizar este propósito passou por aproveitar ao máximo as marcações das linhas dos campos, evitando assim a colocação de sinalizadores, que por vezes tornam-se um risco para a segurança dos alunos.

Em relação aos materiais utilizados e devido às excelentes condições materiais da escola, este foi um ponto em que não denotei grandes problemas, aliás, verifiquei o contrário. A escola é capacitada de muito material desportivo e quase todo ele em boas condições. Como ponto negativo destaco aqui o material para o salto em altura, que apresenta algumas limitações técnicas, não apresentado uma barra com a medição das alturas, bem como o Boque para a Ginástica de Aparelhos que se apresentava em más condições em que se verificou a impossibilidade de aumentar a altura do mesmo, devido à sua fraca estrutura.

4.1.4.5 Os exercícios

Este foi um dos pontos em que considero que mais aprendi durante o EP, muito pelo resultado das reuniões e conversas com o professor cooperante. Esta era uma das áreas em que sentia que tinha mais dificuldades e no final do EP, posso afirmar que denotei uma grande evolução da minha parte e na maneira como perspetivo e organizo os exercícios para a aula.

Os exercícios do início ao final da aula devem seguir uma ordem estrutural lógica, isto é, não variar muito no número de alunos e na estrutura do exercício,

aumentando assim a fluidez e a dinâmica da aula. A minha grande estratégia passou sempre pela escolha de um número para a aula e organizar a aula a partir desse número. Ou seja, escolhendo o número três, do início ao final da aula os alunos agrupavam-se em grupos de três e depois era com base nesses grupos que manipulava os restantes exercícios. Um exemplo prático, numa aula de *Tag Rugby*, organizando a aula em torno do número três: realizar um exercício de 2x1, em que o defensor ia variando, e de seguida, estavam já formadas as equipas para a situação de 3x3. É com base nestas manipulações de números e de exercícios que grande parte das minhas aulas foram planeadas e considero ser uma excelente estratégia, e que vou seguir ao longo da minha carreira profissional.

Já em relação à sequência dos exercícios, penso não ter surgido nenhum problema na sua execução. Talvez a falta de um aluno na aula possa contribuir para que este aspeto não corra como planeado, no entanto, é tarefa do professor apresentar capacidade adaptativa para contornar estas questões, e por isso, não considero este aspeto um problema, mas sim os imprevistos que qualquer professor de Educação Física está sujeito. A criação de funções de *joker*, de apoio, ou então a criação de exercícios complementares são estratégias que podem ser utilizadas para combater estes “imprevistos”. Apesar de não ter criado nenhum plano alternativo em papel para salvaguardar estes imprevistos, durante o planeamento das sessões, pensei sempre numa solução alternativa para cada exercício, caso se verifique a falta de um ou mais alunos. Foi uma situação que aconteceu de forma pouco frequente, e as estratégias que utilizei estão mencionadas anteriormente.

4.1.4.6 O controlo da aula: a importância do posicionamento e do deslocamento

Manter o controlo visual de toda a turma exige da parte do docente um posicionamento e um deslocamento adequado durante a aula. Durante o EP este foi um comportamento na qual dediquei especial atenção e preocupação, apesar do número reduzido de alunos da turma. Considero que para manter um controlo durante a aula, o professor tem que adotar um comportamento que lhe permita

estar em contato visual com todos os alunos, e isto implica que durante o planeamento da aula, este tenha especial atenção para este aspeto, independentemente dos exercícios que criar.

As estratégias fundamentais passam sempre pelo professor adequar uma posição que lhe permita estar de frente para o espaço da aula e de preferência com a mesma distância para os extremos opostos da aula. Isto é, imaginando que a aula decorre num espaço retangular como um campo de basquetebol ou andebol, o professor deve situar-se sempre numa das linhas laterais e no prolongamento da linha de meio campo, caso esteja a aula a realizar-se no campo todo.

No momento do deslocamento, como por exemplo para observar mais de perto a prestação dos alunos, devemos ter o especial cuidado de deslocarmos sempre por fora do espaço, de maneira a evitar ter alunos nas nossas costas. Completando o exemplo anterior do campo de basquetebol, o deslocamento deve ser efetuado ao longo do prolongamento das linhas laterais e finais. Até mesmo nas conversas individuais com os alunos tive a preocupação de reposicionar os alunos junto a mim, de modo a manter um controlo visual dos outros alunos.

Durante o EP, posso considerar que tive alguns benefícios em controlar uma turma pequena o que permitiu um controlo mais facilitado. No entanto, em alguns momentos denotei algumas dificuldades em manter o posicionamento adequado, muito por culpa da falta de experiência e de prática no ensino, o que me levava muitas vezes a “esquecer” por momentos este aspeto. No entanto, quase sempre tive a consciência, pouco tempo depois, nesses momentos, de reajustar o meu posicionamento. Estes momentos foram quase sempre quando transmitia *feedbacks* individuais ou coletivos aos alunos, em que durante alguns instantes ficava de costas para o resto da turma, sem necessidade nenhuma.

4.1.4.7 Disciplina e Gestão de Conflitos

Esta é uma área de grande importância e a sua correta manipulação possibilita o bom ambiente na aula, propício para a aprendizagem. A otimização

do ambiente de aprendizagem exige a consideração do sistema de relações entre o professor e o aluno, sendo que num ambiente caloroso, de consideração e cuidada, em que a orientação está claramente voltada para o aluno, que os níveis mais elevados de participação podem ser atingidos (Rosado & Ferreira, 2011)

Neste capítulo, considero-me um professor, por vezes, demasiado benevolente. Porém, a minha turma nunca me colocou grandes problemas neste aspeto visto ser uma turma empenhada e sem grandes problemas de comportamento e interação social. Apenas um aluno, por vezes, merecia uma atenção especial da minha parte devido ao seu comportamento desviante, com pouca motivação para a prática. Neste caso, as conversas individuais foram quase sempre a minha solução, para tentar compreender o pensamento do mesmo e tentar proceder à sua mudança.

4.1.4.8 Ensino do Voleibol aplicando o Modelo de Educação Desportiva

No momento da lecionação da unidade didática de Voleibol optei por aplicar o Modelo de Educação Desportiva nomeadamente por duas razões: primeiro por causa do trabalho de investigação a realizar e em segundo, pela curiosidade que o modelo me causou devido às suas características criativas e diferentes de todos os outros.

O MED surgiu por Siedentop (1987) com o objetivo de conferir um cunho social e afetivo às aprendizagens dos alunos (Mesquita & Graça, 2011). Ainda de acordo com os autores anteriores, o modelo define-se como uma forma de educação lúdica, que procura criar um ambiente propiciador de uma experiência desportiva autêntica, alcançada pela criação de um contexto desportivo significativo para os alunos. Assim, o modelo comporta que o principal fundamento passa por criar alunos desportivamente mais competentes, cultos e entusiastas.

O modelo apresenta características estruturas que diferem dos demais: a época desportiva, a filiação, a competição formal, o registo estatístico, a festividade e os eventos culminantes.

Durante a aplicação do MED na minha prática pedagógica constaram algumas limitações à realização do modelo, relativamente ao que é defendido pelos autores da área. Assim, e ao invés de uma época desportiva longa que normalmente substituem a unidades didáticas de curta duração (Jones & Ward, 1998), apliquei o modelo durante a unidade didática de voleibol de apenas seis aulas. Assim, nas aulas anteriores à unidade didática de Voleibol reuni com os alunos, expliquei-lhes o modo de funcionamento do modelo e começamos a preparar a entrada no modelo. Por opção própria e de maneira a criar duas equipas heterogéneas e equilibradas, criei as equipas, informei os alunos e entreguei a ficha de caracterização da equipa (ANEXO I) e o manual de equipa (ANEXO II).

Em relação à filiação, escolhi os dois alunos com a função de treinador que ficariam responsáveis por orientar as equipas durante as sessões. Para isso, criei fichas de tarefa de aula (ANEXO III) que eram facultadas via digital aos alunos responsáveis pela tarefa, que complementavam a informação recebida com o manual do treinador entregue antes do início das aulas (ANEXO IV). Relativamente às outras funções criadas, mais especificamente de árbitro e de marcador de pontos, foram também facultadas fichas específicas (ANEXO V) no sentido de orientar os alunos no momento da sua atuação. O principal propósito foi que à exceção dos treinadores que eram fixos, todos os outros alunos passariam pela função de árbitro e marcador de pontos durante as competições organizadas, treinadores incluídos.

A competição formal foi realizada a meio da unidade didática (aula número três) e serviu como primeiro momento de confronto entre as duas equipas. O evento culminante foi realizado na última aula dedicada à modalidade e culminou na realização de uma competição de 3x3. Todos os quadros competitivos foram criados por mim e eram entregues aos alunos nos dias antecedentes à competição (ANEXO VI e VII).

O registo estatístico foi realizado pelos alunos ao longo da competição, resultando no preenchimento das fichas de jogo fornecidas e criadas por mim (ANEXO VIII). Também na área do registo estatístico, a ficha de bonificações

(ANEXO IX) era preenchida por mim no final de cada aula e serviam de complemento aos resultados obtidos nas competições. Assim, os alunos sabiam que os resultados não dependiam exclusivamente da competição, mas também das suas atitudes e responsabilidades ao longo das aulas.

A festividade presente no modelo resulta das cores do equipamento e da criatividade do mesmo, assim como do entusiasmo demonstrado pelos alunos ao longo das aulas, visto estarem inseridos num contexto diferente ao que estão habituados. A criação de um grito de equipa também se insere neste tema.

De uma forma geral, apesar da limitação do período de tempo, a aplicação do MED na turma do 7º ano decorreu sem grandes sobressaltos. Os alunos entenderam bem os propósitos e fundamentos do modelo e a sua resposta nas aulas foi positiva, devido à motivação e interesse com que encaravam as aulas. O facto de estarem divididos por equipas, vestidos de igual forma e serem “treinados” por um colega, tornou as aulas diferentes e especiais.

4.1.5 Avaliação do Ensino

4.1.5.1 Avaliar é muito mais do que classificar?

Em simultâneo com o planeamento e a realização do ensino, a avaliação apresenta-se como uma das tarefas centrais de um docente. Para Bento (2003) a inexistência de um trabalho profundo de reflexão suficientemente profundo não se torna possível a avaliação dos alunos e da atividade pedagógica do professor. Portanto, sem este controlo da qualidade do ensino, o professor não consegue garantir a eficácia do ensino nem a melhoria da sua prática pessoal.

Partindo das citações do autor anteriormente referenciado, podemos afirmar que para além do carácter avaliativo do conceito de avaliação, este também funciona como regulador do processo do ensino, possibilitando ao professor refletir sobre a sua prática e partir para possíveis reajustes. Sem a reflexão posterior das aulas e sem uma avaliação crítica do próprio trabalho, resulta num retrocesso dos resultados em todos os aspetos de ensino: da aprendizagem, da docência, da planificação, preparação e realização (Bento, 2003).

No âmbito da Educação Física, a avaliação tem como funções: analisar as aprendizagens em comparação com as planeadas, informar os professores e alunos acerca dos objetivos cumpridos ou não, servir de motor para o constante aperfeiçoamento, tomar decisões, preparar, acompanhar e encerrar o processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de conduzir os alunos ao sucesso.

Durante o ano letivo, o processo de avaliação desenvolveu-se em duas modalidades distintas: avaliação formativa e a avaliação sumativa. A avaliação diagnóstica não foi aqui desenvolvida com “caráter oficial”, em consonância o grupo de EF.

Em conclusão, afirmo que o processo de avaliação é muito mais do que a atribuição de uma classificação. Serve ainda para mediar o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando ao professor a avaliação da sua atuação pessoal, com o intuito de melhorar a sua prática em situação real.

4.1.5.2 Avaliação Formativa

A avaliação formativa tem como objetivo informar o próprio professor, o aluno e o seu encarregado de educação acerca da qualidade do processo educativo, assim como se os objetivos estabelecidos estão a ser cumpridos. Permite que o professor adapte as suas tarefas de aprendizagem, como resultado das avaliações obtidas ao longo das aulas.

Durante ano letivo recorri a esta modalidade de avaliação de modo a avaliar continuamente os alunos e verificar os seus níveis de evolução. Para tal recorri a uma grelha de preenchimento simples, construída por mim, em que ao longo das aulas, durante e após, ia preenchendo com informações que considerava pertinentes no capítulo da prestação motora bem como dos comportamentos e atitudes. Assim, permitia-me reajustar as unidades didáticas bem como auxiliar a realização do plano de aula, sempre em vista as sessões anteriores e ajustar sempre que possível, o nível de complexidade dos exercícios com o nível dos alunos.

Esta forma de avaliação não inclui a atribuição de uma nota, mas sim uma forma de balanço sobre o nível de desempenho que os alunos apresentam em

relação aos objetivos propostos, para assim ficarem com conhecimento sobre os aspetos que devem melhorar para alcançar os objetivos.

Não se deve confundir a avaliação formativa com avaliação contínua, no entanto, para que haja uma regulação eficaz da aprendizagem é necessário que exista uma regularidade da avaliação formativa, principalmente quando uma unidade didática se prolonga no tempo.

Considero a avaliação formativa muito importante para a evolução do processo de ensino de um docente, pois é através desta que o mesmo tem conhecimento real sobre a consequência da sua prática docente e permite adaptar as suas estratégias e métodos utilizados à situação em que está inserido.

4.1.5.3 Avaliação Sumativa

A avaliação Sumativa tem lugar no final de cada período letivo, no final de cada ano ou no final de cada unidade didática, em que o objetivo é avaliar de forma global o aluno. É a forma de avaliação que possibilita uma melhor decisão relativamente à progressão ou retenção do aluno.

Permite de certa forma seriar os alunos de acordo com o seu mérito, isto é, é a modalidade de avaliação que atribuiu uma classificação ou juízo ao aluno de acordo com os seus conhecimentos e competências, capacidades e atitudes, em comparação com os restantes

De certa forma, a avaliação está sempre dependente da capacidade de observação do docente, bem como da sua capacidade em interpretar o que vê e relacioná-los com os objetivos propostos. Isto é, para o professor avaliar necessita de conhecer e dominar quais os comportamentos técnicos e táticos que pretende ver nos alunos e, a partir daí, identificar e atribuir um nível de competência ao aluno.

Antes de mais, o reduzido número de alunos da turma que lecionei foi um fator facilitador desta mesma avaliação o que acaba por favorecer quem observa e avalia, pois tem a possibilidade de observar com mais frequência o comportamento motor do aluno. Contudo, e de forma a aumentar a eficácia da

avaliação, diminuindo possíveis injustiças e avaliações incorretas, ao longo do ano fui consolidando o conhecimento dos alunos, criando na minha mente níveis distintos de prestação, em que ia agrupando os alunos que na minha opinião se encontravam em níveis semelhantes de habilidades. Creio que esta estratégia faz com que no momento desta avaliação sumativa, o professor esteja preparado para o que vai observar e de certa forma, já sabe o que esperar de cada aluno.

Também o tipo de modalidade tem influência, na minha opinião, na forma como o professor enfrenta o momento de avaliação. Isto é, e derivado da minha experiência durante o ano letivo, é completamente diferente avaliar um aluno num contexto de uma modalidade individual comparativamente com uma modalidade coletiva. Enquanto numa modalidade individual, se torna mais fácil observar o comportamento do aluno de forma isolada, e comparar a prestação dele com o padrão de avaliação estabelecido, numa modalidade coletiva, torna-se mais difícil detetar os momentos de forma isolada, já que as ações decorrem umas a seguir as outras, estando todas interligadas, o que torna mais difícil transpor a observação para dados concretos e avaliativos.

O momento de avaliação sumativa foi sempre realizado no final de cada unidade didática. A criação de uma grelha de avaliação sumativa que apresente um preenchimento fácil, rápido e objetivo foi uma estratégia que utilizei para facilitar este momento avaliativo e aumentar a sua eficácia. Os conteúdos que abordamos nas aulas ao longo de cada modalidade eram então inseridos numa grelha de avaliação e a cada conteúdo correspondia um intervalo de valores, que eu atribuía sempre que os alunos realizavam a ação. A soma total dos conteúdos nunca ultrapassavam os 100 pontos, sendo essa a pontuação máxima que os alunos poderiam atingir durante o momento de avaliação.

Nas modalidades desportivas coletivas, decidi dar mais valor às ações táticas em detrimento das ações técnicas porque sou defensor de que os alunos devem primeiramente aprender a compreender e a ler o jogo, surgindo as ações técnicas como complemento a essas ações táticas.

A rigidez e a equidade foram princípios que segui para ultrapassar esta dificuldade e contribuir para a sua eficácia. Torna-se complicado transformar

todas as prestações observadas numa classificação numérica e este momento foi um dos maiores problemas que enfrentei durante o ano de estágio. A pouca experiência neste capítulo e o medo em atribuir classificações erradas que se traduzisse em possíveis desmotivações dos alunos fez com que encarasse este momento com bastante apreensão e reflexão.

Uma das dificuldades que senti neste aspeto prendeu-se com o facto de chegar ao final das aulas de avaliação e não ter atribuído uma nota a todos os conteúdos, devido ao facto de não ter conseguido observar esse comportamento ou por outra razão qualquer. A estratégia passou por reunir as informações retiradas ao longo das aulas, que assim tornam-se um complemento útil ao momento avaliativo final.

Em relação à categoria transdisciplinar da cultura desportiva, esta não foi avaliada em carácter formal com recurso a um teste teórico. Na minha opinião, penso que devido aos conceitos que fomos transmitindo aos alunos, quer seja através dos *feedbacks*, do questionamento ou dos momentos de instrução, se ajustaria a atribuição de um teste teórico para aferir o conhecimento teórico dos alunos. No entanto, os critérios de classificação da escola assim não o contemplam.

Sobre a categoria transdisciplinar da condição física, esta não incluiu momentos avaliativos em que se avalia de forma isolada aspetos da condição física, como por exemplo a força e a flexibilidade, como os habituais testes de *Fitnessgram*. Esta categoria foi avaliada de forma conjunta e interligada com os conteúdos técnicos e táticos abordados. Na minha opinião, concordo com esta ideologia, já que defendo que a condição física deverá ser um dos meios para levar os alunos ao sucesso das componentes técnicas e táticas e respetiva performance. Isto é, as capacidades físicas exercitadas deverão ser aquelas que mais se adequam às modalidades lecionadas e a respetiva avaliação deverá estar incluída na avaliação dos conteúdos e não de forma isolada das modalidades. Até porque normalmente os testes físicos que são efetuados são desprovidos de qualquer programa de desenvolvimento e estão associados a exercícios desmotivantes para os alunos.

No que concerne aos conceitos psicossociais, estes foram avaliados de forma sistemática ao longo das aulas, bem como nos momentos de autoavaliação, em que possibilita ao aluno um momento de autonomia e responsabilidade das suas próprias ações. Devido ao facto de estarem em confronto as análises do professor e as percepções dos alunos, faz com que esta estratégia seja adequada, já que se verificou um total acordo entre professor e alunos, o que leva a crer que a estratégia resulta.

Em jeito de conclusão, a avaliação sumativa é um momento da atividade do professor que requer muita reflexão e ponderação, já que a tarefa de atribuir uma classificação ao aluno provém de uma série de comportamentos e ações que estão interligados e devem servir de complemento uns aos outros.

4.1.5.4 Autoavaliação

A autoavaliação tem como objetivo integrar os alunos no processo de ensino e aprendizagem, possibilitando ao aluno um autorretrato da sua forma de estar na aula e uma valorização dos seus saberes. Para isso, os alunos deverão ter acesso aos critérios de avaliação da disciplina, importantes para realizar posteriormente a sua reflexão.

Durante o EP adotei esta modalidade de avaliação nas aulas de avaliação sumativa referente ao final de uma unidade didática bem como nas aulas finais de cada período no sentido de perceber o ponto de vista dos alunos em relação à sua avaliação. Recorri apenas ao diálogo, permitindo aos alunos a sua reflexão da sua aprendizagem e consequente classificação.

Um dos fatores positivos foi que, quase sempre, as reflexões realizadas pelos alunos iam de encontro às minhas previsões, o que acabavam por tornar estes momentos mais harmoniosos, já que os pontos de vista eram semelhantes.

No geral, creio que a autoavaliação é importante, porque além de incluir o aluno na avaliação, permite a troca de impressões e opiniões entre professor e aluno, na tentativa de clarificar todo o processo de avaliação, para que no final todas as classificações estejam justas e adequadas a cada.

4.2 Área 2 – Participação na Escola e relações com a comunidade

Nesta área estão incluídas todas as atividades não letivas realizadas pelo estudante estagiário, tendo em vista a sua integração na comunidade escolar e que, simultaneamente, contribuam para um conhecimento do meio regional e local e a exploração da ligação entre a escola e o meio ⁵. O objetivo passa por contribuir para a promoção do sucesso educativo, no reforço do papel do professor de Educação Física na escola e na comunidade local, bem como da disciplina de Educação Física, através de uma intervenção contextualizada, cooperativa, responsável e inovadora. De seguida, vou falar de todas as atividades que realizei na escola enquanto EE que contribuíram para o desenvolvimento profissional, desde as reuniões em que estive presente, a colaboração na direção de turma, o Desporto Escolar, terminando nas atividades não letivas.

4.2.1 Reuniões na Escola

As reuniões são uma atividade comum na prática docente e que, quando aproveitada ao máximo todas as suas potencialidades, são fonte de grande conhecimento e partilha de experiências para todos os docentes. Durante todo o ano letivo foram realizadas reuniões de contextos variados, desde reuniões de grupo de EF, conselhos de turma, reuniões de NE, reuniões entre os EE e de departamento.

De uma forma geral, todas as reuniões traduziram-se em momentos ótimos de aprendizagem e enriquecimento, o que reforça ainda mais o papel destas e do trabalho em comunidade. No entanto, apesar de todas as reuniões convergirem numa ideia de enriquecimento, todas elas continham características próprias e particulares.

As reuniões de grupo de EF, caracterizadas por momentos de alguma hostilidade na troca e no debate de ideias entre os colegas de grupo, foram excelentes momentos para refletir e perceber o papel do professor de EF numa

⁵ Documento interno da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, designado "Normas Orientadoras do Estágio Profissional", elaborado pela Doutora Zélia Matos para a unidade curricular Estágio Profissional no ano letivo 2014/2015.

escola. Foram reuniões marcadas por liderança forte por parte do coordenador, revelando ainda uma boa organização na condução da reunião pelos diversos temas, referentes à atividade do professor. Desde o balanço das matérias curriculares abordadas, o momento avaliativo, a planificação das atividades e respetivo balanço, o Desporto Escolar e questões sobre a gestão dos espaços e instalações desportivas da escola, todos estes temas eram debatidos com entusiasmo e paixão, o que revela de certa forma o carácter destes profissionais ligados à área do Desporto, em que diversas vezes se verificou alguma agressividade “saudável” na troca de argumentos. Assim, as conclusões retiradas destas reuniões eram fortemente sustentadas por ideias claras e fundamentadas, o que reforça ainda mais o conhecimento retirado destas reuniões.

Já as reuniões do conselho de turma continham um ambiente mais calmo em que os temas principais relacionavam-se com as avaliações dos alunos bem como nas estratégias para potenciar o rendimento escolar dos mesmos. As sessões eram simpaticamente dirigidas pela diretora de turma e foi sempre interessante a ideia de diálogo que sobressaiu, com o objetivo de se encontrarem as melhores soluções para os temas falados. Sem estar diretamente relacionado com a Educação Física em si, estas reuniões foram de alguma forma importante para mim, pois possibilitou-me conhecer quais as estratégias a adotar por exemplo para os alunos com mais dificuldades como são os casos das aulas de apoio e das tutorias.

As reuniões de Núcleo de Estágio foram uma fonte de partilha de conhecimentos e de saberes muito importante ao longo deste ano de EP. Realizadas semanalmente sob a orientação do professor cooperante, discutiram-se estratégias e metodologias de ensino, analisaram-se planos de aula, refletiu-se sobre as aulas lecionadas, e organizaram-se atividades. Foram sem qualquer dúvida, reuniões extremamente produtivas que permitiram a mim e aos meus colegas de estágio, pois eram nestes momentos que se discutiam quais as melhores estratégias a utilizar para abordar determinada modalidade, quais os nossos erros das aulas passadas, quais as nossas potencialidades que devem ser exploradas. Portanto, foi com grande base nestas reuniões, ou até

posso mesmo chamar de reflexões do NE, que se criaram os alicerces para a evolução do EE em todas as suas vertentes.

Já as reuniões dos Estudantes Estagiários foram caracterizadas por momentos de partilha e de trabalho em equipa, que tão valorizados são nesta etapa. O ambiente foi mais descontraído, fruto também de uma relação mais próxima entre todos nós, sem que no entanto afetasse o desenrolar das mesmas. Um pouco à imagem das reuniões de NE, nestes momentos de partilha eram debatidos essencialmente temas relacionados com a metodologia de ensino e a reflexão das aulas observadas.

4.2.2 A participação na Direção de Turma

A direção de turma foi uma das funções que, enquanto EE acompanhei durante o ano letivo no sentido de ficar a conhecer todos os processos acerca desta tarefa pedagógica.

A minha principal conclusão prende-se com o facto de a atividade do diretor de turma ser bastante complexa, obrigando por diversas vezes, o cumprimento de tarefas relacionadas com a direção de turma para um horário extra além dos dois tempos letivos semanais.

Além da realização de tarefas administrativas, relacionadas com a análise do registo de faltas, do mapa de faltas, da respetiva comunicação com os encarregados de educação, a atualização do *dossier* de turma e a coordenação das reuniões, o diretor de turma tem a seu encargo uma tarefa de ligação entre todos intervenientes do processo educativo, nomeadamente professores, pais e alunos, que exige um conhecimento aprofundado da turma, dos seus problemas e das suas potencialidades e também nas estratégias e soluções mais eficazes para resolver todas as adversidades.

4.2.3 O Desporto Escolar

O Desporto Escolar⁶ entende-se como o conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objetivo desportivo desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo. Apresenta como principais vetores estratégicos: melhorar a oferta desportiva; estimular a oferta do Desporto Escolar; qualificar a atividade do Desporto Escolar e consolidar a Gestão do Desporto Escolar.

Durante o EP, uma das funções do EE passa pelo acompanhamento de uma modalidade do Desporto Escolar (DE). No início do ano tivemos conhecimento das modalidades existentes na escola, e após uma conversa entre todos os estagiários, decidi acompanhar o futsal masculino do DE, no escalão de juvenis, pelo interesse que apresento pela modalidade e assumi a função de professor auxiliar ao futsal do DE, coadjuvando o professor responsável pela modalidade.

No entanto, todo o interesse e empenho que apresentava por enfrentar uma função diferente numa equipa de futsal do DE, rapidamente foi desaparecendo ao longo do ano devido a uma série de contratempos que me desmotivaram.

O ano começou com um torneio para os alunos do 9º e 10º ano com o objetivo de captar jogadores para a equipa, já que o número de inscritos estava muito aquém do esperado e necessário. Contudo, rapidamente percebi, após as primeiras semanas de treino, que o número de alunos presentes do treino eram insuficientes para realizar qualquer tipo de treino tático para introduzir algumas das noções básicas do futsal. Um ou dois treinos com três ou quatro alunos, ainda se compreende, agora realizar grande parte dos treinos com este número

⁶ Segundo o artigo 5º da secção II do Decreto-lei nº 95/91 de 26 de Fevereiro, publicado em Diário da República. Governo de Portugal.

de alunos torna difícil a qualquer treinador a sua tarefa de construir uma equipa sólida e coesa.

Um dos pontos positivos da minha presença na equipa passou pelo facto de o professor responsável colocar-me completamente à-vontade nos treinos, ficando responsável por ordenar a sessão de treino, grande parte das vezes. Aqui destaco mais outro aspeto positivo, que tem a ver com o desenvolvimento da minha capacidade em improvisar e adaptar-me às situações do treino. Isto é, planeando o treino para cerca de dez alunos, quando na hora do treino, nem metade dos alunos aparecem, o que exigia da minha parte o reajustamento do plano. Daí ser importante apresentar mentalmente na nossa cabeça e no papel, planos alternativos para salvaguardar situações destas.

No entanto, após esta minha experiência no DE, considero que os pontos negativos são superiores aos positivos, sendo importante refletir sobre a valorização da existência da modalidade no DE por várias razões. Primeiro, porque grande parte dos alunos que estavam inscritos na equipa da escola eram atletas federados, e que acabavam só por representar a escola nos jogos disputados frente às outras escolas. Assim, foi necessário quase sempre andar a procurar pelos alunos durante os intervalos para alertá-los para estarem presentes no treino, o que acabou por se revelar inglório.

Em segundo lugar, se um dos objetivos do Desporto Escolar passa por aumentar o número de praticantes desportivos, não entendo como as equipas do DE as escolas continuam a ser constituídas grande parte por atletas federados, que frequentemente não estão presentes no treino do DE. Aqui, creio que deveria de haver uma distribuição equitativa em relação ao número de alunos federados e não federados por equipa, aumentando assim a oferta desportiva para alunos que não praticam desporto de forma federada.

Em terceiro e último lugar, a minha presença nos ensaios para o Sarau Gimnodesportivo coincidiam com os horários do treino do DE, o que me fez faltar algumas vezes aos treinos.

De uma forma geral, creio que o modo como a modalidade de futsal está inserida no DE da escola deve ser repensada, já que o interesse dos alunos nunca foi muito notório, devido ao facto de já estarem praticamente incluídos numa equipa federada e apenas faziam parte da equipa nos momentos de competição a pedido do professor.

4.2.4 Atividades não letivas ocorridas na Escola

Durante o EP realizaram-se várias atividades na escola em que o NE esteve envolvido. Esta é uma função importante do EP pois permite aos EE vivenciarem várias experiências no capítulo da organização de eventos desportivos bem como toda a sua envolvência.

Na minha opinião foi um ano bastante rico em termos de experiências no que toca a organização de eventos desportivos, pois a escola desenvolveu ao longo de todo o ano um número considerável de atividades que desenvolveu e enriqueceu o nosso conhecimento.

4.2.4.1 Torneio de Futsal 9/10º

O Torneio de Futsal destinado aos alunos do 9º e 10º ano realizou-se no dia 15 de Outubro de 2014 no pavilhão polidesportivo da escola. Foi a primeira atividade em que o NE esteve envolvido, colaborando com o professor responsável na organização do evento, assumindo funções na arbitragem e no registo de resultados e cronometragens. Este torneio teve como principal objetivo a captação de alunos com vista à integração dos mesmos na equipa de juvenis masculinos do futsal do Desporto Escolar.

No torneio participaram quatro equipas, o que por si só já constitui um ponto negativo do evento. Isto é, num universo de 16 turmas de 9º e 10º da escola, apenas uma pequena minoria dos alunos se inscreveu para o torneio de uma modalidade que normalmente é apelativa e suficientemente motivante para a grande maioria dos alunos. Portanto, com base nesta adesão baixa ao torneio posso retirar as seguintes conclusões: o evento não ter sido suficientemente divulgado pela comunidade escolar ou, o evento não apresentar interesse para

os alunos já que no futuro não pretendem integrar o Desporto Escolar. Creio que o insucesso deste torneio pode estar relacionado com uma destas razões.

Quanto à participação do NE no torneio, esta baseou-se na acumulação das funções de arbitragem e ainda o registo de resultados e cronometragem. Não posso afirmar que tenha sido uma experiência bastante enriquecedora para o nosso trajeto já que a simplificação da nossa função, bem como a pouca participação, tornou esta atividade carente de enriquecimento.

4.2.4.2 Corta Mato Escolar

O corta-mato escolar, inserido no programa do Desporto Escolar, foi realizado dia 11 de Novembro dentro das instalações da escola, aproveitando assim o espaço exterior da mesma para a prática de atividade física com a organização do evento. O evento foi organizado pelo grupo de Educação Física e teve como principal objetivo a deteção dos alunos para representarem a escola no corta-mato da Coordenação Local do Desporto Escolar, a realizar-se no próximo mês de Fevereiro em Santa Maria da Feira. O evento estava organizado por escalões e os seis primeiros classificados em cada escalão seriam os alunos seleccionados para representar a escola.

A organização principal do evento ficou a cargo de três colegas do grupo de Educação Física que planearam o evento e realizaram a habitual distribuição de funções pelo restante grupo. A reunião de preparação do evento realizou-se no dia anterior onde se ultimaram pormenores e distribuíram-se as funções de cada elemento para o dia do evento.

No dia do evento final, além de ajudar na montagem do circuito na escola, fiquei responsável por realizar o aquecimento aos alunos que se preparavam para iniciar a sua prova. Aqui, e devido ao pouco tempo de aquecimento atribuído, optei sempre por exercícios à base de *skipping* e saltos, bem como alguma corrida, apenas com o intuito de aumentar a temperatura corporal dos alunos e também a sua frequência cardíaca, já que se preparavam para realizar um esforço aeróbio de alguma duração. Já na parte final da atividade, participei juntamente com o restante NE na corrida de Masters, destinada a professores e

peçoal não docente da escola, o que serviu para aumentar os índices de confraternização com a comunidade escolar.

Com a realização deste corta-mato, fiquei a conhecer a maioria dos passos necessários para a realização de um corta-mato na escola no futuro e por isso, sinto-me competente o suficiente para no futuro fazer parte de uma equipa que organize um corta-mato escolar. Desde a criação das fichas de inscrição, os preenchimentos dos dorsais, a marcação dos percursos e distâncias, a organização das funções no próprio dia (*speaker*, aquecimento, linha de meta para atribuir classificação) à entrega dos prémios.

Em jeito de balanço, considero que a forma como está organizado o corta-mato escolar não favorece os objetivos principais da organização máxima, Direção Geral da Educação – Divisão do Desporto Escolar, que para além da dinamização da atividade desportiva, pretende descobrir novos talentos para a modalidade de atletismo. Ou seja, o corta-mato escolar tem sido um evento que cada vez mais oferece resistência dos alunos quanto à sua participação, sendo que por vezes, os mesmos são “obrigados” a participar pelos professores em troca de um valor adicional na nota final da disciplina de Educação Física.

Outro dos pontos prende-se com a participação de alunos federados da modalidade o que torna um contrassenso para a descoberta de novos talentos, já que é comum verificar que os representantes das escolas nos corta-matos regionais e nacionais, são na sua grande maioria alunos federados, facilmente identificáveis pela indumentária que apresentam. Qual é o espaço de manobra para os alunos que não são federados, e não por falta de talento, mas sim de treino e de competição, têm para mostrar o seu potencial? Penso que aqui assenta um dos pontos principais de reflexão para as instituições que regulam esta atividade. Na minha opinião, uma das soluções poderia eventualmente passar pela obrigatoriedade de cada escola apresentar em cada escalão uma percentagem fixa de alunos não federados nos corta-matos regionais de forma a maximizar as hipóteses de descoberta de novos talentos.

4.2.4.3 Torneio de Basquetebol

O Torneio de basquetebol 3x3 decorreu no pavilhão polidesportivo da escola no passado dia 16 de Dezembro de 2014 e foi organizado pelo grupo de Educação Física. Foi um torneio destinado a todos os alunos da escola, desde o 2º e 3º ciclo ao ensino secundário e estava inserido no plano de atividades do grupo de EF, cujo objetivo foi possibilitar aos alunos um número significativo de experiências desportivas, bem como promover a socialização da comunidade escolar através da competição.

O NE esteve mais uma vez inserido na organização do evento, ficando responsável pela arbitragem dos jogos e pela marcação de pontos na mesa de jogo. A minha intervenção passou precisamente por ser árbitro num dos campos do torneio, sendo auxiliado por um dos colegas do NE na mesa de jogo.

Confesso que devido à especificidade do jogo, bem como à duração do tempo de jogo, tive que adotar uma estratégia um pouco diferente em relação à típica arbitragem no basquetebol. Devido ao facto de grande parte dos alunos não ser praticante da modalidade, muitas vezes levavam a que as regras de jogo fossem quebradas repetidamente. Ora, com isto tive que adotar uma arbitragem um pouco adaptada aos alunos e menos rigorosa, visto que o tempo de jogo era diminuto e caso eu apitasse todas as faltas que se verificavam, o jogo estaria grande parte do tempo interrompido. Por isso, antes do início de cada jogo reunia as duas equipas onde referia as regras básicas do jogo e para terem uma postura em campo que não quebrasse facilmente as regras, senão iam jogar menos e parar mais.

Em relação à atividade, o balanço é positivo já que a adesão ao evento foi considerável principalmente nos escalões mais baixos, nomeadamente 2º e 3º ciclo. Com isto, leva-me a refletir se é viável organizar este tipo de atividades para os escalões superiores já que o nível de adesão é mais baixo e se cinge praticamente aos alunos federados das modalidades. Creio que aqui temos mais um ponto de reflexão para tentar determinar a razão desta aparente situação. Na minha opinião, este aparente desinteresse dos alunos do secundário está relacionado com dois aspetos: a falta de interesse pelas modalidades em

questão e ainda a falta de divulgação das atividades, bem como a forma como são organizadas.

Uma das soluções para combater esta falta de adesão dos alunos do secundário poderia passar pela criação de um torneio dentro da turma da modalidade em questão, antes da realização do torneio na escola. Assim, o professor criava dentro da própria turma um quadro competitivo em que, por exemplo, os três primeiros classificados estavam automaticamente nomeados e inscritos para representar a turma no tal torneio final da modalidade organizado pelo grupo de Educação. Na minha opinião, este tipo de estratégias poderia aumentar o número de participantes, já que o aluno se sentia mais valorizado pelo seu esforço e conseqüentemente mais motivado para participar no torneio. No entanto, e corroborando o ideal de que o Desporto é para todos e como tal, estes torneios devem estar abertos a todos e não só aos possíveis apurados, além da inscrição dos alunos que foram automaticamente inscritos pelos torneios da turma, todos os outros alunos estariam no seu direito de se inscrever no torneio, caso não façam parte do lote de escolhidos da turma. Ainda que sucinta, na minha linha de pensamento esta é uma solução que sem dúvida poderá contribuir para o aumento do número de alunos inscritos neste tipo de atividades, quer seja para modalidades coletivas, como foi o caso desta no basquetebol, quer seja para modalidades individuais, como o Badminton.

4.2.4.4 *Light Dance*

A atividade do *Light Dance* realizou-se no dia 16 de Dezembro de 2014 e contou com a organização da professora Carla Lima, do grupo de Educação Física. O evento decorreu na sala de dança do pavilhão da escola e teve como objetivo a realização de uma coreografia com os alunos, que estavam equipados com pulseiras luminosas e roupas claras, e contrastando com o ambiente escuro da sala, criou-se uma atmosfera diferente e cativante para os alunos e para quem assistia. Este tipo de atividade foi proposto pela professora, já que a dança é uma das suas áreas de interesse e, como a escola estava carente de atividades do género, foi importante a sua realização. A adesão foi positiva já que a sala estava repleta de alunos, principalmente do sexo feminino.

Em relação ao NE, este participou de forma indireta no evento, realizando apenas a divulgação do mesmo aos alunos.

4.2.4.5 *Night OJ*

O evento denominado “*Night OJ*” decorreu na noite do dia 28 de Fevereiro de 2015, numa das ruas sem circulação rodoviária, junto à Casa da Criatividade, na cidade de São João da Madeira. Este evento integrou-se no projeto educativo transnacional “Luzes para a cidadania global”, cujo coordenador é a Fundação Ibero-americana para a Educação, Ciência e Cultura e que é representado em Portugal pela Câmara Municipal de São João da Madeira. Este projeto tem como objetivo desenvolver conteúdos pedagógicos no âmbito da cidadania ativa e responsável, tendo como pretensão a fomentação de competências de cidadania junto da comunidade educativa.

O evento organizado contou com a realização de uma “parada solidária” que envolveu a largada de balões luminosos, ao que se seguiram atuações de grupos de dança e de uma banda. O evento continha ainda uma vertente de solidariedade que consistia na entrega de bens alimentares por parte dos inscritos em troca de um balão. O balanço foi extremamente positivo, já que a adesão foi elevada, com cerca de 3 mil pessoas a participarem no evento, resultando na recolha de mais de 1700 bens alimentares que seriam posteriormente distribuídos a famílias carenciadas do concelho de São João da Madeira.

Após ter sido interpelado por uma das professoras responsáveis pelo evento, ao qual respondi afirmativamente, desloquei-me para o local do evento na própria noite com uma única função: ficar responsável por um grupo de alunos, que iriam até à rua destinada à largada, transportar os balões e entregá-los aos participantes para assim concretizar-se a “parada solidária”.

O NE participou de forma voluntária no evento, e mesmo não se tratando de uma atividade do âmbito desportivo, foi importante para o nosso enriquecimento enquanto professores e cidadãos, já que a causa do evento merecia a nossa participação.

4.2.4.6 Torneio de *Tag Rugby*

Este torneio surgiu no âmbito do Desporto Escolar e teve como principal objetivo o apuramento das equipas da escola para a próxima fase do torneio, interescolar. O torneio foi realizado no dia 20 de Março de 2015 e a organização ficou a cargo do Núcleo de Estágio de Educação Física.

Nos dias antecedentes ao evento foi necessário ler o regulamento do torneio de anos passados e imprimir as fichas de inscrição para assim avisar os colegas professores e divulgar o torneio pelos alunos. No dia anterior, o NE reuniu todas as inscrições e realizou em conjunto o quadro competitivo do torneio, onde posteriormente afixou o calendário junto à porta principal do pavilhão da escola. No dia do evento, além de ajudar a montar os campos, bem como as mesas de auxílio a cada campo, estive responsável pela atualização do marcador de pontos num dos campos do torneio, bem como do preenchimento da ficha de jogo.

O balanço do torneio foi muito positivo já que se verificou uma adesão significativa ao mesmo, com a participação de 16 equipas, 11 equipas para o escalão de infantis e 5 para o escalão de iniciados, o que resultou no aumento do número de participantes em relação ao ano passado que rondou a dezena de equipas. A excelente articulação que se verificou entre os membros do NE e o professor cooperante resultou também para que o evento resultasse sem falhas e sem contratempos, o que revela uma vez mais que quando os eventos são organizados e planeados com rigor e quando o trabalho em equipa e de colaboração imperam, os resultados só podem ser positivos.

4.2.4.7 Dia Aberto ao 1º ciclo

O dia dedicado ao 1º ciclo realizou-se no passado dia 18 de Abril de 2015, e está inserido no âmbito de atividades da escola que tem como objetivo mostrar o serviço e oferta educativa aos alunos do 1º ciclo, com vista a sua entrada na escola no futuro. O NE ficou encarregue pela realização de atividades desportivas aos futuros alunos.

A minha tarefa assentou na realização de uma atividade dentro da sala de dança que proporcionasse o contato com a modalidade de ginástica e ainda os jogos tradicionais. Contei com a colaboração de um colega do NE na preparação e organização da atividade, que consistiu numa abordagem aos saltos no minitrampolim, como o salto em extensão e o salto engrupado, e ainda a inserção de uma pequena competição entre grupos, utilizando diversos jogos tradicionais, como o jogo do saco e saltar à corda.

Em relação a esta atividade, foi uma nova experiência para mim o contato com alunos de uma realidade escolar diferente aquela que estou habituado, e que me deixou com bastante vontade de trabalhar com miúdos desta idade no futuro, visto que o seu empenho e interesse em cada atividade é bem diferente quando comparada com miúdos mais velhos em que já é necessário outro tipo de abordagem.

4.2.4.8 Sarau Gimnodesportivo

O Sarau Gimnodesportivo da escola foi realizado no dia 24 de Abril de 2015, pelas 21h no Pavilhão das Travessas na cidade de São João da Madeira. O evento é já considerado uma referência ao nível da comunidade educativa sanjoanense, o que acarreta uma maior responsabilidade à organização, que ficou a cargo do grupo de Educação Física da escola, na qual o NE está obviamente incluído.

Um dos principais objetivos do evento passa por aproximar a comunidade escolar do meio onde está inserido, e à semelhança de anos anteriores, a organização apostou fundamentalmente em atuações do próprio agrupamento, desde o ensino pré-escolar ao ensino secundário, tendo o espetáculo sido complementado com uma exibição de um grupo convidado, nomeadamente com a presença de um grupo de ginástica oriundo da cidade de Espinho.

O NE esteve obviamente inserido no evento, principalmente nas três seguintes funções:

- Juntamente com o professor cooperante, o NE foi responsável por organizar a sessão de abertura do evento. Para tal, foi necessário, numa primeira

fase, criar um tema, clarificar ideias, montar um esquema, para no final nascer uma sessão de abertura que fosse minimamente atraente e cativante para todos, desde os participantes ao público. Para a realização deste esquema, contamos com a colaboração de cerca de 75 alunos, grande parte deles oriundos dos sétimos anos da escola.

- Participação no espetáculo do sarau, com a presença no esquema de dança dos professores da escola, que entusiasmou e cativou o público presente.

- Montagem de todo o cenário para o espetáculo nos dias precedentes ao evento, desde o transporte do material da escola para o pavilhão, a colocação das bancadas amovíveis, a preparação do piso e restante logística do evento. No evento final, ficamos ainda responsáveis pelo transporte dos materiais nas transições entre as atuações.

O balanço final do evento foi positivo, no entanto coloco algumas reticências e questões acerca do modo como é perspectivado pela comunidade escolar, dando mesmo a ideia de que por vezes “estamos o ano todo a trabalhar para o Sarau”, quando na minha opinião, o evento deverá ser apenas uma consequência do trabalho realizado ao longo do ano e não um fim em si mesmo.

Em primeiro lugar, os ensaios para a sessão de abertura começaram ainda numa fase inicial do 2º período e prolongaram-se até ao dia do evento, o que torna a acumulação de cansaço consequência inevitável do processo, já que todas as quartas-feiras à tarde era momento para ensaio.

Em segundo lugar, e devido ao elevado número de alunos necessários para se realizar a sessão de abertura, tornou-se praticamente impossível reunir todos os alunos ou grande parte deles nas sessões de ensaio das quartas-feiras, o que por vezes tornavam os ensaios desnecessários, já que a evolução verificada era mínima. Na minha opinião, seria mais rentável programar os ensaios para uma fase mais próxima do evento, cerca de um mês antes, e aí sim, oferecer aos alunos, uma margem de falta de assiduidade muito menor do que aquela que se verificou, pois deu-me a sensação de que muitos alunos faltavam aos ensaios porque “ainda faltava bastante tempo para o sarau”.

Em terceiro lugar, verifiquei que a importância dada aos ensaios para o sarau, por parte de outros esquemas, sem ser a sessão de abertura, implicaram o “esquecer” da aula de Educação Física em detrimento do treino para o sarau. Na minha opinião, os esquemas a apresentar no Sarau deveriam ser um resultado daquilo que se passou nas aulas, nomeadamente nas modalidades de Dança e Ginástica, e não abandonar a lecionação da modalidade prevista em detrimento do ensaio para o Sarau.

A nível organizativo, esta atividade proporcionou-me uma experiência muito rica, principalmente acerca do planeamento e gestão de um evento desta natureza. Para que tudo corra bem é necessário a cooperação de uma longa equipa que está dividida por diversas funções, todas elas de igual importância, desde a bilheteira, o controlo das entradas, a montagem do cenário, o som, a organização das atuações, a distribuição dos convidados, entre outras.

Em conclusão, foi reconfortante chegar ao dia do evento e ver todo o nosso trabalho reconhecido, no entanto, foi também uma sensação de alívio, já que foi um evento que exigiu tanto de nós ao longo do ano, principalmente em número de ensaios.

4.2.4.9 Mantém-te Ativo

A atividade denominada “Mantém-te Ativo” está inserida no âmbito das atividades do grupo de Educação Física, e tem como objetivo promover a atividade física nas turmas do 2º ciclo da escola. A organização da atividade ficou a cargo do NE da escola com a colaboração do professor cooperante Carlos Miragaia. A atividade realizou-se no dia 5 de Junho de 2015, no parque do Rio Ul em São João da Madeira entre as 9h e as 14.30h.

A atividade consistiu num dia dedicado à atividade desportiva e lúdica, com a criação de campos para as modalidades de street soccer, corfebol e voleibol, bem como a existência de jogos tradicionais e de um insuflável que fez as delícias dos alunos. A manhã terminou com um piquenique no parque, onde os encarregados de educação foram convidados a participar. A parte final da atividade terminou com uma dança transmitida por uma das colegas do NE.

Sendo esta a última atividade realizada pelo grupo de EF, coube ao NE a sua organização que se iniciou poucas semanas antes ao dia do evento. Contanto com a preciosa colaboração do professor cooperante foi necessário, numa primeira fase, definir as atividades desportivas a organizar. Depois analisaram-se regulamentos, criaram-se fichas de inscrição para as modalidades bem como fichas de autorização para os Encarregados de Educação. Elaborou-se a lista de materiais necessários para o dia, assim como a distribuição de funções dos recursos humanos, desde árbitros, marcadores de mesa, distribuição de águas, som e fotografia. Nos dias que antecederam ao evento, foi necessário divulgar o evento pelas turmas, recolher as fichas de inscrição e de autorização, bem como organizar os quadros competitivos das modalidades.

No dia anterior ao evento, o NE teve como principal função transportar o material para o parque, bem como montar os campos e restante logística. Para o dia do evento, os primeiros socorros foram da responsabilidade dos bombeiros, e o transporte dos alunos para o parque realizou-se a pé com o apoio dos agentes da PSP. Todas estas questões foram obviamente tratadas anteriormente.

Em resumo, esta foi uma atividade que decorreu de forma excecional. Posso afirmar sem grandes dúvidas que esta foi a atividade na qual estive inserido que melhor correu e mais satisfação me deu enquanto membro organizador. Desde já, o local onde a atividade decorreu foi apelativo, desde as excelentes condições do parque ao contato com a natureza, depois pelo tempo meteorológico do dia, passando ainda pela adesão significativa dos alunos, terminando no entusiasmo que apresentaram no decorrer do dia.

Foi uma experiência gratificante e muito enriquecedora, e que prova que Desporto e a Natureza juntos, grandes momentos se podem proporcionar quer a quem participa nas atividades quer a quem as organiza.

4.3. Área 3 – Desenvolvimento Profissional

4.3.1 A observação como meio de aprendizagem

A observação, em todos os sistemas de formação de professores, tem sido uma estratégia privilegiada na medida em que se lhe atribui um papel fundamental no processo de modificação do comportamento e da atitude do professor em formação.

Segundo Estrela (2008) podemos distinguir duas formas de observação: observação sobre o futuro professor e observação feita pelo futuro professor. A observação sobre o futuro professor refere-se às aulas lecionadas pelo estagiário perante a presença dos seus colegas de estágio e do professor orientador. Já a observação feita pelo futuro professor refere-se à assistência às aulas de um ou vários professores experimentados bem como das aulas dos colegas de estágio.

Durante o EP pude experimentar estas duas formas de observação e posso considerar sem dúvida que constituem uma estratégia privilegiada para a formação do EE. No entanto, estas observações só fazem sentido caso exista a análise e reflexão das mesmas, pois só assim é possível constatar os principais erros e problemas das lições, bem como as eventuais estratégias e alterações a realizar posteriormente. Devido ao facto de os meus colegas do NE atuarem perante turmas de realidades e características distintas da minha, procurei grande parte das vezes estar presente nas aulas deles, com o intuito de observar e analisar contextos diferentes para assim aumentar a minha capacidade de resposta perante situações que podem surgir na minha atividade profissional futuramente.

Foi comum, durante o EP, no final de determinadas aulas, trocar impressões com o professor que lecionou a aula, no sentido de perceber determinadas opções tomadas bem como a troca de ideias, sempre no sentido de aperfeiçoar a nossa prática docente.

Paralelamente com a observação das aulas, realizaram-se também as reuniões do NE com a presença dos meus colegas estagiários e do professor

cooperante. Considero estes momentos realizados pelo menos uma vez por semana essenciais para o desenvolvimento da nossa docência. O debate crítico e a reflexão caracterizavam estas sessões, o que nos permitia retirar conclusões e ilações bastante proveitosas da nossa prática.

Em jeito de conclusão, considero que a observação é muito importante para o desenvolvimento da nossa prática docente, e em conjunto com a posterior análise e reflexão, permite ao EE perceber a sua intervenção, desde os seus erros, defeitos, qualidades, estratégias, métodos e conduzi-lo à realização de um ensino de qualidade.

4.3.2 A prática reflexiva como meio de desenvolvimento

A reflexão sobre a prática tem-se vindo a revelar fundamental na aquisição de competências profissionais. Segundo Schön (1983, 1987), após a análise de modelos profissionais em diversas áreas, o crescimento profissional é consumado através da experiência de reflexão sobre a prática.

Ainda segundo o mesmo autor, os indivíduos prestam mais atenção à informação que têm um significado pessoal e imediato para eles e quando a atenção operativa é grande, o que significa que a aprendizagem quando é emergente de cenários reais, com um envolvimento pessoal intensificado, promove a focalização nos problemas e consequente resolução.

Para Potrac et al. (2000) a reflexão não implica adquirir conhecimento declarativo, mas, preferencialmente, a capacidade de refletir a prática e de contextualizar o conhecimento declarativo e processual, de forma a melhorar o conhecimento condicional.

Tendo em conta todas estas citações de autores da área da reflexão, considero que esta é uma das principais estratégias a utilizar pelo EE ao longo do ano letivo para melhorar o seu desempenho, pois só através desta prática reflexiva ficamos a tomar conhecimento sobre o nosso método de ensino, tendo sempre como objetivo aumentar a eficácia da nossa prática.

Posso afirmar que nos primeiros tempos, a reflexão baseava-se numa descrição dos acontecimentos da aula, que pouco ou nada contribuíam para o

nosso aperfeiçoamento enquanto agentes de ensino. Contudo, perante os conselhos do professor orientador, também esta minha capacidade para refletir sobre a aula e os seus acontecimentos de relevo evoluiu, sempre com o intuito de dar respostas aos incidentes críticos da aula, perceber os seus motivos e consequências bem como formas e estratégias a utilizar em aulas seguintes. Ou seja, passou de uma reflexão descritiva para uma reflexão interpretativa, em que comecei a perceber o porquê dos acontecimentos e também a responder internamente a questões como “o que poderia ter mudado para ter corrido melhor?”, “porque é que correu bem?”, “como poderia ter intervido?”. Isto é, questões relacionadas com a aula e os seus acontecimentos.

Também no NE houve o seu espaço de reflexão partilhada, o que foi importante para debater novas estratégias, métodos e perspetivas, tornando assim a nossa análise mais abrangente.

Posso afirmar que, sem dúvida, sou hoje uma pessoa muito mais reflexiva do que era antes do meu ano de estágio. Isto deve-se principalmente à mudança de visão que tinha relativamente a este tema. Como já referi anteriormente, a minha prática reflexiva baseava-se na descrição de acontecimentos. Hoje, tenho ultrapassada essa visão incorreta e ultrapassada e passei a ver a reflexão como uma prática que nos ajuda a interpretar os acontecimentos, sempre com o intuito de nos fazer evoluir e melhorar no nosso desempenho. É, indubitavelmente, uma ferramenta que já comecei a utilizar nas minhas atividades profissionais, quer seja em contexto de ensino ou de treino.

4.3.3 Portefólio Digital

Com a evolução das novas tecnologias na sociedade, surge o Portefólio Digital como instrumento de ligação entre os membros do NE.

Assim, o Portefólio Digital (PD) permitiu organizar e introduzir todo o trabalho realizado ao longo do EP, bem como ofereceu a possibilidade ao professor cooperante e professor orientador de estarem a par de todo o processo de ensino do EE.

Na minha opinião a criação deste PD torna-se importante pois torna possível que, numa só página, estejam incluídos e organizados todos os aspetos necessários e pertinentes ao EP. No entanto, creio que esta área não está diretamente relacionada com a EF e o Desporto, contudo, a experiência no contato com este tipo de tecnologia é sempre positiva e é mais um momento de aprendizagem que poderá ser necessária para o futuro.

Exige ainda da nossa parte uma atualização e regularidade constante, o que não foi possível verificar constantemente durante a minha atividade. Também o aspeto relativo ao *design* é fundamental para que o PD se torne atrativo para quem o visita. Relativamente a este aspeto, decidi tornar o meu PD funcional e prático, em detrimento da imagem.

4.3.4 As formações

Durante o EP, a escola possibilitou ao grupo de Educação Física uma ação de formação de Ténis, oferecida pelos técnicos da Associação Estamos Juntos (AEJ), com o objetivo de capacitar os professores da disciplina da escola de competências e estratégias de ensino da modalidade de ténis na escola.

O NE esteve presente nesta formação e de uma maneira geral, fiquei muito satisfeito com o desenrolar da mesma já que fiquei a conhecer como ensinar e abordar a modalidade de uma forma prática, simples e ao mesmo tempo divertida e cativante, com recurso a jogos e sistemas de competição.

Em jeito de conclusão, creio que estas ações de formação são bastante úteis principalmente quando são de modalidades que não estiveram presentes na formação dos docentes de Educação Física, o que aumenta o nosso conhecimento desportivo e capacita-nos de melhores competências para enfrentar o futuro profissional.

Semelhante a esta, sinto que preciso de frequentar ações de formação noutras áreas sobre outras modalidades, principalmente nas que incidem sobre modalidades que não foram abordadas na fase de formação, assim como sobre outras áreas que possibilitam o desenvolvimento da nossa capacidade para ser professor, como a liderança e a comunicação.

4.3.5 Investigação

Para Cohen e Manion (1994) a investigação define-se como a combinação de experiência e de lógica e deve ser encarada como a melhor maneira de procurar a verdade, em particular, nas ciências sociais. O pouco progresso que a educação apresenta, deve-se ao facto de esta se apoiar sobretudo na experiência e nos juízos de lógica dedutiva e indutiva, e na relutância em aplicar os princípios da investigação (Maia, 2008).

A investigação é fundamental para o contínuo desenvolvimento e melhoramento da prática educativa (Borg & Gall, 1989). Portanto, e face à complexidade da profissão docente, surge a necessidade de uma constante busca pela aprendizagem, sendo para isso necessário desenvolver uma investigação que conduzam o docente a esse fim.

Após alguns momentos de indecisão, de reflexão e de indefinição, surgiu a possibilidade de aplicar um estudo durante a aplicação do Modelo de Educação Desportiva à turma, com o objetivo de verificar quais os problemas de comunicação dos estudantes treinadores. Como a turma, apresentava para a idade, uma autonomia e uma maturidade acima da média, partiu-se então para esta investigação.

4.3.6 A comunicação dos estudantes treinadores no Modelo de Educação Desportiva

Resumo

O objetivo principal do Modelo de Educação Desportiva (MED) passa por transmitir aos alunos experiências educativas propícias e aliciantes, no contexto da Educação Física, no sentido de se tornarem alunos desportivamente mais competentes, cultos e entusiastas. O presente estudo tem como propósito analisar a comunicação dos estudantes com a função de treinador durante a aplicação do MED. Os participantes foram constituídos por dois alunos do 7º ano. Para a realização do estudo foram utilizados dois microfones de lapela com o intuito de se obter gravações áudio das intervenções dos estudantes treinadores. Os dados foram analisados recorrendo à análise de conteúdo. Verificou-se que os principais problemas/dificuldades que os estudantes treinadores apresentaram durante as suas intervenções são: introdução desajustada do conteúdo; discurso vocacionado no resultado e na competição e falta de vocabulário específico. Relativamente às estratégias utilizadas pelo professor tutor, verificou-se que as fichas de tarefa e as conversas individuais são estratégias eficazes para auxiliar e modificar aspetos da intervenção dos estudantes treinadores. O curto período de aulas em que este modelo vigorou pode ser considerado como um fator limitativo da obtenção de resultados mais positivos.

PALAVRAS-CHAVE: MODELO DE EDUCAÇÃO DESPORTIVA, COMUNICAÇÃO, ESTUDANTES-TREINADORES, APRENDIZAGEM.

Introdução

O objetivo principal do Modelo de Educação Desportiva (MED) passa por transmitir aos alunos experiências educativas propícias e aliciantes, no contexto da Educação Física, no sentido de se tornarem alunos desportivamente mais competentes, cultos e entusiastas. Alunos desportivamente competentes na execução de habilidades técnicas e táticas que lhes permitam adquirir capacidades suficientemente satisfatórias para enfrentar o jogo e a competição.

Alunos desportivamente cultos, na compreensão dos valores, das regras, e na distinção do valor das boas das más práticas desportivas. Alunos desportivamente entusiastas, pela motivação para a prática desportiva e na importância da sua prática e promoção.

Estrutura do MED

As características estruturais do MED têm como objetivo aproximar o contexto da Educação Física ao contexto desportivo. No sentido de garantir esta aproximação, Siedentop (1994) (citado por Mesquita & Graça, 2011) integrou seis características do desporto institucionalizado no MED: a época desportiva, a filiação, a competição formal, o registo estatístico, a festividade e os eventos culminantes.

A época desportiva substitui as unidades didáticas de curta duração. A necessidade em estender a época desportiva para, pelo menos, 20 aulas, surge no sentido de se poder consolidar as aprendizagens (Jones & Ward, 1998). A necessidade de se alongar o tempo de contato do aluno com o conteúdo de ensino aparece como contradição ao modelo tradicional por preferência de currículos curtos de variadas atividades e com efeitos improváveis.

Já a criação de um quadro competitivo formal é efetivado logo no início da época através da constituição das equipas, criando-se assim mecanismos promotores da igualdade de oportunidades para participar, mais especificamente pelo premiar da colaboração na aprendizagem e pelo treino no seio de cada equipa. Também o *fair play* é premiado durante toda a época, havendo pontuação para este aspeto na pontuação final da equipa.

O evento culminante está presente em cada época, e pretende-se que seja revestido de festividade, com os alunos motivados e empenhados nas suas responsabilidades. O calendário competitivo prevê uma sucessão de torneios, que está adaptado ao nível da turma, bem como às características do sistema e dos conteúdos da competição.

Os registos estatísticos aparecem como forma de valorização da competição. São realizados registos dos resultados, comportamentos, bem

como de estatísticas individuais ou de equipa que marcam a história e conferem importância ao que se faz na competição.

Por último e não menos importante, a filiação promove, desde já, a integração dos alunos em equipas, e consequentemente, o aparecimento do sentimento de pertença ao grupo. As equipas têm nomes, símbolos, cores, capitão, treinador e uma área própria para treinar.

Segundo Hastie (1998) uma das diferenças fundamentais do MED em relação às abordagens tradicionais é a sua preocupação em reduzir os fatores de exclusão, criando condições para organizar a competição com a inclusão, equilibrando a oportunidade de participação e evitando assim, que a participação dos alunos menos dotados se reduza a papéis menores.

Assim, o MED implica desde já uma reformulação nas funções a desempenhar pelo professor/treinador e alunos/jogadores. Ou seja, os alunos não são chamados apenas a executar a função de jogadores sob as ordens do professor, mas também são solicitados na participação ativa na construção do processo de ensino-aprendizagem, adotando um conjunto de funções associados à prática desportiva, quer seja como treinador, capitão, registo estatístico ou jornalista (Mesquita & Graça, 2011).

O presente estudo tem como figura central o papel do treinador estudante ao longo do MED, mais especificamente compreender a sua comunicação durante os momentos de instrução.

Wallhead & O'Sullivan (2007) detetaram que os alunos com a função de treinador tiveram uma abordagem de instrução do ensino que permitiu aos participantes o desenvolvimento de conhecimento sobre a matéria de ensino. O fornecimento de cartões de tarefa antes da aula e a intervenção do professor durante a aula constituíram-se como estratégias eficazes para auxiliarem a ação dos alunos com a função de treinador. No entanto, e segundo os mesmos autores, os alunos treinadores não dominaram conceitos de maior complexidade durante o ensino, devido principalmente à incapacidade do professor em

elaborar o conteúdo através de demonstrações adequadas, bem como em diagnosticar os erros e modificar as tarefas.

O sistema instrucional do MED apresenta um potencial problema no controlo do conhecimento do conteúdo de ensino, quando um dos alunos apresenta a função de treinador e outros a de jogadores. Portanto, a função de treinador exige algum domínio do conteúdo de ensino por parte dos alunos. Assim, a ausência do professor da prática pode proporcionar experiências ausentes de significado e descaracterizada em relação aos objetivos de ensino (Graça & Mesquita, 2007).

Comunicação

Estando o tema do presente estudo diretamente ligado com a comunicação do estudante treinador no MED, importa especificar o tema da comunicação e a sua importância no processo de ensino-aprendizagem. É inquestionável o papel exercido pela comunicação neste processo, independentemente do contexto em que se estabelece. A transmissão de informação é uma das competências fundamentais de professores e treinadores (Rosado & Mesquita, 2011).

Segundo os autores anteriores, os processos de comunicação envolvem a transferência e a compreensão de significados entre pessoas, apresentando variadas funções como: informação (instrução para facilitar a aprendizagem), controlo (controlar o comportamento dos atletas), motivação (apresentar objetivos para a prática) e expressão emocional (expressar satisfação perante uma ação).

No contexto de ensino e de treino, e dentro dos mais variados propósitos que legitimam a comunicação, a instrução ocupa um lugar de referência. Este termo refere-se a comportamentos de ensino que fazem parte do repertório do professor para transmitir informação que esteja diretamente relacionada com os objetivos e os conteúdos do ensino, segundo Siedentop (1991). Da instrução, fazem parte todos os comportamentos, verbais ou não-verbais (como por exemplo: exposição, explicação, demonstração, feedback, entre outras formas

de comunicação não-verbal) que estão diretamente ligados com os objetivos da aprendizagem (Rosado & Mesquita, 2011).

Segundo Leith (1992) o ensinar ou treinar bem é o resultado de comunicações eficientes, o que reforça a influência da comunicação no desenrolar de todo o processo de ensino-aprendizagem. Ainda dentro da eficácia do ensino, Werner & Rink (1987) constataram que a clareza da informação emitida e a emissão de *feedbacks* são variáveis preditivas para a ocorrência de sucesso nas aprendizagens. No entanto, tal meta só é alcançada se for respeitada a solução de compromisso entre a quantidade e a qualidade da informação proferida. (Silverman et al., 1993).

Conforme adiantou Siedentop (1991), a informação, em situações de instrução, é emitida segundo três momentos: (I) antes da prática, em que se recorre a preleções, apresentação de tarefas, explicações e demonstrações; (II) durante a prática, através da emissão de *feedbacks*; (III) após a prática, pela análise referenciada à prática desenvolvida.

Ainda segundo Rink (1993), na aplicação do processo de instrução, existe a necessidade de executar determinadas funções: a identificação dos objetivos a seguir; a planificação das tarefas em concordância com os objetivos; a apresentação eficaz das tarefas que indique ao aluno uma clara ideia do que deve fazer; a organização e gestão do envolvimento de aprendizagens que aumentem a motivação dos alunos para a práticas das tarefas; a monitorização do envolvimento de forma a proporcionar ao aluno *feedback* relacionado com a sua atividade na tarefa e o desenvolvimento do conteúdo, baseado na modificação da estrutura da tarefa através da resposta do aluno durante a sua realização e a avaliação da eficácia do processo de instrução.

Por isso, a organização do processo de instrução resulta da relação que se estabelece entre o objetivo, o conteúdo, a metodologia e as formas de organização, estando esta relação dependente das condições em que se aplica. De seguida, irei abordar cinco fatores essenciais para a instrução no domínio das atividades físicas e desportivas e que constituem a base para análise das

aulas dos estudantes treinadores e identificar características e problemas durante a sua comunicação, durante o Modelo de Educação Desportiva.

Informação no Início das sessões:

Para Siedentop (1991) existe a necessidade de nos momentos de informação inicial, o professor assegurar o desempenho de várias tarefas, entre as quais a referência aos objetivos, interesse e utilidade da sessão, a apresentação dos conteúdos fundamentais a desenvolver na sessão, das normas organizativas da primeira tarefa, entre outras. Refere ainda que esta preleção deve ser breve, e que o professor deve adotar formas de comunicação que conduzem à manutenção da atenção e a compreensão da matéria transmitida. A formulação de objetivos constitui-se como um comportamento fundamental para aferir os progressos da aprendizagem, na medida em que se verifica que os professores com elevado conhecimento pedagógico do conteúdo acreditam que todos os alunos são capazes de aprender, e medem os seus progressos de aprendizagem através dos objetivos colocados (Griffey & Housner, 2007).

Apresentação dos exercícios

A apresentação dos exercícios refere-se à informação transmitida pelo professor ou treinador aos alunos ou atletas durante a prática motora acerca do que fazer e como fazer, segundo afirma Rink (1994). Ainda segundo o mesmo autor, esta informação pretende esclarecer o executante acerca do significado e da importância do que vai ser aprendido, dos objetivos a alcançar, e também, da organização da própria prática, como a formação de grupo e determinação de espaços, equipamentos e tempo de prática.

Para Doyle (1990), a clareza na emissão de informação é um dos aspetos que concorrem para uma boa apresentação, e aumenta a eficácia de ensino. Segundo Brophy & Good (1986), a boa estruturação da apresentação de tarefas está relacionada com a aplicação de palavras-chave e recurso a modelos padrão de referência.

De uma forma resumida, na apresentação dos exercícios aconselha-se: (I) identificar os objetivos a alcançar e as tarefas a realizar para os atingir, assim como os critérios de êxito e avaliação; (II) após a apresentação dos elementos anteriores, se necessário, o professor deve recorrer a um modelo, uma imagem do comportamento, acompanhado da descrição das suas fases críticas fundamentais, e depois, de preferência no local de realização, apresentar a tarefa a realizar, questionando, posteriormente, a sua compreensão (Rosado & Mesquita, 2011).

O *feedback* pedagógico

O comportamento do professor de reação à resposta motora de um aluno ou atleta, tendo como propósito modificar essa resposta no sentido da aquisição ou realização de uma habilidade define-se como o conceito de *feedback* pedagógico (Fishman & Tobey, 1978). Portanto, após a realização de uma tarefa motora por parte de um aluno ou atleta, este deve receber um conjunto de informações sobre a forma como realizou a ação, no sentido de melhorar o seu desempenho. Uma das principais lacunas para a qualificação do *feedback* prende-se com a dificuldade dos agentes de ensino diagnosticarem os problemas dos praticantes, principalmente devido ao facto de não dominarem o conteúdo (Rosado & Mesquita, 2011).

Vários estudos sobre a apropriação do *feedback* levaram Piéron & Delmelle (1982) ao constarem a importância da informação como elo de ligação às ações de ensino, a sintetizar uma sequência de comportamentos que o professor deve desenvolver para emitir um *feedback* pedagógico: (I) observação e identificação do erro durante a prestação do aluno ou atleta; (II) tomada de decisão (decidir se deve reagir ou não reagir, e se reagir, o que fazer?); (III) *feedback* pedagógico informativo; (IV) observação das mudanças no comportamento da ação do aluno; (V) eventual observação de uma nova tentativa do comportamento motor e ocorrência de um novo *feedback* pedagógico.

Para Hoffman (1983), a reação à ação motora do aluno envolve duas fases distintas: a fase de diagnóstico e a fase de prescrição. O diagnóstico

refere-se à identificação do erro, a reflexão sobre a sua origem e identificação das suas causas. Segundo o mesmo autor, o professor inicia um processo de tomada de decisão, em que a prestação verificada é comparada ao modelo ideal definido pelo professor, de acordo com objetivos e nível de prática. Desta comparação resulta uma diferença, que corresponde à diferença entre prestação desejada e a que foi efetivamente realizada. Esta diferença vai implicar, de imediato, a sua reflexão, identificação da causa da sua ocorrência e a prescrição de uma solução, a aplicação de um *feedback*, uma nova instrução e a apresentação de atividades alternativas. Ainda segundo Hoffman (1977), os professores que não conseguem descortinar erros críticos na prestação dos alunos, ou que não interpretem corretamente o seu significado estão destinados a cometer erros durante a fase de prescrição.

Encerramento da Sessão

O encerramento da sessão é para Siedentop (1991) um momento em que se deve rever os aspetos de maior importância da aula, de reformular aspetos essenciais, de fornecer um *feedback* coletivo e de motivar a turma para a próxima sessão.

De uma forma geral, a parte final da sessão serve para o professor reunir com os alunos para cumprir objetivos de revisão e extensão dos conteúdos, bem como reformular a instrução anteriormente emitida (Rosado et al, 2008).

Objetivos

O presente estudo tem como objetivo principal analisar a comunicação do estudante treinador durante a aplicação do Modelo de Educação Desportiva numa unidade didática de Voleibol.

Assim, e de acordo com o objetivo geral, os objetivos específicos do estudo são:

- Analisar os principais problemas de comunicação do estudante treinador durante a fase de aplicação do MED;

- Perceber como evolui a comunicação do estudante treinador ao longo de toda a unidade didática;
- Identificar e avaliar as estratégias utilizadas pelo professor tutor tendo como objetivo a evolução da comunicação do estudante treinador.

Metodologia

Participantes

Os participantes são constituídos por dois alunos da uma turma do 7º ano de uma escola de São João da Madeira. São do sexo masculino e ambos nasceram no ano de 2002. Os dois alunos foram selecionados por mim (professor tutor) tendo em consideração dois principais requisitos: praticam desporto de forma federada e apresentam boa capacidade motora para a prática desportiva.

Instrumentos e Recolha de Dados

Para a realização do seguinte estudo, foram utilizados dois microfones de lapela que transmitiam o seu sinal para um computador de secretária situado perto do local da aula. Os dois estudantes treinadores colocavam antes de iniciar cada sessão, um microfone de lapela nas suas camisolas juntamente com um aparelho de gravação que guardavam nos seus bolsos, com o objetivo de se gravarem todas as suas intervenções. As gravações foram efetuados ao longo de cinco aulas numa unidade didática de seis aulas da modalidade de Voleibol. Cada aula teve a duração de 85 minutos de tempo útil.

Quadro 4 – Data das aulas destinadas à gravação áudio.

Nº Aula	Data
1	12 De Fevereiro
2	19 De Fevereiro
3	26 De Fevereiro
4	5 De Março
6	19 De Março (Evento Culminante)

Este equipamento utilizado por vezes apresentava alguns constrangimentos, pois a presença de um gravador no bolso dos alunos por vezes dificultava a sua atividade na aula. Também, numa das aulas o microfone de um dos alunos deixou de transmitir o seu sinal, provavelmente devido a um problema de bateria.

Procedimentos de Análise

Numa fase inicial procedeu-se à gravação áudio da comunicação dos estudantes treinadores ao longo da aula para depois se passar a uma análise de conteúdo, com a definição de categorias. No final de cada aula, o professor tutor analisava a gravação da mesma, com o objetivo de identificar os problemas e caraterísticas identificados, com vista à evolução nas aulas seguintes.

Esta análise do conteúdo foi dividida em quatro momentos de aula distintos: Informação no Início das sessões, Apresentação dos exercícios, Feedback Pedagógico e Encerramento da Sessão.

Resultados

Informação no início das sessões

No que diz respeito à informação transmitida pelos estudantes treinadores no início de cada sessão, apresentaram-se as seguintes caraterísticas:

- *Discurso curto e orientado para o compromisso com a competição/resultados.* Este foi sem dúvida um aspeto que se verificou totalmente pelos dois alunos nas suas intervenções no início de cada sessão. Verificou-se um distanciamento do discurso em relação ao processo, mais concretamente sobre as questões técnicas e táticas do jogo, contrastando com a apresentação de um discurso curto, conciso e direto, focado no comportamento e no empenho das suas equipas na aula, para que no futuro seja importante ganhar os jogos em disputa.

“Bem equipa, vamos começar a aula. Quero vos atentos e concentrados.”

(Aluno J – Aula 1)

“Atenção ao comportamento e ao empenho que conta para a ficha de bonificações” (Aluno P – Aula 2)

“Equipa, hoje a aula é competição por isso é para ganhar.” (Aluno J – Aula 3)

“Hoje vamos jogar na estrutura de jogo 3x3, por isso é para estarem atentos.” (Aluno P – Aula 4)

“Temos 15 minutos para aquecer para depois jogarmos o evento culminante de 3x3. Quero todos concentrados e empenhados.” – (Aluno P – Aula 6)

Os alunos apresentaram ainda um discurso vocacionado para o objetivo principal da aula, tal como estava indicado nas fichas de tarefas de aula. Assim, pode-se concluir que a colocação do objetivo da aula nas fichas de tarefas da aula dadas aos estudantes treinadores antes da aula, constitui uma estratégia eficaz para ajudar o estudante treinador a comunicar com a sua equipa e a clarificar a sua instrução perante a equipa.

“O objetivo da aula de hoje é treinar para a competição de 2x2 da próxima aula.” (Aluno J – aula 2)

“Esta aula é de treino para o torneio da próxima aula.” (Aluno P – aula 2)

“Ok equipa, vamos começar com o aquecimento e a aula de hoje é para jogar 3x3.” (Aluno J – aula 4)

De uma forma geral, a intervenção dos dois estudantes treinadores nesta fase inicial da aula foi semelhante e incidiu quase sempre no foco para a competição e para o resultado final. Optaram sempre por ser curtos e concisos na sua intervenção, o que acaba por ser um ponto positivo do seu discurso.

Apresentação dos exercícios

Na fase de apresentação dos exercícios às suas equipas, os estudantes treinadores evidenciaram os seguintes problemas:

- *Introdução desajustada do conteúdo*, isto é, os estudantes treinadores iniciavam as suas intervenções com o foco nas questões da gestão e organização dos exercícios, ao invés de explicarem o conteúdo e as suas componentes técnicas. Resumindo, a organização do exercício aparecia antes do conteúdo no momento de instrução.

“Um a um, vai para aquele lado e ele vai para este. Linha verde, meteste aqui Ruben. Linha laranja mais ou menos. Desse lado Maria tens de estar na linha verde. Serviço por baixo. Alguém sabe fazer o serviço por baixo? Quem é que não sabe fazer o serviço por baixo?” (Aluno P – Aula 2)

“Agora vamos fazer um jogo de um contra um. É para fazer o serviço e depois é continuar a fazer os passes e é para tentarem marcar ponto. Só podem fazer 5 autopasses.” (Aluno J – Aula 2)

“Rapazes deste lado, raparigas daquele...OK, rapazes deste lado, Maria vai para aquele. Cinco minutos cada par, é em passe, não há serviço, só três toques por jogador, o objetivo é sustentar a bola o mais tempo possível ok?” (Aluno P – Aula 3)

- *Falta de vocabulário específico*. Os dois alunos revelaram por diversas vezes falta de vocabulário específico da modalidade e do Desporto. É um problema que na minha opinião acaba por ser esperado e normal, visto que estamos na presença de dois adolescentes sem qualquer tipo de formação na área e sem contato com a modalidade em questão. Foi notória por diversas vezes a utilização da expressão “mandar” em substituição do termo técnico “passe”.

“Vocês têm que fazer o serviço por baixo. O outro colega tem de receber em passe ou manchete e tem de mandar para o outro lado.” (Aluno P – Aula 2)

“Mas pronto, façam passes com cuidado, façam só três autopasses e três passes por equipa, por isso tenham cuidado.” (Aluno J – Aula 3)

“Falem uns com os outros ali no coiso.” (Aluno J – Aula 6)

- *Alteração do discurso para o apoio à aprendizagem.* Este problema surgiu num dos treinadores estudantes que alterou o seu discurso de foco na competição/resultados, e surgiu com um discurso de apoio à aprendizagem da sua equipa, para vincular a importância da aprendizagem e da assimilação dos conteúdos abordados.

“Depois cada jogo vai durar 6 minutos, o que interessa não é ganhar também. É só fazer o que nós aprendemos. Pois, quem está mais perto da bola é sempre o que vai à bola.” (Aluno P – Aula 3)

“Equipa Smurfes cheguem aqui. Não é para ganhar o jogo, joguem, mas não joguem só para ganhar. O que interessa não é ganhar, o que interessa é jogar bem.” (Aluno P – Aula 6)

Também aqui neste ponto da apresentação dos exercícios começaram a aparecer as primeiras evoluções relativamente às estratégias utilizadas por mim, professor tutor. A utilização de aspetos críticos como auxílio à instrução do exercício foram facilmente notadas ao longo das aulas, o que me leva a concluir que a leitura e o estudo posterior do manual do treinador e da ficha de tarefas da aula constituíram uma estratégia de auxílio mais ou menos eficaz ao estudante treinador.

“Pé esquerdo à frente, se mandarem com a mão direita e depois mandam um serviço por baixo com a mão com esta parte.” (Aluno J – Aula 2)

“Tronco à frente e bater a bola com a mão.” (Aluno J – Aula 2)

“O objetivo é colocar nos debaixo da bola com as mãos acima da cabeça e fazer o passe para o colega.” (Aluno P – Aula 4)

Feedback Pedagógico

Ao nível do *feedback* dado pelos estudantes treinadores ao longo dos exercícios constataram-se os principais problemas:

-*Discurso vocacionado para o resultado*, isto é, os estudantes treinadores identificavam facilmente nos seus colegas de equipa o problema que apresentavam, no entanto não foram capazes de criar estratégias para os

resolver. Um dos maiores problemas na atribuição do *feedback* prende-se com o facto de os agentes de ensino não diagnosticarem as insuficiências dos praticantes, quase sempre sempre à falta de domínio do conteúdo (Rosado & Mesquita, 2011).

“Isso Zito, não é com o pulso, é com a mão. Agora foi bom, mas tem de sair mais alto.” (Aluno J – Aula 2)

“Tem que sair mais alto o passe.” (Aluno J – Aula 2)

“Manda mais para a frente.” (Aluno J – Aula 3)

“Não mandes assim com tanta força, senão...” (Aluno P – Aula 3)

“Não mandes muito para debaixo da rede.” (Aluno J – Aula 4)

“Zito, mais para cima. Diogo tu também mais para cima.” (Aluno J – Aula 6)

-Predominância do Feedback Prescritivo. Ou seja, os estudantes treinadores predominavam a sua intervenção essencialmente com *feedbacks* do tipo prescritivo. Esta característica é facilmente entendida nos seus discursos, pois verificou-se a supremacia de expressões do tipo *“faz isto”* ou *“faz assim”*, que são facilmente associadas aos *feedbacks* prescritivos.

“Um toque pequeno, um toque grande, sem deixar cair no chão.” (Aluno J – Aula 1)

“Tens de mandar com a mão aberta, aqui, a mão.” (Aluno P – Aula 2)

“Manchete assim? Então faz isto.” (Aluno J – Aula 2)

“Quero que tu mandes assim e não mandes assim.” (Aluno P – Aula 3)

“Tens de ir mais para a frente quando a bola vier.” (Aluno J – Aula 6)

Também neste ponto dos *feedbacks* e não identificando este aspeto como um problema, mas sim como uma característica positiva, destaca-se a ocorrência de bastantes *feedbacks* positivos. Este foi um ponto debatido entre mim, professor tutor e os estudantes treinadores nas conversas individuais que

mantivemos pré-aula, que deveriam apresentar um discurso positivo e motivante para a sua equipa, incentivando a equipa e mantendo-os empenhados. Pois, tal como referem Potrac et al (2002), o fornecimento de *feedbacks* positivos sobre os aspetos que estão a ser bem realizados, fortalece a execução dessas ações assim como também cria um clima positivo de aprendizagem.

“Boa Marta.” (Aluno J – Aula 1)

“Bem feito, vai ao chão, isso.” (Aluno J – Aula 2)

“Isso Joss.” (Aluno P – Aula 2)

“Isso, pequitinho han?” (Aluno J – Aula 2)

“Grande Marta.” (Aluno J – Aula 3)

“Bem equipa.” (Aluno J – Aula 6)

Encerramento da Sessão

Relativamente ao último ponto abordado, o encerramento da sessão, o único problema identificado, e aqui, porventura, podemos não o identificar como um problema mas sim uma característica identificada, destaca-se:

-Discurso com foco na competição, ou seja, os estudantes treinadores encerravam sempre as suas sessões de treino enfatizando na sua equipa a necessidade de estarem mais concentrados e empenhados na aula, bem como incentivando e motivando a equipa com reforços positivos, o que nos indica que os mesmos estavam mais preocupados com a questão do resultado, do que propriamente do processo de aprendizagem em si. O importante era que os alunos trabalhassem mais e estivessem mais concentrados para assim estarem mais perto da vitória na competição.

“Smurfes, temos de estar mais atentos, ouviste Joss? Se queremos ganhar e fazer as coisas bem temos que jogar melhor.” (Aluno P – Aula 1)

“Equipa, fizemos um bom torneio por isso estamos de parabéns.” (Aluno J – Aula 3)

“Ok equipa bom treino que fizemos. Às vezes temos que estar mais concentrados e mais atentos e comunicar mais durante o jogo.” (Aluno J – Aula 4)

“Para a próxima têm que estar mais atentos ao que eu digo. Queremos ou não ganhar o próximo torneio?” (Aluno P – Aula 4)

Discussão

Os estudantes que assumem a função de treinadores durante o MED evidenciaram alguns problemas e dificuldades durante a sua intervenção. A falta de domínio do conteúdo por parte dos agentes de ensino é considerado um problema que pode afetar a transmissão de informação para os restantes alunos (Rosado & Mesquita, 2011). Atendendo a que é atribuído o papel de treinador ao estudante, tornando-o agente de ensino, foi evidente a falta de domínio do conteúdo, constituindo assim um dos problemas para a transmissão de informação.

Assim e de acordo com os resultados, durante a fase de informação no início das sessões, os estudantes treinadores apresentaram um discurso essencialmente vocacionado para a competição/resultados. Contudo, demonstraram serem breves e concisos no seu discurso, com a apresentação do objetivo da aula, tal como estava indicado na ficha de tarefas, previamente fornecida por mim, professor tutor, aos alunos treinadores. A definição de objetivos constitui o elemento referenciador da organização do processo de instrução (Siedentop, 1991).

Na fase da apresentação dos exercícios os estudantes treinadores revelaram essencialmente duas dificuldades: introdução desajustada do conteúdo e a falta de vocabulário específico. Se na primeira dificuldade, foi comum verificar que durante a apresentação dos exercícios, os mesmos introduziam primeiro a forma e a organização do exercício, ao invés de introduzirem primeiro o conteúdo a abordar, o que por vezes não tornou a informação clara para os alunos e foi necessário repetir. Dos aspetos que

contribuem para uma boa apresentação, a clareza na emissão de informação, foi considerada como uma variável essencial da eficácia do ensino (Doyle, 1990).

Em relação à falta de vocabulário específico, prendeu-se essencialmente pela substituição de termos técnicos específicos por outros mais de carácter quotidiano, como por exemplo a utilização do termo “mandar” em substituição do termo técnico “passe”. Na minha opinião, acaba por ser um erro normal e esperado de alunos que não têm qualquer tipo de formação na área do Desporto. Contudo, durante as conversas reflexivas que mantive com eles antes das aulas, alertei para esse facto e demonstrei com exemplos ocorridos em aulas anteriores, no sentido de os corrigirem.

Ainda em relação à apresentação dos exercícios, foi notória a tentativa de transmitir a informação recorrendo aos aspetos críticos dos exercícios que estavam referidos na ficha de tarefas, o que acaba por demonstrar que a leitura destas fichas antes da aula, acabam por revelar alguma eficácia para o decorrer da mesma.

Dentro do tema dos *feedbacks* pedagógicos, os estudantes treinadores demonstraram essencialmente dois problemas: discurso vocacionado para o resultado e a predominância do *feedback* prescritivo. Em relação ao discurso para o resultado, os estudantes treinadores eram capazes de identificar qual o problema demonstrado pelos alunos na sua equipa, no entanto eram incapazes de transmitir um *feedback* com a causa do problema e respetiva estratégia, o que acaba por revelar alguma falta de domínio do conteúdo. No entanto, creio que tenho que destacar que o facto de os estudantes treinadores serem capazes de identificar que o aluno realizar incorretamente determinada ação já é um progresso no seu conhecimento da modalidade.

A predominância do *feedback* prescritivo acaba por ser uma consequência da falta de domínio do conteúdo, já que os estudantes treinadores não possuem capacidade para identificar a causa do problema. Para facilitar as aprendizagens, o praticante tem a necessidade de receber informação técnica precisa acerca daquilo que fez (*feedbacks* descritivos) e/ou do que deve fazer para melhorar (*feedbacks* prescritivos) (Rosado & Mesquita, 2011).

Por último, o problema referente ao encerramento da sessão relaciona-se com o discurso com foco na competição, isto é, os estudantes treinadores terminavam as suas sessões com um discurso vocacionado para o que a equipa deve ou não melhorar no sentido de, no futuro, vencer a competição onde está inserida. Isto remete-me para a questão da competitividade presente nestes níveis escolares, e na procura incessante pela vitória em detrimento da aprendizagem.

Conclusões

Durante o MED, os estudantes treinadores no seu processo comunicacional apresentaram principalmente os seguintes problemas: discurso orientado para a competição, falta de vocabulário específico, introdução desajustada do conteúdo dos exercícios e ainda a predominância de *feedbacks* prescritivos. Este conjunto de problemas acaba por ser justificado por variadas razões, desde a curta duração da Unidade Didática de Voleibol, a falta de formação específica na área do Desporto e da Pedagogia por parte dos alunos, assim como o desinteresse demonstrado pelos alunos.

Posso afirmar que a comunicação desenvolveu de alguma forma, no entanto, a curta duração desta unidade didática constitui um fator de entrave à evolução desta mesma comunicação, já que as seis aulas são escassas para se verificarem resultados concretos. Contudo, e devido a estratégias como os manuais de treinador, a ficha de tarefas e a conversa individual com os alunos, verificaram-se evoluções no decurso das aulas.

Estas evoluções estão relacionadas com a orientação do discurso inicial das aulas orientado para os objetivos, tal como estavam referidos na ficha de tarefas relativamente às aulas, assim como a transmissão das componentes críticas dos exercícios que estavam demonstradas nas fichas de tarefas e que muitas vezes foi possível ouvir os alunos a transmiti-las. Em relação às conversas individuais, entre vários temas, alertei sempre aos estudantes treinadores que adotassem uma postura de incentivo e de caráter motivador para a sua equipa, o que foi possível verificar após a análise das gravações. Assim, é possível concluir que a estratégia da utilização de fichas de tarefas e de

conversas individuais acabam por se revelar eficazes, já que foi notória a presença de resultados obtidos em consequência destas mesmas estratégias.

Como limitações do estudo apresento a curta duração da Unidade Didática, já que estamos na presença de um modelo de ensino diferente para os alunos e que necessita sempre do seu tempo de adaptação. Creio que com mais tempo de aplicação do MED, os resultados teriam sido ainda mais satisfatórios.

Em suma, os resultados obtidos vão de encontro aos esperados e alertam para a necessidade de se investigar este tipo de problemas em Unidades Didáticas com uma duração maior, bem como a lecionação de aulas extras que servirão de adaptação dos alunos a este novo modelo de ensino.

Bibliografia

- Brophy, J. & Good, T. (1986). Teacher behaviour and student achievement. In M. Wittrock (Ed.), *Handbook of Research on Teaching* (3rs ed., pp.328-375). New York: Macmillan Publishing Company.
- Doyle, W. (1990). Themes in Teacher Education Research. In R. Houston, M. Haberman and J. Sikula (eds.), *Handbook of Research Association*. New York: MacMillan.
- Fishman, S., & Tobey, S. (1978). Augmented feedback. In What's going on in Gym: *Descriptive Studies of Physical Education Classes*. Motor Skills: Theory into Practice. Monograph 1, 51-62.
- Graça, A. & Mesquita, I. (2007). A Investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. In Graça, A. (2007) *Modelo de Ensino dos Jogos Desportivos*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 7, 3, 401-421.
- Griffey, C.D., & Housner, L.D. (2007). *Designing Effective Instructional Tasks for Physical Education and Sports*. Champaigns IL: Human Kinetics.
- Hastie, P. (1998). The Participation and Perception of Girls Within a Unit of Sport Education. *Journal of Teaching in Physical Education*, 17. 157-171.

- Hoffman, S. (1977). Competency Based Training in Skill Analysis: Designing Assessment Systems. In R. Stalidus (Ed.), *Research and Practice in Physical Education* (pp.3-12). Champaign, IL: human Kinetics.
- Hoffman, S. (1983). Clinical Diagnosis as Pedagogical Skill. In T. Templin and J. Olson (Eds.), *Teaching in Physical Education* (pp.35-45). Champaign: Human Kinetics.
- Jones, D. & Ward, P. (1998). Changing the face of secondary physical education through sport education. *JOPERD*, 69, 5, 40-45.
- Leith, M. (1992). Um bom treinador tem de ser um bom gestor. *Treino Desportivo*, 23, 3-13.
- Mesquita, I. & Graça, A. (2011) Modelos Instrucionais no ensino do Desporto. In Rosado, A. & Mesquita, I. (Eds.). *Pedagogia do Desporto* (pp. 39-68). Lisboa Edições FMH
- Piéron, M., & Delmelle, R. (1982). Augmented Feedback in Taching Physical Education: Responses from the Students. In M. Piéron and J. Cheffers (Eds.), *Studying the Teacher in Physical Education* (pp.141-150). Liège: AIESEP.
- Potrac, P., Jones, R., & Armour, K. (2002). "It's all about getting respect": the coaching behaviors of an expert English soccer coach. *Sport, Education and Society*, 2, 7, 183-202.
- Rink, J. (1993). *Teaching Physical Education for Learning* (2nded.). ST.Louis: Times Mosby College Publishing.
- Rink, J. (1994). The Task Presentation in Pedagogy. *Quest*, 46, 270-280.
- Rosado, A., Mesquita, I., Breia, I. & Januário, N. (2008). Athlete's Retention of Coach's Instruction on Task Presentation and Feedback. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 1, 8, 19-30.
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). *Pedagogia do Desporto*. Faculdade de Motricidade Humana. Edições FMH.

- Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (3rd ed.). Palo Alto: Mayfield Publishing Company.
- Silverman, S., Tyson, L., & Krampitz, J. (1993). Teacher feedback and achievement: mediating effects of initial skill and sex. *Journal of Human Movement*, 24, 97-118.
- Wallhead, T. & O'Sullivan, M. (2007). A didactic analysis of content development during the peer teaching tasks of a Sport Education season. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 12, 3, 225-243.
- Werner, P. & Rink, J. (1987). Case Studies of teacher effectiveness in second grade physical education. *Journal of Teaching in Physical Education*, 8, 280-297.

5. CONCLUSÃO

5. Conclusão

Depois de terminado o EP considero-me atualmente uma pessoa mais capaz, mais preparada para enfrentar os desafios da profissão no futuro. O EP fez-me crescer em variados aspetos, desde o pessoal, o científico e o pedagógico, fez-me vivenciar novas experiências, permitiu-me consolidar conhecimentos, abandonar ideias, desenvolver novos métodos e estratégias. Enfim, um número considerável de processos que marcarão para sempre esta etapa profissional na minha vida.

As primeiras experiências vivenciadas pelos professores em início de carreira têm influência direta sobre a sua decisão de continuar ou não, na profissão, porque este é um período marcado por sentimentos contraditórios que desafiam quotidianamente o professor e a sua prática docente (Queirós, 2014). Seguindo a afirmação da autora anterior, o EP possibilitou-me esclarecer uma dúvida: quero continuar a exercer a profissão. Concluo este parágrafo com uma expressão bastante utilizada e que tão bem se encaixa aqui: “quem faz o que gosta, nunca precisará de trabalhar na vida”.

O EP possibilitou-me ainda mais perceber a importância da prática para o desenvolvimento das competências. Isto é, não basta saber tudo o que vem nos livros e nos artigos científicos, mas sim a existência de um complemento entre a teoria e a prática, porque é esta combinação que nos vai fazer crescer, evoluir e desenvolver.

Cada vez mais o trabalho em equipa e a reflexão são aliados essenciais para a formação docente. Só trabalhando em conjunto e colaborando com os restantes agentes do processo educativo, assim como recorrendo à prática reflexiva para encontrar soluções para os problemas surgidos, nos completamos e tornaremos a nossa procura para ser um professor cada vez mais competente e com qualidade, mais eficaz.

O EP possibilitou-me, ainda, vivenciar experiências muito enriquecedoras, decisivas para o desenvolvimento do meu processo de formação enquanto docente. Desde as minhas principais qualidades, os meus erros, as minhas

incertezas, os meus defeitos, as minhas principais características. Todos estes aspetos foram e são importantes para o desenrolar da minha formação enquanto docente. Termino o EP com a certeza de que atualmente estaria melhor preparado para enfrentar o ano letivo, do que estava há um ano atrás e esse é o maior elogio que poderei fazer a esta etapa da minha vida.

É necessário abandonar a resignação e os conceitos repetitivos e fazer a diferença, isto é, deixar de fazer o que todos os professores fazem e partir para uma ideia diferente e superior que seja marcante e significativa para os alunos, que lhes proporcionem paixão e prazer naquilo que fazem durante as aulas. É para alcançar tal meta que eu pretendo caminhar, recorrendo para isso a novos modelos de ensino, a aulas mais dinâmicas, mais competitivas e mais lúdicas, à integração dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, à criação de aulas diferentes com conceitos diferentes e modalidades diferentes, entre outras. Se eu consegui aplicar todos estes conceitos durante o EP? Não! No entanto, esta é uma caminhada longa e é apenas a fase inicial daquilo que eu pretendo que seja uma carreira que me complete e me faça ser feliz!

Numa perspetiva futura, é fundamental que entenda que o ser professor não me oferece garantias absolutamente nenhuma, concretamente para a entrada no ensino para a prática docente. Contudo, e mais importante, é imprescindível adotar uma posição de empreendedorismo e de inovação, no sentido de não ficar parado à espera que a oportunidade surja. Para isso, cabe a nós, professores, analisar o meio em que estamos envolvidos, inovar, ser criativos e investir em projetos e ideias, devidamente sustentadas, que nos possam desenvolver e nos façam adquirir experiência, contatos e novas competências.

Resta-me concluir, afirmando que o caminho para o sonho torna-se árduo, contribuindo para isso a diferença que se verifica, inevitavelmente, entre o pensamento e a prática. E é por isso que esta profissão se torna tão desafiante, pois nem sempre o resultado final da prática é o que está planeado na nossa mente. E para que esta diferença diminua é necessário continuar a investir,

refletir, aprender e inovar, pois só assim conseguirei chegar àquilo que idealizo:
ser o professor ideal para o ensino da Educação Física.

6. REFERÊNCIAS

6. Referências

- Bento, J. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física (3ª Ed.)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Borg, W. & Gall, M. (1989). *Educational research: An introduction (5th ed.)*. London: Longman.
- Campos, B. P. (2001) (org.). *Formação profissional de professores no ensino superior*. Porto: Porto Editora.
- Cohen, L. & Manion, L. (1994). *Research Methods in Education (4th ed.)* London: Routledge.
- Estrela, A. (2008). *Teoria e Prática de Observação de Classes: uma estratégia de formação de professores*. 4ª Edição, Porto Editora.
- Flores, M. (1999). *(Des)ilusões e paradoxos: A entrada na carreira na perspetiva dos professores neófitos*. Revista Portuguesa de Educação, 12(1): 171-204.
- Hoffman, S. (1977). Competency Based Training in Skill Analysis: designing Assessment Systems. In R. Stalidus (Ed.), *Research and Practice in Physical Education* (pp. 3-12). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Hoffman, S. (1983). Clinical Diagnosis as Pedagogical Skill. In T. Templin and J. Olson (Eds.), *Teaching in Physical Education* (pp. 35-45). Champaign: Human Kinetics.
- Maia I. M. (2008). *O Desenvolvimento Profissional dos Professores no Âmbito da Reorganização Curricular*. Edições Almedina, SA.
- Mesquita, I. & Graça, A. (2011) Modelos Instrucionais no ensino do Desporto. In Rosado, A. & Mesquita, I. (Eds.). *Pedagogia do Desporto* (pp. 39-68). Lisboa Edições FMH
- Nóvoa, A. (2009). Para uma formação de professores construída dentro da profissão [Versão eletrónica]. Revista Educación, 350, 203-218. Consult.

15 Março 2015, disponível em
http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf

Potrac, P., Brewer, C., Jones, R.L., Armour, K., & Hoff, J. (2000). Towards a holistic understanding of the coaching process. *Quest*, 52, 2, 186-199.

Potral, P., Jones, R., & Armour, K. (2002). 'It's all about getting respect': the coaching behaviors of an expert English soccer coach. *Sport, Education and Society*, 2, 7, 183-2002.

Projeto Educativo AEOJ. Consul. 15 Maio 2015, disponível em <http://www.aej.org/documentos/Agrupamento/projeto%20educativo%202014.pdf>

Queirós, P. (2014). Da formação à profissão: O lugar do estágio profissional. In Batista, P., Graça, A. & Queirós, P. (2014). *O Estágio Profissional na (Re)construção da Identidade Profissional em Educação Física*. Porto: FADEUP.

Rosado, A., & Ferreira, V. (2011). Promoção de ambientes positivos de aprendizagem. In A.Rosado & I.Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 185-206). Lisboa: Edições FMH.

Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. In A.Rosado & I.Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 69-130). Lisboa: Edições FMH.

Schön, D. (1983). *The reflexive practitioner*. New York: Basic Books.

Schön, D. (1987). *Educating the reflexive practitioner*. San Francisco: Jossey-Bass.

Siedentop, D. (1987). The theory and practice of sport Education. In G.Barrette, R. Feingold, R. Rees and M. Piéron (Eds.), *Myths, models and methods in sport pedagogy* (pp. 79-86). Champaign, IL: Human Kinetics.

- Simões, M. A. (2008) – *Início da carreira docente: Desafios e dificuldades*. Lisboa: M. Simões. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Aberta.
- Vickers, J. (1990). *Instructional design for teaching physical activities: A knowledge structures approach*. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

ANEXO I



MODELO DE EDUCAÇÃO DESPORTIVA VOLEIBOL – 7º G

CARATERIZAÇÃO DA EQUIPA

Nome da equipa	
Cor	
Lema	
Elementos	
Treinador	
Capitão	
Grito	
Mascote	

Professor Pedro Costa



MANUAL DE EQUIPA



VOLEIBOL

Nome da Equipa: _____ Cor: _____

Elementos da Equipa: _____

O que é o MED?

Durante o presente período letivo, as tuas aulas de Voleibol serão lecionadas de acordo com o Modelo de Educação Desportiva (MED), no qual participarás numa época desportiva. O MED vai ajudar a tornares-te mais culto desportivamente, permitindo que identifiques características específicas do Voleibol, tanto como participante como espetador.

Quero que os teus objetivos sejam semelhantes ao que o MED objetiva também. Especificamente quero que ambiciones cumprir os seguintes objetivos:

- Competência:

- . Melhorar a tua capacidade técnica e tática de voleibol;
- . Trabalhar em grupo para ajudares a atingir objetivos comuns;

- Literacia:

- . Assumir liderança responsável no contexto desportivo;
- . Conhecer os papéis que vais desempenhar;

- Entusiasmo:

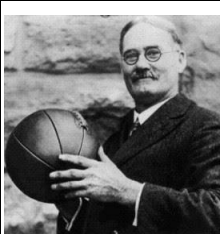
- . Desenvolver a tua capacidade de tomar decisões.

Farás parte de uma equipa onde todos procurarão superar os desafios que vos serão propostos. Saberás como agir e desempenharás as funções de árbitro, marcador de pontos, treinador, capitão e jogador, ajudando a tua equipa de diferentes formas.

A competição formal, assim como a rivalidade, estarão presentes durante toda a época, sem nunca esquecer o fair play e o respeito.

Por isso, aprende com o Voleibol, vence com o Voleibol e cresce com o Voleibol. Mas acima de tudo, DIVERTE-TE!

Breve História do Voleibol:

				
O Voleibol foi criado em 1885 em	Nos primeiros tempos, era conhecido	Chegou a Portugal pelas tropas norte-	A Federação Internacional de Voleibol foi	Em Setembro de 1962, o Voleibol foi

Massachusetts (EUA) por William George Morgan.	como: Mintonette.	americanas que se encontravam na Ilha dos Açores durante a I Guerra Mundial.	fundada em 20 de Abril de 1947, em Paris.	admitido como desporto olímpico, e foi disputado pela primeira vez nos JO de 1964 em Tóquio.
--	-------------------	--	---	--

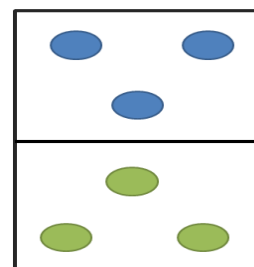
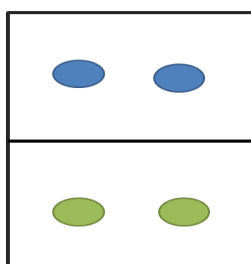
As Tuas Aulas:

Tal como já percebeste, vais participar numa época desportiva, durante a qual a tua equipa irá competir contra a restante equipa. Durante este processo, participarás em aulas de “Treino” e aulas de “Competição”, terminando com a realização de um “Evento Culminante”, no qual será realizada a competição final. No quadro abaixo poderás consultar a calendarização de todas as aulas:

Nº Aula/Data	Conteúdos	Objetivo
Aula 1 – 12/02/2015	Relação com bola/situações de cooperação	Treino
Aula 2 – 19/02/2015	Jogos de 2x2	Treino
Aula 3 – 26/02/2015	Jogos de 2x2	Competição
Aula 4 – 5/03/2015	Jogos de 3x3	Treino
Aula 5 – 12/03/2015	Jogos de 3x3	Treino
Aula 6 – 19+03/2015	Jogos de 3x3	Evento Culminante

As Formas de Jogo Abordadas

O seguinte esquema explica-te as duas formas de jogo que irás conhecer. Sempre que houver competição, os jogos terão estas formas de jogo, a primeira competição em 2x2 e a segunda em 3x3.



Situação de jogo 2x2:

Nesta forma de jogo é possível a utilização dos gestos tático-técnicos do voleibol. O aluno que recebe a bola envia-a para o seu colega que efetua o segundo toque para próximo da rede de maneira a permitir a conclusão da jogada com um ataque do aluno que recebeu inicialmente.

Situação de jogo 3x3:

Desenrola-se de modo parecido com a situação anterior, no entanto, é mais complexo devido à introdução de um novo elemento por equipa. Nesta forma de jogo a comunicação passa a assumir um papel fundamental na receção e restantes ações, visto que o espaço de jogo tem de ser racionalmente ocupado pelos três jogadores.

Funções:

- Capitão: enquanto capitão, deverás mostrar capacidade de liderança, representando a tua equipa e encarar este cargo com responsabilidade, respondendo sempre que a sua intervenção seja necessária.

- Treinador: enquanto treinador, deverás mostrar capacidade de liderança e de gestão, orientando a tua equipa rumo ao sucesso, sempre com base nas orientações do teu professor.

- Árbitro: enquanto árbitro, deverás mostrar responsabilidade e capacidade de autonomia para tomar decisões de acordo com o regulamento em vigor na aula. Deves assinalar sempre:

- . Qual a equipa que conquista o ponto;
- . Qual a infração cometida se for o caso;
- . Ter atenção se o marcador de pontos está correto.

- Marcador de Pontos: ao desempenhares esta tarefa terás que ter atenção às seguintes funções:

- . Marcador os pontos de cada uma das equipas;
- . Ter atenção ao preenchimento das fichas de jogo;
- . Ter atenção às indicações do árbitro;

Nota: todos os dados serão registados nas fichas de jogo que serão dadas pelo professor sempre que se realizar uma aula de competição.

Para além das funções que terás que desempenhar, deves também preocupar-te com dois conceitos fundamentais no desporto em geral e, neste caso, nas tuas aulas: equidade e fair play. Estes dois parâmetros surgem associados ao jogo limpo e justo, sendo da tua preocupação zelar pelo seu cumprimento, uma vez que serão alvo de pontuação em todas as aulas. Embora desempenhes várias funções, lembra-te que estás nas aulas de Educação Física para aprender e, à medida que melhoras o teu jogo, tens mais possibilidades de ganhar jogos e conquistar pontos para a tua equipa.

Regras de Funcionamento Geral das Aulas:

Para poderes usufruir ao máximo desta experiência, existem regras que deves cumprir e fazer cumprir para otimizar o funcionamento das aulas:

- A tua equipa deve estar devidamente identificada (t-shirt/colete);
- Deves fazer-te acompanhar de todo o material necessário para a aula (sapatilhas, calção, t-shirt, fato de treino);

- Para o caso de alguns alunos trazerem acessórios (brincos, pulseiras, relógios, etc), a sua equipa perde o direito à bonificação dessa aula;
- A tua equipa deve estar reunida e pronta para começar a aula até cinco minutos depois do começo da mesma, após o término da tolerância perde o direito à bonificação;
- No início da aula, apesar da existência de equipas, deves permanecer junto ao professor até ele dar ordem em contrário;
- No decorrer da aula, e caso seja necessário reunir todas as equipas, o professor desloca-se ao centro do campo e chama todos os alunos até si;
- No final da aula, repete-se o procedimento inicial e todas as equipas se juntam ao professor;
- Todos os elementos da equipa devem respeitar as ações indicadas pelo seu treinador.

Regras de Funcionamento das Competições:

- A competição vai decorrer em dois momentos distintos, sendo a primeira competição na Aula 3, em situações de jogo 2x2 e a segunda competição, denominada de Evento Culminante, na aula 6, em situações de jogo 3x3;
- A duração dos jogos de 2x2 será de 6 minutos e a duração dos jogos de 3x3 de 10 minutos;
- Em caso de vitória no jogo, a equipa vencedora terá direito a 3 pontos enquanto a equipa derrotada conquista 1 ponto. Caso termine empatado, as duas equipas conquistam 2 pontos;
- O Fair Play, o empenho, a equidade e a cooperação serão avaliados na ficha de bonificações que está presente em todas as aulas;
- Todas as equipas devem respeitar as decisões indicadas pelo árbitro;
- Enquanto decorrem os jogos, os alunos que ficam de fora assumem funções de nonplaying (árbitro, marcadores de pontos, treinadores).

Está na hora de entrares em campo e mostrares o que vales. A tua equipa espera e depende de ti!

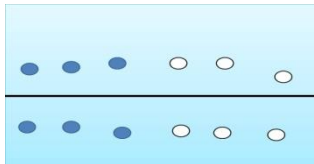
ANEXO III

Tarefas da Aula – Dia 19 de Fevereiro 2015 Turma 7º G



Esta será uma aula de treino para a competição 2x2 a realizar na aula seguinte. Numa primeira fase da aula, irás reunir com a tua equipa e explicares o objetivo da aula e o que pretendes da equipa para a aula, de maneira a cumprir o objetivo da mesma e os parâmetros da ficha de bonificações.

Tarefa 1 (Aquecimento)
Duração: 15 a 20 minutos
Objetivo: Aumentar a temperatura corporal e o ritmo cardíaco dos alunos.

Tarefa 2
Duração: 10 minutos
Objetivo: Exercitar o serviço por baixo
Descrição: - Neste exercício, o objetivo passa por transmitires à tua equipa como se realiza corretamente o serviço por baixo. Divides os alunos em grupos de dois, que se colocam frente a frente na rede, colocados numa linha de referência a cerca de 5 metros da rede. Depois de organizares a equipa, vais demonstrar como se deve realizar o serviço por baixo. Toma atenção aos pontos importantes do serviço por baixo referidos no manual do treinador. A dinâmica do exercício é a seguinte: o aluno serve para o colega no lado contrário que deve receber a bola (quer em passe ou em manchete) e posteriormente agarrar a mesma e realizar o serviço para o colega que serviu anteriormente. Durante o exercício, vais estar a exercitar com o teu colega, no entanto, não te esqueças que és o treinador da equipa e terás que observar a prestação dos teus colegas, para eventuais correções. Os erros mais comuns neste tipo de serviço são: - Perna da frente do mesmo lado do braço de batimento; - Inclinação do tronco atrás; - Atirar a bola para o ar, antes de realizar o batimento;

Figura 1 – Organização da turma durante a execução do serviço.

Tarefa 3
Duração: 15 minutos
Objetivo: Exercitar o passe, manchete, serviço por baixo e os deslocamentos.
Descrição: - Situações de 1x1: mantém a equipa dividida em duplas que irão realizar situações de 1x1. O jogo irá iniciar-se sempre em serviço por baixo e cada jogador poderá dar até três toques. O objetivo passa por colocar a bola no solo do adversário, obviamente.

A área de treino irá ser dividida em três campos iguais (montados pelo professor durante o exercício anterior) e terás que explicar à equipa como se vai processar o jogo. Cada jogo terá a duração de 3 minutos (cronometrado pelo professor) e no final de cada jogo, o aluno que vence, avança para o campo na direção da baliza e o aluno que perde avança na direção do campo contrário.

Pontos Importantes:

- Alertar para a importância de se deslocar rapidamente para debaixo da bola;
- Manter sempre uma posição fundamental durante o jogo (pernas ligeiramente fletidas e tronco ligeiramente à frente);
- Após qualquer ação voltar rapidamente ao centro do campo.

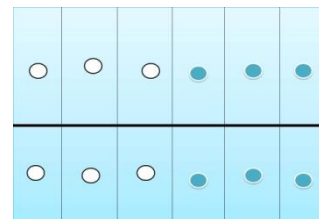


Figura 2 – Disposição dos campos e das equipas no exercício.

Tarefa 4 (Parte Final)

Duração: 30 minutos

Objetivo: Exercitar noção dos três, diferenciação de funções e rotação do serviço.

Descrição:

- Para este exercício o objetivo passa por desenvolver os comportamentos abordados na última aula para esta situação de jogo.

Organizas três equipas de dois elementos dentro da equipa (um rapaz e uma rapariga), e num espaço de jogo, duas duplas defrontam-se entre si, enquanto a dupla que está de fora, realiza jogo de cooperação 1x1, em que o objetivo passa por sustentar o máximo de tempo possível a bola no ar.

Antes de iniciares o exercício, vais demonstrar para a equipa os comportamentos que queremos que a mesma evidencie durante o jogo:

- Quem recebe a bola, vai atacar;
- Quem não recebe a bola, desloca-se para a rede, para receber a bola e passar a bola para o atacante;
- Utilizar os 3 toques por equipa.

Regras principais do jogo:

- Serviço em passe;
- Sempre que a equipa ganha o direito ao serviço, a equipa roda as posições no sentido dos ponteiros do relógio (quem serve é quem está no lado direito);
- Máximo de 3 toques por jogador;
- Jogo até aos 5 pontos e entra a equipa que estava de fora para o lugar da derrotada.

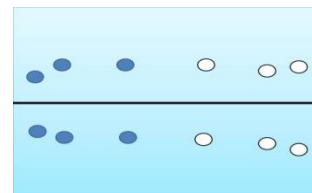


Figura 3 – Organização do exercício.

No final da aula, reúnes a equipa e fazes um balanço da aula, do que achas que correu bem e o que correu mal e o que tem que ser melhorado para as próximas aulas. Aproveitas para explicar ainda as regras da competição da aula seguinte, bem como a distribuição das funções.

Realizam o grito e trazes a equipa para junto do professor para se realizar assim o balanço da aula.

Professor Pedro Costa



MANUAL DO TREINADOR



VOLEIBOL

Nome da Equipa: _____ Cor: _____

Treinador: _____

7º G – Ano Letivo 2014/2015

Apresentação:

Parabéns! Foste o escolhido pelo professor para assumires o cargo de treinador da tua equipa. Confio em ti e na tua capacidade de responsabilidade e de liderança para assumires a orientação da tua equipa e levá-la ao sucesso nesta Unidade Didática de Voleibol.

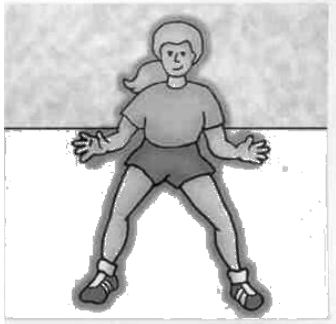
Para isso, nestas tuas funções de treinador espero que concretizes grande parte dos objetivos a que te proponho:

- Demonstres uma atitude responsável e de liderança na gestão do teu grupo, motivando sempre os teus colegas para a prática e incentivando-os a melhorarem o seu desempenho;
- Apresentes ideias e exercícios ao teu professor para aplicares posteriormente à tua equipa com o intuito de desenvolver os conteúdos a abordar nas aulas;
- Promovas sempre o trabalho de equipa, apelando ao espírito de cooperação e ao respeito entre as equipas e pelas regras de jogo.

Bem, agora que estás familiarizado com grande parte das tuas funções, irei apresentar-te os conteúdos que vamos abordar para o ensino do Voleibol.

Aprende a Técnica:

Para atingires o objetivo do jogo, tens de saber fazer e aplicar as habilidades técnicas do voleibol.

Conteúdos	Pontos Importantes
Posição Base - É a posição a partir da qual poderás receber, passar a bola, finalizar em passe colocado e deslocar-te no campo. 	- Apoios ligeiramente afastados e pernas fletidas. - Tronco e braços ligeiramente fletidos. - Olhar dirigido para cima e para a frente.
Deslocamentos	- Parte da posição base e coloca o corpo atrás da bola.

- Para poderes executar qualquer ação técnico-tática tens de estar enquadrado com a bola. Para isso, tens de te movimentar e deslocar sem nunca cruzares os apoios.

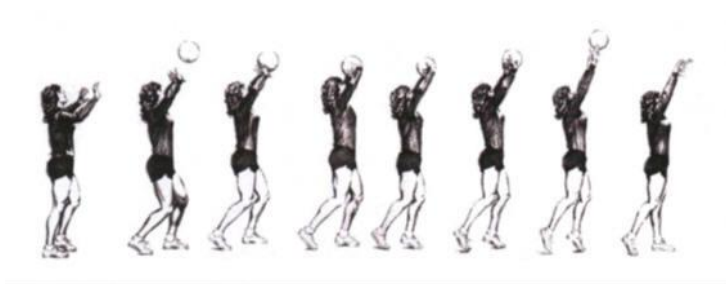


- Desloca-te enquanto a bola está no ar, através de deslize lateral sem nunca cruzar os apoios.
- Para antes do contato com a bola.

Passe

- O passe é um gesto técnico essencial. É decisivo para a continuidade das ações ofensivas e permite a ligação entre os jogadores da mesma equipa. Corresponde, normalmente, ao segundo toque na bola.

Passe Alto de Frente



- Posiciona-te debaixo da bola, de modo que esta fique acima e à frente da tua testa.

- Antes de iniciares o contato com a bola, tens de ter pernas e braços fletidos (com os cotovelos acima dos ombros e as mãos acima e à frente da testa), e os pés afastados, um à frente do outro.

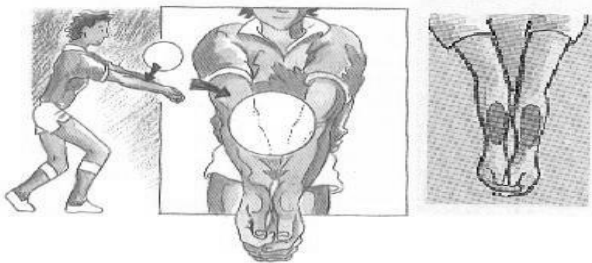
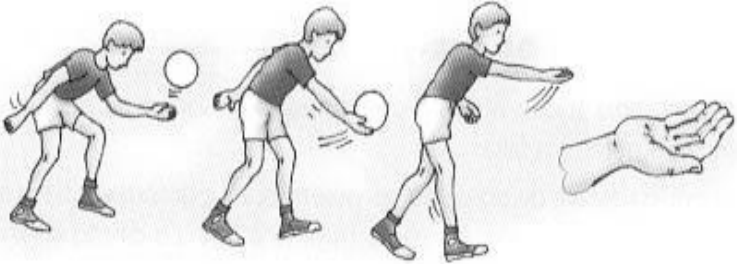
Passe Alto de Costas



- No momento de contato com a bola, toca-a com as extremidades dos dedos e estende as pernas e os braços num movimento contínuo, ao estilo de uma mola.

- Coloca os pés afastados (à largura dos ombros).

- Para contactares com a bola, flete os braços e as pernas. Para a enviases, estende as pernas.

	- Contata a bola acima da cabeça, com as mãos orientadas para o teto, arqueando as costas e estendendo ligeiramente o tronco, assim como a cabeça, seguindo a bola.
Manchete - Para a realização de bolas com trajetória baixa, correspondentes normalmente ao primeiro toque, realiza-se a manchete, na qual o jogador contacta a bola com os antebraços. 	- Olhar a bola, inclinando o tronco ligeiramente à frente, fletindo as pernas e colocando os pés um à frente do outro. - Estender os braços, com as mãos sobrepostas e com os polegares e cotovelos unidos. - Bater a bola com os antebraços (não devem subir acima dos ombros) e, ao mesmo tempo, estender também as pernas ao estilo de uma mola.
Serviço por baixo - O serviço, ação técnica com que se inicia o jogo, consiste em bater a bola com uma das mãos, fazendo-a passar para o campo adversário. 	- Segurar a bola na mão, ao nível da cintura, e estender o braço contrário atrás. - Fletir as pernas e o tronco ligeiramente à frente e avançar a perna do lado oposto ao braço do batimento. - Largar a bola e batê-la na sua parte inferior com a mão aberta, mantendo sempre o

	braço estendido. Ao mesmo tempo, avançar a perna recuada.
--	---

Funcionamento das Aulas:

Antes de cada aula irás reunir-te com o professor no sentido de receberes instruções e orientações que te vão ajudar a comandares a tua equipa nos treinos e nas competições. Ao longo das aulas, o teu papel dentro da aula será cada vez mais ativo, pois vais organizar os exercícios e explicar os objetivos dos mesmos à tua equipa, sem nunca esquecer de os corrigires e motivares. No entanto, o professor vai estar sempre presente e pronto a intervir sempre que seja necessário.

Apesar de teres a função de treinador, irás realizar na mesma a aula, participando nos exercícios, sem nunca esquecer a função de treinador. No fundo, vais funcionar como um treinador/jogador.

Antes de cada competição, irás reunir com a tua equipa, motivando-a para a prática e explicando possíveis erros e estratégias a utilizar. Mas não te esqueças, promove sempre um espírito competitivo saudável e de cooperação, apelando ao respeito pelas regras e pelos colegas e ao Fair Play.

Desejo-te boa sorte nesta tua nova função, e acredito em ti e nas tuas capacidades para liderares a tua equipa a alcançar uma ótima aprendizagem!

Professor Pedro Costa

ANEXO V

Ficha de Arbitragem – Competição 2x2 Turma 7º G

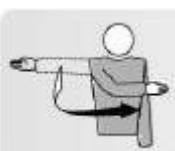


Para cumprires com eficácia e responsabilidade a função de árbitro deverás ter atenção aos principais objetivos:

- Verificar se a bola é dentro ou fora (caso toque na linha é considerada dentro);
- Verificar se existe irregularidade no número de toques por equipa e jogador (jogador e equipa podem dar, no máximo, até 3 toques);
- Verificar se a equipa cumpre a regra da rotação do serviço;
- Verificar se o marcador de pontos está correto, informando o colega que está na mesa do desenrolar do marcador.

Estes são os teus principais objetivos. São muito simples e fáceis de controlar. Cabe a ti aplica-los com autonomia. Quem manda és tu e as decisões são todas tomadas por ti!

Em baixo, segue uma tabela com um conjunto de imagens de sinais de arbitragem que deverás dominar para arbitrar o jogo de voleibol:

		
Bola Dentro	Bola Fora	Equipa a Servir
		
Falta de rotação da equipa	4 Toques	Autorização de serviço

Após estas indicações, estás agora em condições de arbitrar um jogo de voleibol.

Professor Pedro Costa

ANEXO VI

Competição 2x2 – Aula do dia 26 de Fevereiro 2015

Turma: 7ºG



Regras principais:

- Jogos de 6 minutos;
- Vitória= 3 pontos; Empate= 2 pontos e Derrota=1 ponto;
- Respeitar a rotação do serviço;
- Serviço em passe;
- Máximo de TRÊS TOQUES por jogador;

Calendarização:

1ª Jornada

Campo 1	A.O.5 (João/Diogo)	Vs.	The Smurfes (Paulo/Ruben)
Árbitro: Margarida			
Marcador de Pontos: Marta			

Campo 2	The Smurfes (Leonor Costa/Maria)	Vs.	A.O.5 (Mafalda/Leonor Lavrador)
Árbitro: José Adriano			
Marcador de Pontos: Joss			

2ª Jornada

Campo 1	The Smurfes (Paulo/Margarida)	Vs.	A.O.5 (João/Marta)
Árbitro: Joss			
Marcador de Pontos: Leonor Lavrador			

Campo 2	A.O.5 (Diogo/Mafalda)	Vs.	The Smurfes (Ruben/Maria)
Árbitro: Leonor Costa			
Marcador de Pontos: José Adriano			

3ª Jornada

Campo 1	A.O.5 (João/José Adriano)	Vs.	The Smurfes (Paulo/Joss)
Árbitro: Leonor Lavrador			
Marcador de Pontos: Maria			

Campo 2	The Smurfes (Leonor Costa/Margarida)	Vs.	A.O.5 (Mafalda/Marta)
Árbitro: Ruben			
Marcador de Pontos: Diogo			

4ª Jornada

Campo 1	The Smurfes (Paulo/Leonor Costa)	Vs.	A.O.5 (João/Mafalda)
Árbitro: Diogo			
Marcador de Pontos: Margarida			

Campo 2	A.O.5 (José Adriano/Leonor Lavrador)	Vs.	The Smurfes (Joss/Maria)
Árbitro: Marta			
Marcador de Pontos: Ruben			

5ª Jornada

Campo 1	A.O.5 (Diogo/José Adriano)	Vs.	The Smurfes (Joss/Ruben)
Árbitro: Mafalda			
Marcador de Pontos: Leonor Costa			

Campo 2	The Smurfes (Margarida/Maria)	Vs.	A.O.5 (Leonor Lavrador/Marta)
Árbitro: João			
Marcador de Pontos: Paulo			

6ª Jornada

Campo 1	The Smurfes (Joss/Margarida)	Vs.	A.O.5 (José Adriano/Marta)
Árbitro: Maria			
Marcador de Pontos: João			

Campo 2	A.O.5 (Diogo/Leonor Lavrador)	Vs.	The Smurfes (Ruben/Leonor Costa)
Árbitro: Paulo			
Marcador de Pontos: Mafalda			

ANEXO VII

Evento Culminante 3x3 – Aula do dia 19 de Março 2015 Turma: 7ºG



Regras principais:

- Jogos de 12 minutos (com intervalo de 2 minutos);
- Vitória= 3 pontos; Empate= 2 pontos e Derrota=1 ponto;
- Respeitar a rotação do serviço;
- Serviço em passe ou em serviço por baixo;
- Máximo de TRÊS TOQUES por jogador;

Calendarização:

1ª Jornada

Campo 1	A.O.5 (Leonor, Mafalda e Marta)	Vs.	The Smurfes (Paulo, Ruben e Joss)
Árbitro: Joss			
Marcador de Pontos: Diogo Neves			

2ª Jornada

Campo 1	The Smurfes (Paulo, Ruben e Joss)	Vs.	A.O.5 (João, Diogo e Zito)
Árbitro: Leonor Lavrador			
Marcador de Pontos: Leonor Costa			

Professor Pedro Costa

ANEXO VIII

FICHA DE JOGO – COMPETIÇÃO 2X2

TURMA: 7ºG



Jornada		Campo	
Jogo			
Árbitro		Marcador	

Equipa	
Jogador	Pontos

Equipa	
Jogador	Pontos

Pontos no Total				
1	2	3	4	5
6	7	8	9	10
11	12	13	14	15
16	17	18	19	20
21	22	23	24	25

Pontos no Total				
1	2	3	4	5
6	7	8	9	10
11	12	13	14	15
16	17	18	19	20
21	22	23	24	25

Resultado Final			
Equipa	Pontos	Pontos	Equipa

Assinaturas:

Árbitro	
---------	--

Marcador	
----------	--

ANEXO IX

Ficha de Bonificações – Voleibol

7º G



Nome da Equipa: _____

AULAS		Aula 1	Aula 2	Aula 3	Aula 4	Aula 5	Aula 6
Rotina	Assiduidade						
	Pontualidade						
	Comportamento						
Apresentação	Equipamento						
	Festividade						
Cooperação	Alunos trabalham em equipa						
	Não existem conflitos						
	Motivam e ajudam os colegas						
Equidade	Todos participam						
	Os “melhores” preocupam-se com os “menos bons”						
	Todos passam por todos os papéis						
	Todos estão integrados na sua equipa						
Empenho	Alunos estão motivados						
	Alunos são entusiastas						
Cumprimento das regras	Joga de acordo com as regras						
	Respeita o árbitro e as suas decisões						
Fair Play	Respeita os adversários						
	Lidou com os conflitos da forma mais adequada						
TOTAL							

Professor Pedro Costa